

Revista da Semana

Ano XLIV - N.º 41
9 de Outubro de 1943

Cr\$ 2,50
NA CAPITAL

Cr\$ 3,00
NOS ESTADOS



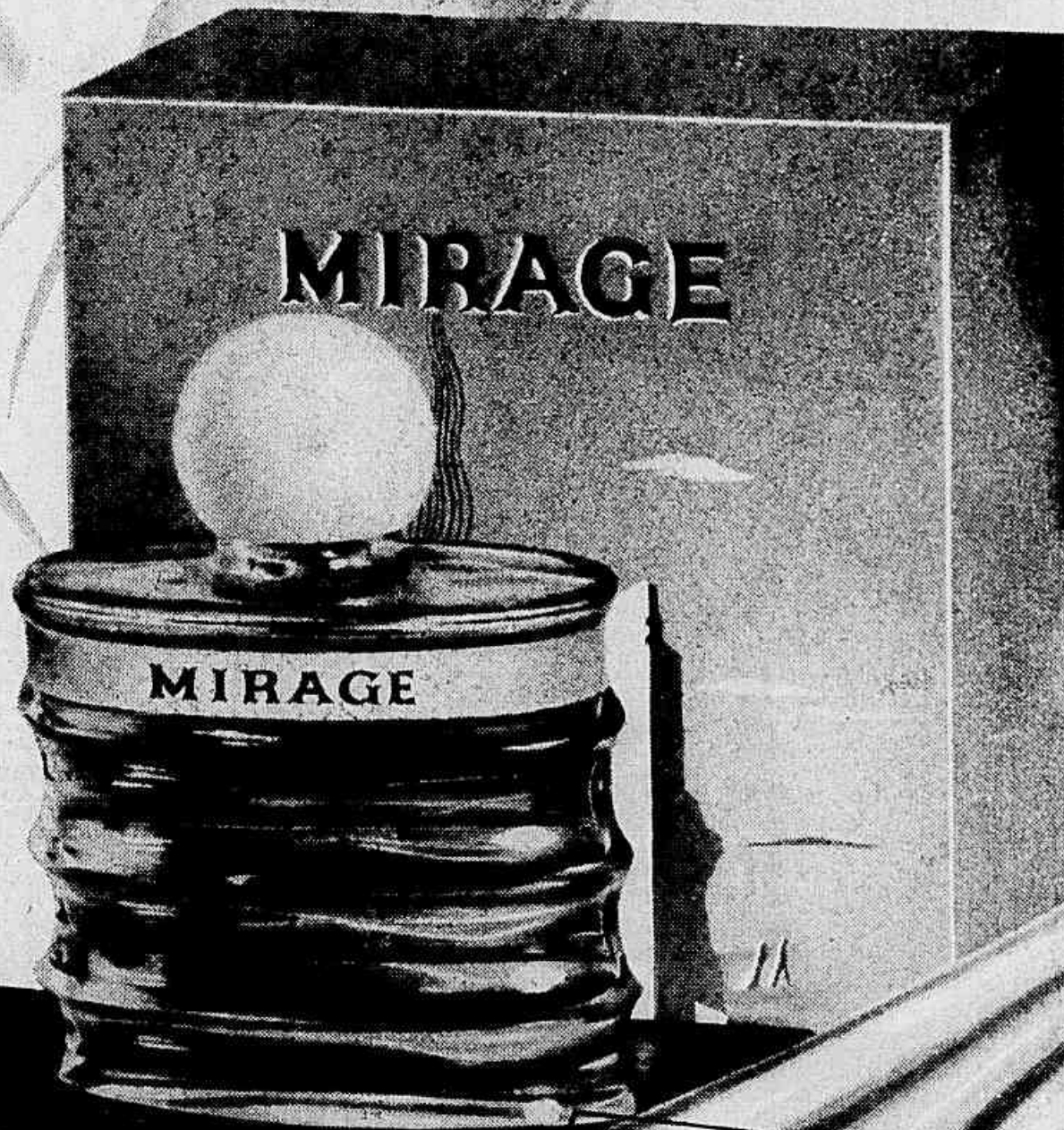
Grande suplemento de guerra no texto

mirage



— "Tenho medo de beijar-te... Receio
que ao contato de meus lábios se
desvaneça o encanto deste minuto"...

Envolve-se neste ambiente
de romance com "MIRAGE".



UM SONHO DE PERFUME
QUE REALIZA SEUS SONHOS

UM PERFUME
ATKINSONS

Milagre do silêncio

OCTAVIO TAVARES

FOI assim como se o telégrafo tivesse anunciado ao mundo a realização da viagem da Terra à Lua ou a obtenção da quadratura do círculo. Uma notícia espantosa e de eco incalculável. O orbe inteiro deve ter fremido de surpresa, num justo aturdimento, porque, em sã verdade, há cousas que tem de ser aceitas como reais e que, entretanto, não podem deixar de ser recebidas sem incredulidade.

Afinal de contas, se ninguém é obrigado a acreditar nisto ou naquilo sem a prova experimental de S. Tomé, como acolher uma realidade duvidosa apregoada pelo telégrafo?

E o telégrafo mente mais do que o famigerado barão de Munchhausen...

Entretanto, posta no pé em que o foi, a notícia que Londres espalhou pelo universo terá de ser admitida como um fato. É um milagre, não resta dúvida; mas, enfim, um milagre que se verificou agora, no nosso século, como a provar que eles não eram privilégio de outras éras.

Trata-se, nem mais nem menos, do caso de haverem sessenta mil mulheres, na Inglaterra, guardado durante duas intermináveis semanas o segredo de uma conferencia nacional, revelada tão somente quando da sua inauguração no Albert Hall com a oratória incisiva do sr. Winston Churchill.

Se o Diabo não é tão feio como se pinta, a Mulher — vamos e venhamos — não é também o que se diz. Enfeitando a literatura de todas as épocas, vêmo-la oprimida e exaltada, numa aturdidora sucessão de altos e baixos, mas, se medirmos os prós e os contras; o balanço acusará um saldo negativo de conceitos... Irreverência ou perversidade? Isso é lá com os que se afdigaram na obstinação de torná-la menos grande do que é.

A astuciosa de Goldoni, o demônio de Victor Hugo, a fragil de Shakespeare, a mentirosa de Byron, a interrogação de Julio Dantas, a caprichosa de Julio Diniz, a doente de Michelet, o enigma de Coelho Netto, a adivinha de Hous-saye, a instintiva de Balzac, a pantera de Aristóteles — a Mulher tem vindo através dos séculos a resistir a apodos e doestos.

Nunca, porém, resistiu à pecha de ser indiscreta, guardadora precária de segredos...

Nas altas esferas das letras, La Bruyère afirmava que o homem guarda melhor o segredo alheio do que o seu, e que a mulher, pelo contrário, guarda melhor o seu segredo do que o alheio...

E a musa popular, no esplendor desfaçado da sua irreverência, não trepidou em proclamar que

"QUEM TIVER O SEU SEGREDO
NÃO CONTE A MULHER CASADA,
PORQUE ESTA CONTA AO MARIDO
E O MARIDO AO CAMARADA..."

Aí está! As duas citações, em prosa boa e em versos máus, valem por uma definição eloquente daquilo a que a língua do povo dá o nome pitoresco e — forçoso é confessar — admiravelmente achado, de "saco-rôto".

Mesmo aqueles que não querem ir nem tanto ao mar nem tanto à terra terão de constatar que a mulher não compreendeu suficientemente a apreciação biológica de Zenon, quando o filósofo grego observou que a circunstância de haver a natureza dotado os seres humanos de duas orelhas e uma boca queria significar que as criaturas deveriam ouvir mais do que falar...

Ah! o silêncio! Como Salomão tinha razão ao dizer que até o insensato, quando calado, passará por sábio!

Entretanto — saíam gregos e troianos! — não foi uma mulher apenas que se calou, que guardou segredo, milagrosamente compenetrada de uma missão ou de um dever cujas bases residiam no silêncio. Não foi uma única mulher a fazer o sacrifício que as idades julgaram impossível até agora: foram sessenta mil, foram multidões, batalhões, legiões de mulheres, irmanadas na mesma resolução de acabar de vez com essa credence multi-secular de que não seriam capazes de um heroísmo supremo.

Por mais estranho que pareça, foi o que se deu. Calaram-se. Esperaram quinze dias — sabe Deus como! — pelo momento em que, desfeito o mistério do conclave de saias, o mundo inteiro iria saber que a mulher é, quando quer, capaz de tudo, até de guardar um segredo!

E a humanidade, com toda a sua perfidia, e todo o seu mau vezo de ser pessimista, pensava teimosamente que segredo de mulher era segredo de Polichinelo!

Talvez nenhuma das sessenta mil discretíssimas convocadas de Churchill conheça, de nome ao menos, o velho e veneravel padre Antonio Vieira, porque o inglês ainda é o patriota que a ironia do Eça apontava como um propositado ignorante da lingua dos outros povos. Talvez... Mas talvez também tenha tido cada uma delas a intuição da frase, que é uma verdadeira máxima do *Chrysostomo português* — "exército rôto pode-se fazer com soldados; um segredo rôto não se pode soldar com exercitos"...

O milagre poderá ficar explicado nesse esplêndido conceito do grande jesuita.

Mas não vá alguém perguntar à gloriosa ancianidade de Bernard Shaw o que pensa de tudo isso. Porque o *blagueur* inato acabará por achar que não ha quem guarde melhor um segredo do que a mulher...

Perguntem a cada uma das sessenta mil discretíssimas de Churchill a idade e esperem que alguma delas diga!





Você pode curar seu filhinho

A Irmã Kenny mostra às estudantes a perna afetada da doente, e diz que...



...no seu método, um dos primeiros passos é o do relaxamento dos músculos. Assim, examina-se na perna do paciente o músculo que está em espasmo. Quando isso é determinado um calor intenso é aplicado sobre ele para relaxá-lo completamente.

Nosso objetivo é a "reeducação" e é necessário ensinar às vítimas como usar seus músculos outra vez.

Compressas de lã humedecidas em água muito quente são aplicadas sobre os músculos para relaxá-los. As juntas, entretanto, não deverão ser cobertas.



Esta juvenzinha, por exemplo, já encontrou o caminho do completo restabelecimento. Ela está, agora, exercitando os músculos e aprendendo como usá-los novamente. Presta muita atenção porque deseja que "eles" trabalhem perfeitamente.

Sim, coitadinha, e quase foi condenada a usar um aparelho que possivelmente torná-la-ia uma aleijada. Mas agora suas "chances" são outras... e brilhantes.

Sentindo sensações quando Irmã Kenny move sua cabeça, esta menina está aprendendo a coordenar os músculos. Certos músculos tendem a ficar inativos durante o curso da doença porque movê-los é muito doloroso. Esta "alienação mental", como a denomina a Irmã Kenny, persistindo, causa a paralisia e atrofia.

Um caldeirão de água muito quente e um cobertor estão ao lado da cama do menino doente para o tratamento pelo calor. O tempo para obter-se o relaxamento muscular é diverso para cada doente.

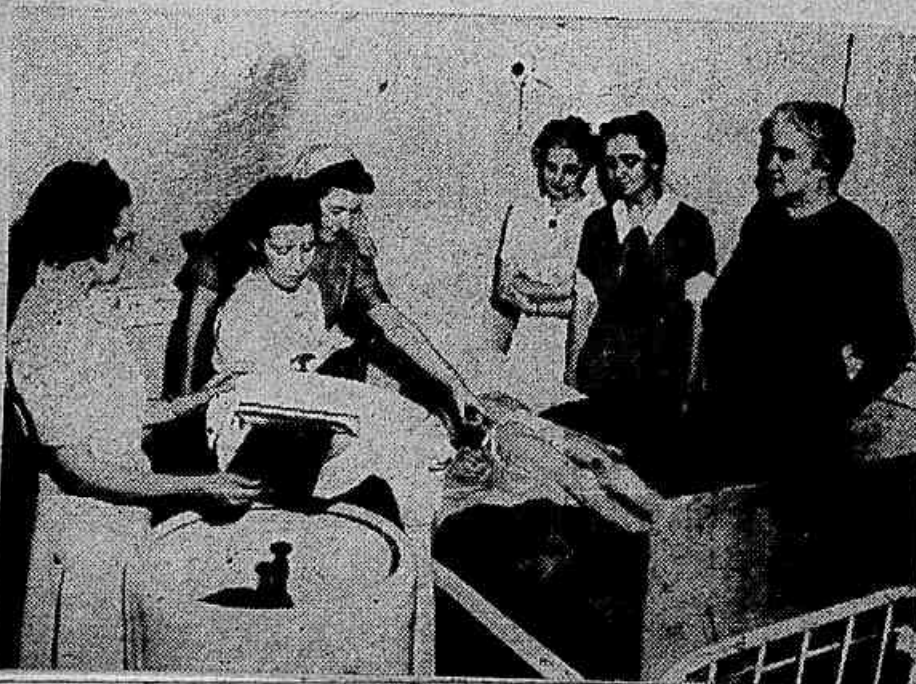
Reportagem fotográfica de Wayne Bell

— especial para a REVISTA DA SEMANA —

A paralisia infantil, que elevava sobremaneira o índice de mortalidade na infância em quase todos os países do mundo quando não creava aleijões ou deformidades, em geral, irremovíveis, encontrou numa enérgica e bondosa enfermeira australiana — a "querida" irmã Kenny — o seu maior e mais temível inimigo.

De tal maneira foi constatado o êxito do método Kenny que os mais afamados cientistas americanos, reconhecendo-o, pediram a sua colaboração para os hospitais dos Estados Unidos, país onde esse terrível mal constituía um verdadeiro flagelo.

Constituiu, dizemos bem, porque a Irmã Kenny já tem obtido curas extraordinárias com o seu método que — como as fotos elucidam — poderia sintetizar-se em três palavras: quanto à técnica: "simplicidade"; quanto ao emprego: "paciência" e quanto ao resultado: "êxito".





Quando se ganha a confiança e a cooperação do paciente, metade da batalha foi vencida. Aqui aparece como a Irmã Kenny induz a doentinha a trabalhos com ela. Perseverança vence a maioria dos casos.



Com o cãozinho de brinquedo debaixo do braço, Ellen Marie Mc. Gurk, de nove anos de idade, acaba de deixar um hospital de New York, completamente curada da paralisia infantil pelo método Kenny. Enfermando em Agosto, Ellen, deixou o hospital em Novembro, sem aparelho e sem defeito.

Diga isto a seu Marido

Quando seu marido estiver sem apetite e se sentir indisposto ou adoentado, com empachamento, peso, dor e outros desarranjos do estômago, a língua suja, mau gosto na boca de manhã ou durante o dia, peso, calor e dor de cabeça, tonturas, nervosismo, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça e moleza geral, dores, cólicas e outras perturbações do ventre, muita sede e queimadura na garganta, ânsias e vontade de vomitar, mau hálito, indigestão, arrêtos, gases, diga-lhe que todos estes sofrimentos são causados por substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, e que use **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre evita e trata estes sofrimentos porque combate a prisão de ventre e limpa o estômago e intestinos das substâncias infectadas e fermentações tóxicas que tão grande mal podem causar a todo o organismo.

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre
em casa **Ventre-Livre**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

A nossa capa

O numero de hoje estampa a fotografia de um aluno do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, do exército dos Estados Unidos. Com a entrada da valorosa nação americana na guerra que incendia o mundo, um dos maiores problemas que se apresentou foi o da formação intensiva e sempre crescente de oficiais, aptos ao comando dos pelotões nos diversos setores de luta e capazes de se adaptarem as mais diferentes condições de clima. Formar homens nessas condições, dentro de um tempo o mais possivelmente restrito, é problema por demais complexo, atendendo-se que o oficial é o responsável direto pelos seus homens e pela sorte das batalhas. Entregar o comando de pelotões a quem não está suficientemente preparado para fazê-lo é organizar a sangue frio suicídios coletivos,

de proporções tragicas, aos quais se seguiria inelutavelmente a derrota por maior que fosse o ardor combativo e a coragem dos soldados. O civil acostumado às comodidades de uma vida que difere essencialmente daquela que encontra na caserna, sente de início, que não lhe serão fáceis os dias de treinamento e a conquista da sua patente de oficial.

Bem verdade é que esses elementos passam por um processo de selecionamento, visando-se assim poupar material sempre precioso, mormente quando se enfrenta uma guerra de tão vastas proporções, e por outro lado, que não sofra a menor solução de continuidade e quebra de ritmo a formação de oficiais, mas nem por isso menor se torna o problema, nem menos aflictiva a preocupação de que não venha a faltar quem comande na linha de frente os soldados da democracia.

O moço americano, cuja fotografia mostramos na capa da revista, dentro de treze semanas, estará na primeira linha de combate guiando os seus homens para mais uma vitória.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

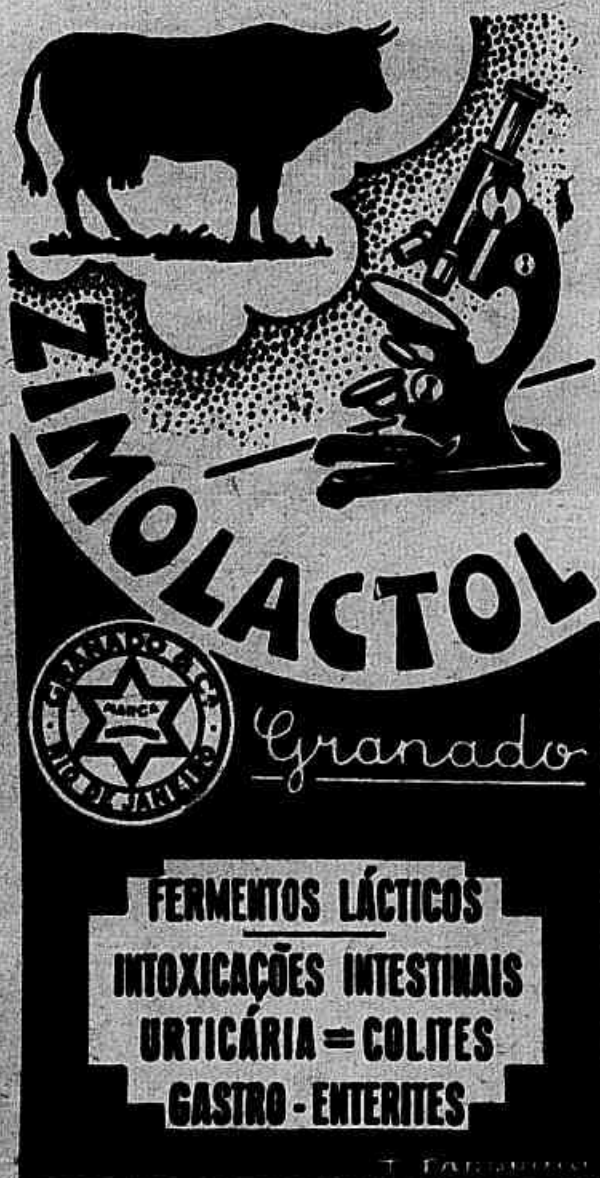
Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00

BOLETIM DO CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

Acabamos de receber esta preciosa publicação do Conselho Nacional de Geografia, contendo uma porção de informações úteis para todos aqueles que se dedicam à ciência geográfica em geral e às coisas do Brasil em particular. Entre os trabalhos de real valor que neste numero aparecem, temos a destacar a transcrição da aula inaugural do curso de Geografia Humana da Universidade do Distrito Federal, pronunciada a 28 de abril de 1936 na Escola de Belas Artes pelo professor Pierre Deffontaines. Esta bela peça de ciências é também obra poética. Deffontaines tem uma visão artística da geografia humana, que, como o seu próprio nome o diz, sendo a mais humana das ciências deve ser também a mais poética. É uma bela lição esta que finaliza com as seguintes palavras:

"A Geografia ensina de certa maneira uma moral. Ela demonstra, ao mesmo tempo, a grandeza e a pequenez do homem e reúne o dilema de Pascal; ensina, além disso, uma moral de responsabilidade. Cada geração inscreveu sobre a terra a sua obra geográfica, obra de organização, de progresso. O homem é, de certo modo, responsável pela terra, ele não deve degradá-la. Cada um de nós trabalha para que esta terra seja menos áspera, mais humana. Assim é, indiscutivelmente, uma moral de fraternidade o que ensina a geografia humana, e aí está toda a sua grandeza."

Contém, além disso, o Boletim um erudito estudo sobre a "Recessão das Galáxias", um artigo sobre o "Esboço Geológico do Brasil", além de outras valiosas contribuições, notícias e uma completa resenha bibliográfica de tudo que se publica no Brasil sobre assuntos geográficos.



ZIMOLACTOL
Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

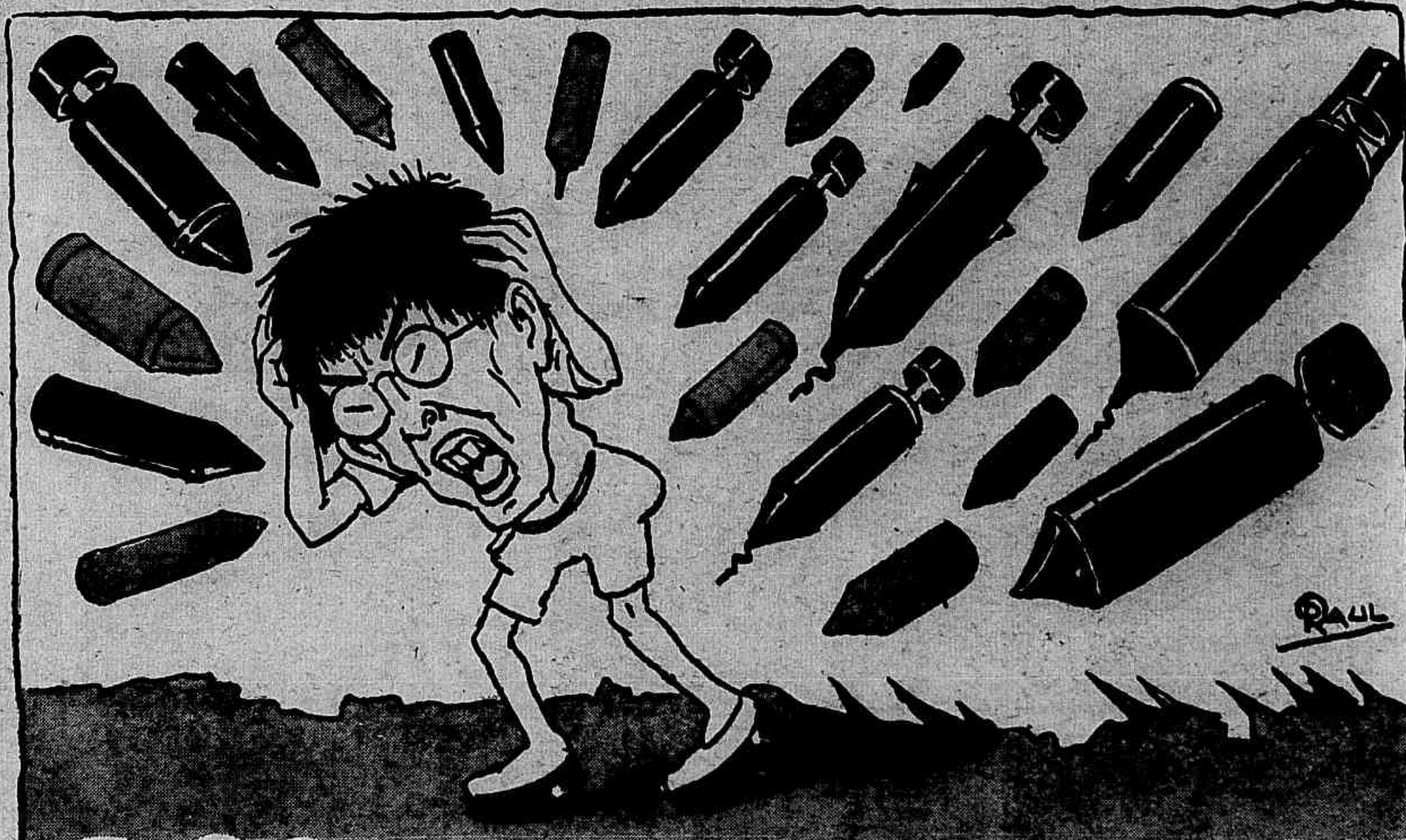
QUEIXUMES...



"Minh'alma é triste como a rôla aflita..."



"Só quem não ama não sente... quando seu bem vai se embora..."



"A' noite o plenilunio é como um sonho?... ou pesadelo?..."



Da meia noite ao amanhecer

ALLAN VAUGHAN ELSTON

(Novela traduzida do inglês, especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

A praia era estreita, uma simples faixa de abrigo entre a laguna e o rochedo. O próprio rochedo era como uma estranha cortina de coral. O luar banhava-o, tingindo-lhe de rosa pálido as asperezas e fissuras da superfície. Uma rede de fetos e de trepadeiras pendia-lhe dos bordos; e acima desta uma franja de palmeiras curvava-se para diante, ousadamente, a desenhar sombras densas no mar.

A jangala do fundo parecia impenetrável — e todavia de repente uma jovem marquesana emergiu no topo do rochedo, emoldurada pelas frondes. Surgiu com uma cautela mais ou menos culpada, como o namorado que se dirige a uma entrevista proibida. Cabelos negros e lustrosos escorriam-lhe até a cintura, captando o brilho da noite tropical, como a graça flexuosa de seu talhe se confundia com a das palmeiras.

Badaladas de sino, vindo da laguna, assustaram-na. Mas era apenas uma escuna ancorada ao largo, dando oito toques, meia noite. Uma única luz brilhava no tombadilho. Outra luz cintilava numa gruta na praia, no posto de polícia francesa, e foi para essa que a rapariga olhou com uma prudência maior. Da aldeia de sua gente, lá atrás, não vinha nenhuma luz.

Por um momento, a moça estacou sobre o rochedo, alerta e linda. Depois esgueirou-se cautelosamente até as bordas da pedra. Com as mãos jovens e vigorosas agarrando os cipós e com os pés metidos em alpercatas prendendo-se a cada aspereza do penedo, desceu rapidamente. A meio caminho, entrou numa gruta ou pequena caverna, ali rasgada há muito tempo pelo vento e pelas ondas.

— Jim! — chamou docemente.

Teve que introduzir-se na gruta e repetir o chamado antes de Jim Cameron ouvi-la. Ele se ergueu do sono e procurou uma candeia. Depois de acendê-la, teve o cuidado de resguardá-la para que a luz não pudesse ser vista do exterior.

Então levantou-se, maltrapilho, arranhado pelos espinhos, sujo, de aspecto inteiramente insólito: — Você, de novo, Maumeena! — sorriu ele. — E' melhor ir embora, pequena. Se descobrirem que você está me escondendo, você vai se ver atrapalhada.

— Só tenho medo por você, Jim, disse ela.

— Ainda estão batendo os bosques à minha procura, não é?

— Revistaram todos os lugares, exceto este, Jim.

Jim apanhou a última manga do cesto de frutas que ela havia trazido na noite anterior. Cravou os dentes com força na polpa sumarenta.

— Olhe aqui, Maumeena — perguntou com ar intrigado. — Por que é que você toma todo este trabalho por um simples vagabundo?

— Você não é um vagabundo, Jim, protestou ela rapidamente. Os olhos negros, adoráveis, se a luz fosse mais intensa, teriam dito mais coisas. Para ela, Jim Cameron era um deus. Amara-o desde o dia em que ele havia desertado do navio naquela ilha — desertado para sempre e por motivos suficientes, inclusive uma aversão à comida bichada que era servida por um camaroteiro chinês de cara bexigosa. Mais tarde, quando Jim Cameron foi acusado de um crime punível com a pena de morte, Maumeena não quis por um momento sequer acreditar que ele fosse culpado. Também, nem que fosse verdade, isso faria qualquer diferença. Ainda assim, arriscaria a vida e a alma, para o esconder até que ele pudesse safar-se em segurança desta ilha.

Era um ilhote impenetrável, Namoa. Com um pequeno e impenetrável governador-residente, Mr. André Chambreaux. Chambreaux era um homem honesto, mas dolorosamente severo, sendo seu credo inalterável que os assassinos deviam ser logo mandados para a forca.

— Jim — avisou Maumeena, num murmúrio — qualquer dia eles o apanham neste canto. Você precisa ir embora logo.

Jim fez uma careta: — Como? De bicicleta?

— Aquele navio sai amanhã — disse ela, apontando para a luz do tombadilho na laguna.

Ele sacudiu a cabeça, em ar de dúvida. — Não há nenhuma chance, Maumeena. Os franceses revistam aquela escuna todas as manhãs, tão certos como um relógio. Não adiantava que eu sáisse daqui e me escondesse nela, na véspera da partida.

Mas a rapariga replicou gravemente: — Eu acerto com o capitão. Ele é meu bom amigo. Jim riu repreensivamente. — O que? Você arranhou um amigo marinheiro? Tome cuidado com esses marujos, Maumeena. Eles namoram com você e deixam você deste jeito!

— E estalou os dedos em depreciação de todos os marinheiros.

— Ele esconderá você em segurança, se eu pedir.

— Ele não conseguiria isso, nem que tentasse.

Mas a pequena chegou-se mais para ele e lhe cochichou um certo plano. Jim escutou sem atenção, ao princípio, mas finalmente a habilidade do projeto o impressionou.

— Talvez dê certo — admitiu pensativamente. Okay. Se ele o puser em prática.

— Vou procurá-lo agora, prometeu ela. — Se ele disser sim, voltarei para buscar você pouco antes do amanhecer.

Num impulso de gratidão, Jim empurrou-lhe o queixo para trás, enquanto com o outro braço a atraía ao peito. Beijou-lhe a boca pela primeira vez. — Para o caso de alguma coisa não dar certo e que eu não veja mais você — disse despreocupadamente.

— Jim! — Como ela se agarrasse com ele, arquejante, seu ardor fê-lo sentir-se um pouco envergonhado. — Agora corra, Maumeena — apressou-a delicadamente. Nada de considerações graves, só porque uma bonita rapariga da ilha estava tentando salvar o pescoço dum camarada.

Depois que ela saiu, apagou a candeia. Olhando para fora, viu-a descer agilmente pelo rochedo e depois impelir uma canoa para o largo.

Da escuna vetu uma badalada, anunciando que era meia noite e trinta. Ela estaria de volta antes do amanhecer, o que queria dizer que quatro ou cinco horas decorreriam antes de saber a resolução do comandante. Jim, impaciente, chupou a última manga. Desde que aquela decisão significava para ele a vida ou a morte, dispôs-se a aguardá-la em aguda expectativa.

O navio para o qual Maumeena dirigia sua canoa era um pequeno veleiro de três mastros, o **Skipalong**, pertencente a Joel Carfax, que o comandava. Embora o **Skipalong** tivesse feito no princípio o comércio de cocos, Carfax, adquirindo-o, adaptara-o à pesca de pérola, mas o principal comércio que fazia era o das conchas. A tripulação consistia de nove pessoas, incluindo um mergulhador. Todos, exceto Carfax, e o comissário, eram negros kanakas da Nova Caledônia.

Carfax estava acordado até tarde, essa noite, jogando cartas com o imediato. Quando o imediato se recolheu pouco depois das oito badaladas, Carfax deitou no copo um gole de conhaque, para beber, solitariamente, antes de ir também dormir. A sineta avisou-lhe que havia um guarda de vigília. Ele era muito rigoroso a esse respeito, mesmo quando ancoravam numa laguna quieta como Namoa. Era seu método de conservar os kanakas constantemente sob disciplina.

Sou uma badalada e poucos minutos depois o negro de guarda surpreendeu Carfax anunciando-lhe uma visita. "Aquele moço moreno quer ver o senhor, comandante".

Carfax debruçou-se à amurada. Tinha uma bela figura, ali, alto, com os ombros magrinhos e a farda limpa, coisa raramente vista num tombadilho daqueles, a tais horas, nos mares ardentes. Mal passava dos quarenta anos e com uma cabeleira bonita e ondulada, só a rudeza da mandíbula proeminente e os olhos azues implacáveis impediam que Joel Carfax fosse um belo homem.

Os olhos azues acenderam-se e as faces bronzeadas ficaram vermelhas ao ver que a pequena era Maumeena. Sorriu. — Então, afinal de contas, você se resolveu a vir, hein?

— Não, eu não vim, protestou ela, rapidamente. — E' uma coisa que eu quero que você faça por meu amigo.

Carfax mordeu o lábio. Muitas vezes lhe havia pedido que fosse embora com ele; ultimamente chegara mesmo a oferecer-lhe comparecer diante dum sacerdote em Papeete. Era por causa de Maumeena que ele deixava tantas vezes a âncora naquela laguna. A pesca da pérola era lá bem pobre. A carga de conchas que o mergulhador apanhava mal valia o trabalho da colheita. Todavia, Carfax demorava dias e dias, esperando que a mais linda rapariga da ilha mudasse de opinião.

— Suba, Maumeena, e venha tomar alguma coisa.

Ela porém não aceitou. — Você disse que faria tudo por Maumeena, não foi? — perguntou ansiosamente.

— Tudo que fosse razoável — respondeu ele cautelosamente.

Quando soube que ela queria que escondesse a bordo um fugitivo para o levá-lo consigo, Carfax abanou a cabeça. — Você está pedindo muito. Eu arranjará complicações, escondendo esse sujeito.

— Por favor, faça isto — suplicava ela. — Jim é um bom rapaz. Não matou ninguém.

— Um diabo, que ele não mateu! O residente me disse que ele foi apanhado em flagrante. — Carfax acendeu um charuto e o plantou no canto da boca, em ângulo agudo para o alto. — Além disso, todas as manhãs veem revistar o navio, para ver se ele se escondeu na noite anterior.

— Se você fizer o que eu digo eles não o apanharão, prometeu Maumeena. — Curvou-se, então, para Carfax e lhe soprou seu projeto.
Carfax viu imediatamente que daria certo. Ao mesmo tempo viu como poderia manejar a situação de acordo com os seus desejos.
— Muito bem, Maumeena. Você o traga aqui um pouco antes do dia nascer, e eu o meto debaixo do navio.
Ela agradeceu efusivamente. Depois que ela se afastou em direção à praia, Carfax ficou de pé, olhando-a num ar de triunfo. Depois o negro de guarda bateu duas badaladas na sineta — uma hora.

Duas pancadas bateram de novo, quatro horas depois, às cinco horas, quando Maumeena esgueirou-se para fora de casa, na aldeia. Dirigiu-se por veredas torcidas para o topo do rochedo e daí desceu outra vez para a gruta de Cameron.

— Venha, Jim — murmurou ela. — O bom comandante disse sim.
Jim agradeceu-lhe. Seguiu-a descendo para a praia. Aí embarcaram numa canoa e remaram para a escuna. O primeiro clarão do dia estava quebrando sobre os recifes, quando atracaram.

— Outra vez muito obrigado, Maumeena — disse Jim. — Agora rume para casa e se meta na cama, de modo que você arranjará um alibi.
Beijou-a, depois saltou para bordo.

Carfax apareceu ao lado dele, alto e branco. — Você é Cameron?
Jim fez que sim. Os dois homens permaneceram tranquilamente à luz das estrelas, observando Maumeena, enquanto ela remava para a praia.

— Eu estou me arriscando um bocado — disse Carfax.
— Não o censuro por parecer um pouco constrangido — sorriu Jim. — Mas eu o ajudarei a aliviar a consciência, pois a verdade é que eu não fiz o que estão dizendo.

Carfax lançou um olhar penetrante. — O residente — disse com rispidez — contou-me que você foi apanhado em flagrante.

— Eu fui apanhado com a mão no bolso de Jeff Latham — admitiu Jim — um momento depois de alguém o ter atacado.

Carfax levantou uma sobrancelha. — Você admite que estava revistando os bolsos dum morto?

— Por um motivo decente — explicou Jim. — Você sabe, Jeff era um camarada digno. Tratava-me como um homem branco. Assim eu descobri que ele estava saturado disto aqui. Havia vendido as plantações por duas mil libras em dinheiro e ia voltar para a Inglaterra no próximo navio. Eu sabia que ele tinha o dinheiro na carteira.

— E' admitir muito, não é?

— E' admitir um fato — insistiu Jim. — A princípio eu não sabia que ele estava morto, compreenda. Parecia que alguém o havia atacado por causa do dinheiro. Assim, meti a mão no bolso dele, para ver se a carteira havia sumido. Havia, sim. Então chegaram alguns guardas nativos e me agarraram.

— Você correu?

— Sim. Perdi a cabeça e escapuli. Assim eles agora pensam que eu escondi a carteira na jangala. No alto daquele... — e hesitou.

— Daquela o que? — interveiu Carfax.

— Deixemos isso. — Jim encolheu os ombros. Hesitava em meter Maumeena no assunto.

Mas naturalmente as autoridades francesas não haviam deixado de considerar este ângulo. O ângulo feminino. Naturalmente todos sabiam que o jovem e impressionável Jeff Latham perdera a cabeça enamorado pela rapariga mais linda de Namoa. Uma rapariga que reservara todas as suas atenções a um desertor sem vintem, Jim Cameron. Provavelmente fora a recusa de Maumeena por Latham que induzira o jovem plantador a vender tudo e abandonar a ilha. Mas, não adiantava conversar a respeito disto com Carfax.

— Muito bem — disse Carfax friamente. — Assim que passarmos pela inspeção da manhã, admitindo que arranjos isso, você vai lá para baixo e se conserva fora de vista escondido até que eu esteja pronto a desembarcá-lo. A razão é um comissário que comprou passagem para Papeete. Ele não estará à sua procura, mas poderia falar se o visse.

— Perfeitamente justo — concordou Jim.

— Eu não posso naturalmente levá-lo para uma colônia — disse Carfax. — O melhor que temos a fazer é desembarcá-lo num ilhote de coral cerca de mil milhas daqui. Há água fresca e frutas. Posso deixar-lhe algumas provisões e você pode esperar até que isso tenha sido esquecido.

Manhã alta, o residente veio em pessoa, com uma turma de policiais indígenas, para se certificar de que o fugitivo não estava escondido no **Skipalong**.

— Não que eu não acredite no senhor, Monsieur Carfax — explicou o francês polidamente. — Mas esse sujeito pode ter nadado de noite, sem o senhor saber e estar escondido.

— Reviste à vontade — acenou Carfax com um gesto largo.

O residente notou que a tripulação estava entregue aos trabalhos habituais. Bertie Ingrams, o páldio imediato, estava sentado no convés, dirigindo a arrumação das conchas. Os kanakas, descalços e sujos, nas suas tangas, andavam acima e abaixo. Dois deles tocavam uma manivela que a intervalos retirava do mar um balde de conchas.

A tripulação de mergulhadores estava trabalhando, um homem tocando a bomba e outro a dez metros de profundidade, no fundo da baía. O residente espiou por cima da balaustrada e pode ver, através da translúcida água verde, a crista dum capacete de cobre lá em baixo. — Alguma pérola, monsieur? — indagou cordialmente de Carfax.

— Não estou com muita sorte. E' por isso que vamos embora — respondeu Carfax sombriamente.

As escotilhas foram revistadas minuciosamente. Do mesmo modo as cabines, a cozinha, cada recanto acima e abaixo do convés. Nenhum clandestino foi encontrado. Afinal o residente foi embora, depois de pedir muitas desculpas.

Carfax esperou até que viu o bote do oficial atracar em terra. Então voltou-se para piscar o olho para o imediato. Podia contar com a reserva de Ingrams, que tinha discretas razões particulares para ficar quieto. Quanto aos dois negros, tudo o que Carfax sabia sobre eles era que estavam flutuando numa jangada, pouco depois duma fuga numa prisão de Nova Caledônia.

Agora, a um sinal de Carfax, o mergulhador foi içado. Chegou ao tombadilho, gotejando, como um monstro grotesco dum grande olho de vidro. Mas, quando o capacete de cobre foi desparafusado e removido, quem estava dentro era Jim Cameron.

— Tire esse agasalho e esconda-se lá em baixo, ordenou Carfax duramente.

Cameron meteu-se na cabine para remover o aparelho. Mas, a primeira coisa que tirou foi um objeto de couro encharcado d'água do mar, que, enquanto atravessava o convés, mantivera apertado no vão da axila esquerda. Achara-o meio escondido entre raízes de algas, no leito do mar.

Olhando-o agora, a convicção de um fato corporizou-se no espírito de Jim. O que ele segurava era uma carteira de couro. Estava completamente vazia, mas as letras douradas do nome de Latham eram ainda legíveis.

O atacante de Latham devia ter trazido sua pilhagem diretamente para aquele navio! Depois de esvaziar a carteira, devia tê-la jogado no mar.

O primeiro impulso de Jim foi nadar para a praia e apresentar esta prova ao residente. Depois viu que não adiantaria nada. Não poderia provar onde a havia achado. Achar-se de posse dela seria portanto apenas dar mais um laço em torno do próprio pescoço.

Depois do meio dia, Carfax dirigiu-se à praia e procurou Maumeena na aldeia indígena. — Não vai — anunciou-lhe laconicamente. — Mudel de resolução.

Seu aspecto aterrou a rapariga. — Que é que você está dizendo?

— Estou dizendo que é um risco muito grande. Cumplicidade com o crime, você sabe. Assim vou diretamente dizer ao residente que Cameron está escondido na escuna.

Ela agarrou-lhe o braço, freneticamente. — Mas, você me havia prometido...

— Eu voltarei atrás — interrompeu ele rispidezmente — se você me pagar bem.

— Eu sou pobre — protestou ela. — Não tenho com que pagar...

— Tem, sim. Mais de uma vez lhe ofereci um lar no meu navio. Ofereci casar com você, com todos os sacramentos, e você disse não. Diga sim... e eu não falo com os franceses sobre Cameron.

Um soluço subiu do peito da jovem. Ela escondeu o rosto.
Carfax acendeu um charuto e lhe falou persuasivamente. Ela poderia achar melhor situação? Não era ele o dono do seu navio? Leva-la para ver um mundo de maravilhas, para lá daquelas ilhas, comprar-lhe-las sedas e fitas e lhe poria anéis nos dedos. — Ou então fique aqui e eu vou entregar Cameron — terminou.

A pequena olhou para ele com olhos aterrorizados. — Mesmo que eu vá, como vou saber que você o desembarcará em segurança? — perguntou.

— Você pode vê-lo desembarcar, com seus próprios olhos. — Carfax continuou a falar a respeito do ilhote com frutas e água fresca. Ela poderia ficar no tombadilho da escuna e ver Cameron desembarcar, depois prosseguir viagem com Carfax, para se apresentarem a um sacerdote em Papeete.

— Não importa o que me aconteça — disse ela em pranto — contanto que Jim se salve.

— Há somente um ponto a resolver — acenou Carfax. — Se Jim perceber esta barganha, ele não concordará. Ele se entregaria, ou brigaria, ou pularia no mar... faria tudo, menos deixar você metida nisto.

Ela compreendeu claramente.

— Quer dizer — explicou Carfax — que nós não diremos que você está a bordo.

Você pode conservar-se na sua cabine. Tranque-se lá, se assim quiser.

— Mas, minha gente... começou ela.

— E' melhor que não vejam você vir para bordo. Você nada como um peixe, Maumeena. Escapula assim que formos levantar a âncora, e eu subo você pela amurada.

Quando a escuna largou através dos recifes, esta noite, Jim Cameron estirou-se no porão, entre pilhas de conchas de cheiro intenso. No tombadilho, Carfax estava galantemente esvaziando a própria cabine, para ser usada por uma pequena namoana. Explicou à tripulação que estava fugindo com ela e que iriam casar-se em Papeete.

Para si, Carfax tomou a cabine do imediato, relegando Ingrams para o alojamento da tripulação.

Depois Carfax entregou-se seriamente à tarefa de conquistar. Visitando frequentemente a cabine de Maumeena, portava-se como um galã atencioso. Presenteava-a com vinhos e frutas. Dias depois estava lendo coisas dos livros para ela. Constantemente demonstrava de modo bem claro que ela ia ser sua mulher legal, assim que atracassem em Taïti.

Nesse ponto, Carfax era sincero. O único meio de ficar seguro de uma mulher, sabia, era fazê-la dizer sim de livre e espontânea vontade, diante dum sacerdote.

Rumando para deixar o arquipélago Baixo, o **Skipalong** velejava sempre para sudoeste. Algumas vezes corria com ventos frescos, com as escotas à flor d'água. Outras vezes, em calmarias, fendia as águas com um motor auxiliar zumbindo em baixo.

Maumeena raramente emergia da cabine. Quando o fazia, a vastidão dos horizontes aterrorizava-a. Nunca estivera tão longe de casa. Tudo o que a sustentava agora era que Jim Cameron estava cada vez ficando mais longe do perigo de Namoa.

Para Carfax matinha uma expressão impassível.

Pacientemente o homem tentava vencer-lhe os sorrisos. Quando falhava, sabia que ela estava pensando em Cameron. Porém dizia para si mesmo que isso não seria sempre assim. Essas polinesianas levam a vida muito levemente e facilmente esquecem. Esta, assim que Cameron fosse desembarcado em segurança, haveria de tornar-se mais sociável. A vaidade pessoal persuadia Carfax de que era certo ganhar no fim.

Varejando seu escritório, em procura de alguma coisa que divertisse ou deliciasse a moça, achou um anel de ouro cravejado com um pequeno diamante. Levou-o para a cabine dela.

CIGARRO

BIG BEN



**E' NOTAVEL
NO AROMA
E SABÔR**

BIG BEN

É UM PRODUTO "SUDAN S. A."

MAÇO CR.\$1,20 • TIPO AMERICANO

E MUITOS CHEQUES DE VALOR

CHEQUES

A FAMA

SERÁ lançada à publicidade dentro de poucos dias, a nova obra do sr. Amílcar Dutra de Menezes, intitulada O FUTURO NOS PERTENCE.

O nome do sr. Amílcar Dutra de Menezes é conhecido em todo o Brasil. Espírito lúcido e culto, ocupando presentemente o alto cargo de Diretor Geral do D. I. P., o autor de O FUTURO NOS PERTENCE, apresenta, com este livro, uma palpitante novela de fundo histórico, na qual aparecem focalizados os acontecimentos principais da vida nacional, de 1930 até os dias atuais.

Do interessante livro do capitão Amílcar Dutra de Menezes destinado a grande sucesso, oferecemos aos nossos leitores um sugestivo capítulo:

Do litoral ao agreste, da campanha verde-plana às serras, dos rios gigantes à selva misteriosa, as vozes erguiam-se, os instintos apuravam-se e os músculos retesavam-se.

A Revolução Nacional!

Bronzeados nordestinos e alvos filhos do Sul juntavam-se aos homens de



Cap. IV — Geraldo entusiasmado grita: — “Foi com esta que se fez a revolução”.

O SOL DA LIBERDADE

Amílcar Dutra de Menezes

outros recantos do Brasil, nesse encontro que a Pátria marcara com o destino...

A história estava agora sendo escrita a um só tempo, pelos rebentos das bandeiras, pelos descendentes dos guararapes e ressurgindo rutilante no galar-dete das lanças dos netos dos farroupilhas.

Era um anseio coletivo, um supremo esforço para a reconquista da própria pátria.

Geraldo tinha razão.

Era uma revolução com ideais. Tão grandes, tão supremos que causavam vertigens à simples contemplação de sua altura, com os olhos do espírito...

A revolução tinha um Chefe. Tão forte, tão sereno, tão brasileiro que o Brasil de toda a rosa-dos-ventos cerrara fileiras em torno dele, uno e maciço qual um monólito.

Agora, era aguardar o futuro com confiança.

A rua do Arvoredo ia, em peso, ver a chegada do gaúcho, que despertara o gigante.

Aprestavam-se simbólicas bandeiras.

A “trinca” do “seu” Fernandes colocara, nos faróis do carro, bandeiras do Estado de Minas Gerais: eles eram mineiros, de Belo Horizonte...

Pouco importava a Paulo que assim o fisessem; arranjaria uma bandeira de São Paulo, Estado onde nascera toda a sua família...

Com essa bandeira é que faria a saudação ao Chefe...

Geraldo, Zé Duarte e Estevão traziam bandeiras do Brasil. Estas, porém, não estavam em maioria.

O pessoal da rua da Pedreira, da

Quintino Bocaiuva, da 24 de Maio, tinha de tudo: bandeiras de Alagoas, do Rio Grande do Sul, do Paraná.

Bandeiras do Brasil, tão poucas... Jacob não tinha bandeira.

Andava em torno do grupo que se aprestava para a marcha triunfal sobre a cidade, meio tonto, meio desconfiado.

D. Iracema estava visivelmente emocionada. Entrou no auto, solene, como quem fosse assistir a uma festa real.

“Seu” Fernandes rasgava cumprimentos ao velho jornalista, que fora posto em liberdade e passara a ser o ídolo da rua do Arvoredo...

Rui falava, entre gestos:

— Que coisa maravilhosa! Que festa de cores!

Geraldo aprovou, em silêncio, a imagem do filho do advogado.

O grupo, repentinamente, alvoroçou-se em discussão generalizada: questão de bandeiras...

Azedavam-se.

Mário riu, malicioso e pessimista:

— E o Geraldo afirmou que todos eramos brasileiros.

Geraldo fitou-o, enérgico e confiante. Levantou a bandeira do Brasil e respondeu:

— Foi com esta que se fez a Revolução!

Zé Duarte e Jacob olharam embevecidos.

Mário não respondeu.

O pai de Rui assistira à cena toda.

Avançou, solene, polido e, num aperto de mão, falou a Geraldo de forma a ser ouvido:

— Você é o símbolo da mocidade que há de surgir desta Revolução!



E' O MELHOR
E
NÃO E' O MAIS CARO!



A VENDA EM TODO O BRASIL

T. T. MARQUES

Livros Novos

O PINTOR DO ROMANTISMO, vida e obra de Manoel de Araujo Porto Alegre, por De Paranhos Antunes — Rio de Janeiro, 1943

O sr. De Paranhos Antunes, autor de numerosas obras em prosa e verso, cultiva com especial cuidado e o mais louvável escrúpulo a biografia. A este gênero se podem filiar, na sua bagagem, *Antonio Vicente da Fontoura, o Embaixador dos Farrapos*; *Elogio de Marcelo Gama*, *O centenário do Marechal de Ferro*, *Osório*, *História do Grande Chan-*

celer; *Andrade Neves, O Vanguardista*, outros trabalhos ainda, que, sem trazer no título o nome dum personagem, comportam investigações e apreciações com o objectivo histórico e glorificador. A tão nobre série se vem juntar agora o amplo e substancioso volume consagrado ao Barão de Santo Angelo.

O autor quiz nos mostrar quem foi Manoel de Araujo Porto Alegre desde o momento, por assim dizer, em que se verificou o primeiro sinal daquela peregrina individualidade. Faz-nos ver os desenhos, esbocetos, apontamentos flagrantes, garatuhas, a que o colegial, talvez às escondidas, talvez com grave reprovação do professor, applicava "as horas roubadas ao estudo". Fala-nos das escapadas do rapazinho para os arredores de Porto Alegre, em busca de curiosidades para o seu "museu". Leva-nos assim, minuciosa, caprichosa mas nunca cansativamente, por entre os pormenores de que, pelo mais natural dos interesses, vamos tomando nota para os relacionar, os conjugar e assim melhor compreender o futuro homem e a sua obra, imortal.

O autor do *Pintor do Romantismo* escapa à regra dos que, tratando de exaltar quaisquer figuras, largamente se não principalmente se ocupam de si próprios. Neste livro, como já em outros fizera, entregou-se por completo à missão do historiografo concienzoso, empenhado em relatar, explicar e, tanto quanto possível, apresentar sob um novo aspecto exato, a uma nova luz reveladora, a personalidade em questão. Assim de Porto Alegre, pintor e arquiteto, nada deixou por expôr e examinar. Quanto ao poeta, dramaturgo, orador, ensaísta, crítico, forçosamente se limitou a referencias ligeiras. Reservou talvez essas matérias — e oxalá que assim seja — para outros volumes que com este formarão uma larga biografia geral de Araujo Porto Alegre.



O BRASIL PELA IMAGEM, desenhos e legendas de Seth — Rio de Janeiro, 1943.

O BRASIL
pela imagem



O sr. Alvaro Marins (Seth) oferece-nos uma obra por todos os títulos preciosa, inclusivamente o da raridade. Faz-nos admirar por cerca de duzentas páginas de grande formato panoramas da terra brasileira, dos mais bárbaros aos mais civilizados, bem como os tipos mais curiosos da sua gente, as cenas capitais da sua história e ainda episódios mais ou menos característicos, mais ou menos expressivos da sua vida através das épocas.

A primeira série de quadros compreende a Floresta, a Caatinga, o Rio, os Palmares, o Pântano, as Montanhas, o Mar, a Paisagem de Verão e a Planície. Quadros, dizemos, porque estes trabalhos à pena merecem, pelo engenho da composição, o poder expressivo, a sugestiva beleza, aquela definição de arte. E tudo pelo album fora: *Brasil indígena*, *Brasil Colonial* — Séculos XVI, XVII, XVIII — *Brasil Reino*, *Brasil Império*, *Brasil Republica* está tratado pelo artista, não só com o mais rigoroso cuidado de documentação, mas também com a applicação dum artista autêntico e convicto, que por todos os assuntos e motivos se apaixonou e não sabe se não fazer o melhor que pode. Os desenhos de Seth fazem pensar em Gavarni, nos mestres ilustradores cuja colaboração iguala, se positivamente não excede, a obra literária. Ma no *Brasil pela imagem*, só ha, a bem dizer, a contribuição da História. As legendas de cada página o artista mesmo as escreveu, com singeleza e brevidade, não porém menos apropriada ou utilmente do que faria qualquer escritor.

A SETIMA CRUZ, romance de Anna Segher, tradução de Otávio Mendes Cajado — Rio de Janeiro, 1943.

Este romance conta a fuga de sete prisioneiros do campo de concentração de Westhofen. Um deles, George Heisler, consegue burlar a vigilância implacável, desalmada, da Gestapo. Até, porém, chegar à embarcação que o levará para a Holanda, passa por toda a sorte de sofrimentos. É uma odisséia dolorosissima, através da qual ainda o herói se angustia, se atormenta com as perseguições que por sua causa padecem amigos e conhecidos, quantos mais ou menos desejariam prestar-lhe algum socorro. A própria mãe que, tanto quereria vê-lo, trema à idéia da sua pre-



sença, por mais breve que seja, no lar cercado por espiões. Receia até que outro filho seu entregue aquele à Gestapo. E essa tragédia se desenvolve por longas páginas, tratada num estilo singelo, direto, vibrante de espontaneidade e que por isso a vai tornando cada vez mais impressionadora.

J. L.

Um livro da
mais palpitante
atualidade!

UM MUNDO SÓ

Por WENDELL WILLKIE
Tradução de MONTEIRO LOBATO
2a. EDIÇÃO

Acaba de ser apresentada a segunda edição de UM MUNDO SÓ, um dos maiores sucessos literários do nosso país. A primeira edição, de 10.000 exemplares, esgotou-se oito dias após o seu lançamento. UM MUNDO SÓ é um relato da sensacional viagem de Wendell Willkie ao redor do mundo em guerra, na qual visitou a África, o Oriente Médio, a Rússia, a China e outros lugares. Do que viu e observou nessa longa viagem, das entrevistas que teve com reis e ministros, almirantes e generais, soldados e homens do povo, ele nos dá conta neste seu livro, num estilo eminentemente pessoal, vivo e inquieto.

★ UM MUNDO SÓ superou todos os recordes de vendas nos Estados Unidos — 938.631 exemplares vendidos em pouco mais de um mês! ★
Volume em brochura Cr\$13,00

Brevemente na coleção «GUERRA E PAZ»
A ITÁLIA POR DENTRO, Richard Massock
A ALEMANHA POR DENTRO, Lochner
A QUEDA DE PARÍS, Ilya Ehrenburg
JORNADA ENTRE GUERREIROS, Eva Curie



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

S. PAULO

Peça pelo Serviço de Reembolso Postal — Livraria Civilização Brasileira. — Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo — Rua do Ouvidor, 94 — Rio de Janeiro.

AGUA DE COLONIA

Regina

A RAINHA DAS AGUAS DE COLONIA

Tenha sempre á mão "REGINA", a agua de colonia tipica de perfume fragrante e ameno, refrigerante suave e calmante para os dias de calor.

T. TARQUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL

TRADIÇÃO QUE SE EXTINGUE

Sebastião Almeida Oliveira

Em magistral artigo condicionado ao título "Dança dos reflexos e batuque das sombras", aparecido na imprensa paulista, Roger Bastide, catedrático da Universidade de São Paulo e renomado sociólogo, comenta, com reflexões e advertências judiciosas, a rápida transmutação de valores oriundos da civilização ocidental que se opera em nosso país, à custa do sacrifício não compensado de tradições que nos são caras, principalmente as de origem afro-ameríndia.

E a verdade está ao lado do abalizado articulista dado que o fenômeno existe. Assistimos, desolados e impotentes, ao deperecimento progressivo daquilo que num passado não mui remoto constituía saborosa manifestação de nossa demopsicologia, típicas usanças que a caudal de raças estranhas carrou para o Brasil no decurso de algumas centúrias, aqui se fixando em suaves caracterizações impregnadas de cor e expressão próprias: maracatús, quilombos, batuques, reisados, congadas, dansas, cantorias e práticas de caráter primitivo, tudo isso vai sendo irremediavelmente extinto à medida que vão morrendo os reis congos e moçambiques, ou quando os praticantes desses ritos vão sendo absorvidos pelos preconceitos vigentes, renegando, a serviço de mentalidade iconoclasta, aquilo que era inerente à sua raça, herança autêntica de seus antepassados.

E' uma poesia inteira a morrer lentamente sob os nossos olhos, — valendo-nos das palavras desse comentador que adiante prossegue: "Não vai nisto um perigo? Não se estará por aí procurando fazer do Brasil um país apenas de reflexos que se agitam?" — concluindo com um brado de alerta: "E' preciso que os intelectuais de cor tomem a defesa de sua herança cultural, salvando uma arte que o Brasil de amanhã lamentará ter deixado desaparecer".

Sirvam estas nossas palavras de aplauso ao erudito autor da "Psicanálise do cafuné" que, sabiamente norteado, vem estudando as bases de nossa formação cultural, incentivando-nos a conservar esses legados artísticos dos antepassados. Na realidade convinha deter a avalanche que se precipita e salvar, enquanto é tempo, os resquícios folclóricos inda sobrenadantes na alma simples do povo, aqueles reflexos que fizeram a estrutura da nacionalidade, valores antigos que é preciso acorçoar e não denegrir, como soe acontecer, para provarmos a outros povos que também estamos na vanguarda...

O clima do planalto paulista não é propício ao negro. Vai ele ali lentamente definhando, seu pigmento diluindo-se paulatinamente no cruzamento racial que aqui se opera. Com ele desaparece aos poucos todo esse cortejo de tradições afro-brasileiras que tamanha doçura e colorido emprestou ao nosso passado. As manifestações artísticas dos **colored men** rareiam cada vez mais e dentro em pouco não mais poderemos assistir às suas exteriorizações a um tempo ingênuas, primitivas e tocantes. Bom seria lembrarmos do exemplo de velhos povos europeus que tão sabiamente conservam suas tradições!

Aproveitando o tema de que vimos tratando, achamos azado o momento para também lançarmos nosso modesto apelo afim de que, ao lado das manifestações da cultura importada, cultuemos, sem desprimor, essas poéticas expressões de nosso folclore, mistura de elementos indígenas, negros e lusitanos. Ampla defesa do patrimônio espiritual de nossa gente formado no decurso de quatro séculos de vida histórica é a que vem de ser feita pelo governo paulista ao instituir a Assistência Técnica dos Festejos Populares. Mas não é tudo. Tratemos também de ir catalogando, antes que irremediavelmente se percam, todas essas particularidades inatas ao nosso rico folclore. Guardemos do olvido e do esquecimento esses milhares de expressões populares que aparecem espontâneas na alma do povo e imperceptivelmente se perdem à míngua de quem as registre. Necessário é preservar de destruição as polímorfas joias folclóricas cristalizadas em cantigas e trovas, versos e descantes de viola; lendas, contos e parlendas; superstições, crendices, hábitos e costumes; fábulas, trovas e relatos populares e ainda modismos, frases-feitas, parêntesis e idiotismos da gíria, todas essas criações improvisadas da sabedoria popular, amálgama de usanças e práticas da gente brasileira que, evoluindo e assimilando valores novos, perde gradativamente seus característicos próprios em benefício da cultura alienígena.

A FAZENDA

Recebemos o numero 7, do ano 38, de A FAZENDA, revista mensal. E' a edição correspondente a Julho de 1943.

Dr. José de Albuquerque
Membro da Sociedade de
Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
RUA DO ROSARIO, 172 — DE 1 ÀS 7



FALTA-LHE O APPETITE?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Esta falta de appetite é devida ao desarranjo das funções digestivas que resulta da acumulação de tóxicos no organismo. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de efeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue, evita a somnolencia e a falta de appetite. Mas... não aceite substitutos!

'SALDEFRUCTA' ENO



A função dos acentos em português

Obra em que BRITO MENDES explica, com a máxima clareza, a maneira de acentuar os palavras em português, de acordo com a ortografia fonética oficialmente adotada e trazendo anexo o formulario ortográfico da Academia Brasileira de Letras.

PREÇO: CR\$ 4,00 — PEDIDOS À

Livraria-Editora Zelio Valverde

Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2956 — Rio
Remessas para o interior pelo Serviço de Reembolso Postal.

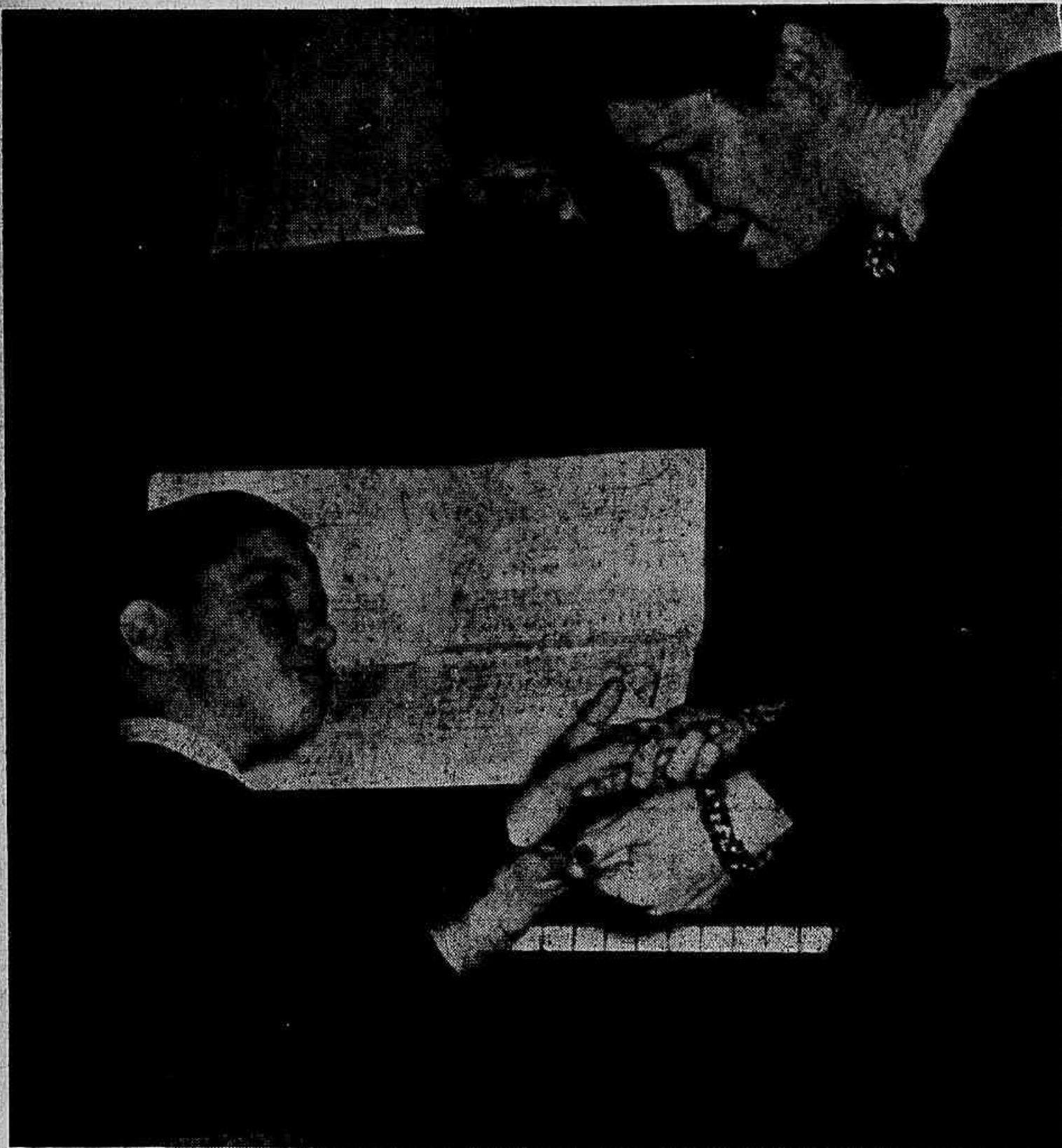
BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 19 horas

**DEPOSITOS
DESCONTOS
CAUÇÕES
ALFANDEGA, 50**

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.



—MAS, JORGE, VOCÊ VEM PARA O PIANO, COM ESSAS MÃOZINHAS DE MOLEQUE?— MAMÃI ESTÁ ZANGADA. O PIANO — PRESENTE DE BESANZONI LAGE CONSERVA, INDIFERENTE, A MARCA DOS DEDINHOS INCERTOS.

N O pátio ajardinado, para além do portão largo de ferro, um garoto vai e vem no velocípede.

— Meu bem, D. Violeta está?

— “Você não está vendo? A Mamã está lá em cima, na varanda!” E Jorge ria rodando o velocípede.

Mas na varanda, através os ramos adolescentes do arvoredo, eu via, apenas o vestido azul de uma menina. A criada, abrindo silenciosamente a porta convidava a entrar. Os passos rápidos de Violeta já saltavam na escada. E em meio minuto, no salão harmonioso e simples, quase austero, a grande cantora entrava sorrindo, estendendo duas mãos afetuosas, com a silhueta azul de Maria Cecilia agarrada e inseparável como a sombra presa à imagem. Como é diferente da artista das noites gloriosas, essa Violeta de “sweater” marinho, pouco mais alta que a filha meninal! Que encanto diferente, íntimo, humano e vivo tem o rosto risonho, sobre o colarinho alvo e simples de colegial!

— “Veja a minha filha! Quasi do meu tamanho! Por menos de cem mil réis não encontrei, ontem, sapatos para ela!” Entretanto não são os nove anos de Maria Cecilia que caminharam muito depressa. Foi Violeta que parou na medida da adolescência, depois da última boneca e antes do primeiro romance; pequenina e ag. l como um pássaro ao sol.



“VAMOS ESCOLHER UMA FOTOGRAFIA?”

Elas conhecem a Gloria...

VIOLETA COELHO NETO

Reportagem
de SARAH MARQUES
(Especial para a “Revista da Semana”)

— “SOU UMA MULHER ANTIGA” — OS DENTINHOS TORTOS — A MENINA VAIDOSA E O GAROTO LEVADO — ELA ESPERA A GLORIA: NÃO A PROCURA — VIOLETA COELHO NETO DE FREITAS LONGE DO PALCO

A CORRENTE DA VIDA

— “Mamã, eu posso tomar um pouquinho?”

Jorge sentira o perfume quente do café e abandonara o velocípede.

— “E eu também posso, Mamã?” pedia Maria Cecilia.

Ali, sentada como uma japonesa no sofá amplo, fofo, delicioso, ela era, apenas, a mamã mais carinhosa do mundo. Recomendava á creada: — “Um pouquinho só e bem fraco ouviu?”

E depois, confidencial e feliz:

— “Minha verdadeira vida é esta: meu lar, meus filhos, meu marido. Não sou artista na expressão total da palavra. A Arte não tem força para quebrar as correntes afetivas que me prendem ao ambiente e às pessoas. Ela não exerce sobre mim, esse império tirânico e egoísta que destrói todo o destino dos gênios para reconstruí-lo segundo os seus moldes. Antes de cantar para as platéias iluminadas, eu canto baixinho, à sombra da lampada velada, adormecendo meus filhos.”

Entretanto, à medida que a palestra se prolonga, sombras



MARIA CECILIA É VAIDOSA. QUANDO VIU CHEGAR O FOTOGRAFO, SUBIU PARA AJEITAR O LAÇO DOS CABELOS.

distantes, invisíveis, entram na sala. O destino de Violeta Coêlho Neto de Freitas remonta às suas origens sobre a corrente da vida. E ela se nos mostra mais que mãe e esposa, mais que senhora de um lar sereno e dona de uma glória faustosa, filha de Coêlho Neto, flôr de uma velha raiz generosa e forte.

A GRANDE LEMBRANÇA

Violeta falava da infância. Contava travessuras. Maria Cecília com uns olhinhos irônicos, comentava:

— "Não tem o direito de zangar-se comigo, tem?"

Eu perguntei outra coisa. Queria saber, entre tantas lembranças, a que ficara, mais viva e mais funda no coração da artista. Um véo de tristeza desceu, de repente, nos seus olhos. O sorriso se apagou:

— "Mano!"

Tinha nove anos quando ele morreu. Mas se lembra de tudo, ouve ainda a voz amiga, às vezes zangada, às vezes muito meiga: — "Não chupe o dedo, Violetinha! Quando você for moça terá os dentinhos tortos."

— "Mas eu era incorrigível. Punha a mão no queixo e ficava empurrando os incisivos com o polegar. Depois que ele morreu, nunca mais fiz isso. A lembrança de Mano conseguia mais do que toda a pimenta em que me haviam curtido as mãos, anos inteiros. Mas era tarde... Meus dentes ficaram mesmo, tortos. Veja!"

P A P A I

De Coelho Neto, Violeta fala com o orgulho comovido em que se fundem o carinho filial e o respeito pelo gênio e pelo trabalho. Pequeninha, arrastando a mamadeira, tropeçando na longa camisola, descia sem ruído, a escada de madeira, sentava-se quietinha, num degrão e ficava escutando as tertúlias de arte e de literatura que à volta do Mestre, se reuniam todas as noites. Música, poesia, beleza — tudo o que hoje a sagra diferente das mulheres banais — Violeta Coêlho Neto bebeu, gota a gota, naquelas noites distantes.

Para que ela cursasse o Andrews, Coêlho Neto se fez professor, preso ao horário e ao programa, ele que tinha o instinto boêmio das cigarras.

Violeta recorda:

— "Como ele trabalhava! Alta noite, os seus chinelos de pelúcia desciam as escadas, sem rumor. E só a lampada assistia ao trabalho árduo do pensamento. Trabalhava tanto, anos a fio, que — ele era muito magrinho, o meu pai — o estofado da poltrona ficou rustido no lugar em que ele se sentava; e o roçar do leve chinelo de pelúcia gastou a madeira da mesa."

Quizemos ver essas relíquias da literatura brasileira. Estão no Museu Histórico. Não como peças preciosas conservadas para a posteridade, mas como simples peças de mobiliário. Ocupa-as o diretor do Museu na hora do expediente; olham-nas, sem nenhum respeito os que ignoram a sua procedência; os que, por isso, não podem evocar a fronte do Mestre curvada sobre o cristal "bisantê", as suas mãos magrinhas correndo infatigáveis sobre o papel, as chinelas de lã roçando a guarda da mesa.

Violeta Coêlho de Freitas tem certeza de que o Governo reunirá um dia os pedaços do seu lar de infância, construindo para as gerações futuras, a "Casa de Coêlho Neto". Voltará, então, o velho piano em que Dona Gaby ensinou à menina que queria cantar, o segredo das fadas que moram nas teclas brandas e nas teclas pretas.

M ã M ã I

— "Eu era uma terrível cantora de banheiro. Papai, não podendo impedir-me de cantar — ahl como eu era teimosa! — pôz-me a estudar aos 14 anos. Era uma válvula de expansão aos sons que se atropelavam na minha garganta; o "vocalise" amor-daçou durante três anos as minhas pretensões a diva adolescente."

A Roxy King, sua professora de canto, Violeta Coêlho Neto de Freitas se refere com uma gratidão raríssima nos que atingem a glória. É tão fácil dar um pontapé na escada quando se está lá em cima! Mas Violeta tem o coração fiel e sonoro de suaves melodias. Para Roxy King entoará, sempre, as baladas da ternura que não sabe esquecer.

Entretanto, no aprendizado artístico da adolescente, Mamã foi a doce, a boníssima, a melhor das mestras. Pianista de uma sensibilidade preciosa e rara, Dona Gaby revelou à filha o segredo dos grandes Mestres; ageitou no piano, os dedinhos incertos. E quando o estudo do canto exigiu as longas repetições pacientes, ela estava ali, acompanhando, aconselhando, corrigindo.

— "Mesmo quando a paralisia endureceu aquelas mãos em que a harmonia morava, ela não quis abandonar o posto de acompanhante. Quando os dedos amarrados pela molestia se recusavam a obedecer à vontade soberana, quantas vezes Mãezinha chorou sobre o teclado, desoladamente!"

Dona Gaby, agora, está presente, como a alma da bondade e da ternura no talento de Violeta. Ele canta:

— "Ela era coração, apenas um claro coração boníssimo. Papai jamais publicou um artigo ou fez um discurso sem consultá-la antes. Às vezes, revoltado por uma injustiça ou uma pequenez, ele transformava a pena em espada, a tinta em vitríolo. Mamã deixava-o ler até ao fim. Depois, com aquela voz mansa de santa:

— "Para que isso, meu filho! A violência não constrói coisa alguma." Ele se insurgia: — "Porque não hei de escrever tudo o que sinto? Afinal, sou um homem. Sou livre!" Mas, cinco minutos depois, estava concertando o original, polindo as arestas, abrandando os golpes. Papai morreu de saudade. Desde que ela se foi, não escreveu uma linha, não produziu mais."

Ouvindo-a, eu vejo o lar desaparecido em que ela se formou, flôr de graça, de talento e de meiguice. Penso na "Casa de Coêlho Neto" a promessa que o Governo fez aos orfãos do Mestre e que há de cumprir um dia prestando mais um serviço à cultura brasileira.



VIOLETA, NUMA EXPRESSÃO DE TERNURA HUMANA — "IRIS".

A GLÓRIA

Caldeado na temperatura do gênio que foi o ambiente de sua infância, Violeta Coêlho Neto, aos 17 anos, colheu as primícias do roseiral da glória. O que tem sido a sua carreira artística, os holofotes do sucesso têm atirado em borbotões de luz aos olhos do Brasil inteiro e além das nossas fronteiras. "Butterfly" cheia de doçura e de perdão, a sua figurinha mora em muitas lembranças como um crisântemo de ouro num vaso azul de porcelana. Nos olhos dourados do dial, a sua imagem chega às mais longínquas regiões, alimentando sonhos e embalando saudades. É a Glória!

Simples e desprezada, Violeta Coêlho Neto evolue no cenário iluminado. Mas as raízes de sua alma estão presas à casa, às ternuras simples, ao silêncio das grandes dedicações:

— "A glória é uma ilusão que se parte à toa. Uma noite infeliz, um desastre em cena, uma rouquidão, uma doença e — adeus! — resto fica."

Sou uma mulher antiga. Compreendo as modernas.

Perdô as mariposas que queimam as azas. Mas, para mim, a vida se resume em três amores: meu marido e os meus filhos."



CHEGADA A MONTEVIDEO. FOTOGRAFIA HISTÓRICA NA CARREIRA DA ARTISTA, QUANDO DE SUA PRIMEIRA "TOURNE'E" NO EXTERIOR.

A diplomacia, como carreira, faculta promoções e impõe remoções aos seus servidores. No vai-vem das remoções, continente a continente, paiz a paiz, o diplomata tem ensejo de vêr assaz de universo, embóra de atenção voltada sempre para o ministério dos Estrangeiros de sua nação. Na vida do diplomata a mala diplomática, suposta inviolável, pesa muito, além de ser especial no mundo ensacado e movido dos correios do mundo inteiro.

Os diplomatas brilham de dous modos: uns apenas por fardas bordadas e rutilar de veneras; outros por serviços grandes e às vezes inestimáveis. Alguns destes ainda dobram prestimos como memorialistas fixando a época e os homens das terras onde foram mandados viver.

Registradores imparciais ou não, prestam serviço à História, na qual as águas da informação não passam sem filtro, o historiador autorizado a descontos e reservas no julgar mortos, sucessos idos e fatos consumados.

Nas *Memórias de Alem Tumulo*, lembrado de ter sido embaixador em Roma, Chateaubriand deixou retratos de personalidades coevas, como o papa Leão XIII vestido à padre pobre, de gabinete de trabalho quasi desmobiado. Aos retratos ajuntou Chateaubriand varios *croquis* de colegas: o do embaixador espanhol passeando sózinho, devagar, "a pensar muito ou a não pensar"; o ministro de Napoies "a representar o seu paiz como o inverno representa a primavera, o diplomata sem cura das rosas de Poestum, mas atento só em não visar passaportes de estrangeiros suspeitos."

Chateaubriand troça os ministros de Estados pequenos e ri-se da "importancia deles, abotoada, formalista, silenciosa, em marcha de pernas juntas e de passinhos, parecendo aqueles ministros prestes a arrebanhar em segredos, que ignoram".

Certos diplomatas memorialistas relatam quanto viram, anotando períodos de historia dia a dia ou quasi, historiadores sem título e desprezenciosos. Quem quizer estudar ao vivo, por exemplo, a passagem da mal segura Segunda Republica Francêsa para o segundo Imperio, o de Napoleão III, recorra às *Lembranças de um Embaixador* do barão Hubner, alto representante da Austria em Paris de 1851 a 1859.

Em novo exemplo venha depoimento que de perto nos diz respeito. Certo dia, no fundo de uma lata, da Seção Historica do Arquivo Nacional, quem então o dirigia achou um manuscrito. Trazia o seguinte titulo: "*Noticia dos Diplomatas Que Na Côte de San Petersburgo representavão as diversas Côrtes da Europa, nos annos de 1843 a 1845*". Era autor do manuscrito antigo e conhecido diplomata nosso, José Maria do Amaral, que servio na legação do Brasil na Russia, com tempo de bem vêr S. Petersburgo.

Amaral dedicou a *Noticia* a D. Pedro II "como o derradeiro e mais humilde de seus subditos", pondo no seu trabalho a nota de Manuscrito Reservado. A diplomacia, por sua natureza e por seus fins, é de palavras discretas ou secretas, proprias dos gabinetes bem providos de pesados e solenes reposteiros. Não ha diplomacia aos berros, pois algodão expressões ferinas. Se não sabe mais, soube.

Não foram muitos os prazeres de D. Pedro II, censurado até por atos que todos os homens praticam sem maior reparo. Talvez por isto gostasse de viajar, acolhido por gente menos à espreita. No Brasil as melhores horas de existencia do imperador foram as decorridas na sua biblioteca, legada aos seus concidadãos quando alguns o exilaram.

A *Noticia* de Amaral deve ter conhecido a biblioteca imperial de S. Cristovão antes de parar em fundo de lata no Arquivo Nacional. Apreciando o esquecido manuscrito do amigo de Garrett, o diretor do Arquivo, historiôfilo, o divulgou.

Ao permanecer Amaral em S. Petersburgo era Nicoláo I czar de todas as Russias, como se uma só não bastasse. Sucederia a Alexandre I, que segundo uma lenda abdicara, desaparecera e morrera anacoreta na Siberia, em 1864, com o nome de Fiodor Kusmie. Na Russia mistica nunca o misterio destoou.

Em S. Petersburgo, de 1843 a 1845, Amaral privou com quatorze diplomatas. Estudou-os na sua *Noticia*, datada do Rio de Janeiro e neste da praia do Flamengo, a 1.º de Outubro de 1846.

O manuscrito de um diplomata

ESCRAGNOLLE DORIA

A *Noticia* traz anteloquio dividido em duas partes, Amaral apresentando antigos colegas à luz de nove pontos de vista, cada qual mais interessante.

Segundo Amaral, o diplomata observador de colegas ficará a cabo de alguns anos conhecendo a familia diplomática completa. Em negocio futuro saberá com quem trata e com quem deve tratar, informando o seu governo sobre os diplomatas de funções em diversas côrtes. Caso algum lhe apareça, a negocio ou não, o governo já saberá quem lhe está em casa e como haver-se com ele. Nas relações sociais é de grande utilidade ter informações prévias, embora incompletas, a respeito daqueles com os quais se vai entabolar conhecimento.

Dos colegas da Russia esboçou Amaral retrato fisico depois outro moral, não se esquecendo do teor de vida de cada observado.



O czar Nicoláo I (1796-1855) em cuja côrte José Maria do Amaral viveu na representação diplomática do Brasil, de 1843 a 1845.

Entre os pontos de vista enumerados em a *Noticia* figuram as opiniões sobre o Brasil devidas aos diplomatas acreditados na côrte russa e também os juizos por eles formados acerca da Russia, os de fóra julgando os de dentro.

Impossível é, por mingua de espaço sobre espírito sintetico, deixar aqui tudo quanto a *Noticia* encerra. Venham á consideração apenas algumas figuras por Amaral desenhadas a traço leve ou fundo.

O conde Colorado Waldersce representava a Austria na Russia. Com só quarenta anos o embaixador parecia ter cincoenta. Alto, magro, pálido, quasi calvo, sobremaneira nervoso. Um misantropo pois. Nada disto, o conde Colorado tinha semblante aberto, nobre, simpático, ar meditativo, sorriso amavel a revelar uso da boa companhia e frequentação de salões. Dar-lhe título de sabio não era favor, mas justiça.

O conde Colorado sabendo muito sabia bem. Possuía "entendimento não de meia luz, estudava para fazer doutrina e não para enfeitar conversas."

Mostrava Colorado ter bastante idéa do Brasil. "Sabia perfeitamente historia e geografia nossa, conhecia o estado das ciencias, letras e do comercio em todo o Imperio, em dia com tudo quanto respeitava o Brasil e a America do Sul".

A respeito da Russia, o embaixador era muito fechado, como os secretarios e adidos de sua embaixada. Nunca se lhe ouviam ditos de bem ou de mal sobre o paiz onde viviam, a mesma reserva guardada no tocante ao governo da Russia. "Em toda parte notei que os diplomatas russos e austriacos são os mais discretos". Reflexão de Amaral.

O conde Colobiano representava a Sardenha na Russia, ao tempo da Italia desunida. O conde fóra secretario de legação no Rio de Janeiro ao tempo de D. João

VI. Amistára-se com o principe D. Pedro, lendo com este escritos ultra-liberais, que Colobiano recebia da Europa e comunicava ao amigo. E' nota curiosa, por muitos D. Pedro taxado de ignorante integral.

Em 1831 era Colobiano ministro em Munique. Foi a Paris em visita a D. Pedro exilado do Brasil. Por isso o demitiram, caindo ele no desagrado do rei Carlos Alberto. Ficou desempregado até 1838 quando de ministro o passaram a encarregado de negocios em Washington! Em 1843 o mandaram á Russia, na antiga categoria, por ato de reparação.

A amizade de Colobiano por D. Pedro não foi fogo de palha, custou-lhe caro.

O conde Colobiano tinha mais de cincoenta anos, Amaral trinta e um. Estimavam-se em relações inalteradas pelo tempo afóra.

Colobiano conservava muitas lembranças do Brasil e de D. Pedro I. Pedia a Amaral noticias de D. Pedro II e dizia referindo-se aos entusiastas do céu da Italia: "Esta gente julgar-se-ia transportada ao paraizo se caísse de repente no Brasil."

A França primava na Russia mercê do conde de Rayneval, moço de trinta anos. O conde simpatizava com o Brasil e mostrava-se desejoso de servir nele diplomaticamente. Com certo orgulho dizia Rayneval proceder toda a civilização brasileira da francêsa.

Dispondo de consideravel subsídio, Rayneval luxava e mantinha casa muito bem composta. Caseiro de dia, á noite se o encontrava nos teatros ou nos salões, sempre ao lado da esposa, conjuge de havia pouco tempo.

Sir John Arthur Douglas Bloomfield fóra treze anos secretario de legação na Russia, em 1844 promovido a ministro da Grã-Bretanha em S. Petersburgo. Amaral assim o retrata: "Inglez de boa linhagem, de sorriso antes francês que britânico, dono de um desses espíritos que a todos agradam sem perda da natureza propria. Nunca se agastava com ninguém, caso nenhum o abatia, nenhum incidente o desconcertava".

Genuino tipo de alem-Mancha, no aceitar com absoluto sangue-frio as horas doces ou amargas da vida. Sir Bloomfield julgava o Brasil com severidade. Formava com os que prediziam o triunfo da democracia na America inteira.

Nos retratos *d'après nature* de Amaral os ha comicos no fisico e no moral. Em certo diplomata apontava Amaral "uma boca rasgada por tal forma e com tais dimensões que mais parecia feita para tragar postas gigantescas do que para articular ditos conceituosos".

De calça de pano azul, de casaca verde e colete mesclado se apresentou um diplomata, bem da extrema Europa, a jantar em casa do ministro da Prussia. Este, com muita arte, disfarçava sessenta anos dizendo-os quarenta. Dele motejavam intimos e o incriminado, sem agastamento, observava: Na sepultura sobrar-me-á tempo e licença para apodrecer á minha vontade, não me apraz antecipar-me no futuro.

Quem assim reflexionava possuía poucos livros, mas bons e bem lidos. Dizia filosoficamente o ministro da Prussia, explicando quais os livros do seu maior gosto: São os encadernados em casacas e calças, neles tenho aprendido muita cousa util.

O rei da Baviera deputára como seu representante na Russia o principe de Hohenhole. "Por justiça — consignou Amaral — hei de notar que como o principe de Hohenhole são todos os principes com os quaes tive a honra de tratar em todas as côrtes onde me achei por serviço do meu soberano. Muito naturaes e muito simples no modo de tratar os homens, muito cortezes e indulgentes até com a gente de baixa condição, muito amigos de fazer bem a todos, notei sempre assim os que nasceram realmente grandes pelo sangue e pelos altos postos que occupão na sociedade. Pretensões ridiculas affectação comica e modos arripiados achei só e constantemente nos homunculos de berço desconhecido".

Acamaradado com Amaral, o principe de Hohenhole o tinha por acompanhador nos seus infalíveis passeios pedestres, instigando o companheiro a falar das intrigas dos salões, rindo muito quando julgava na conversa existir alguma sátira.

Hohenhole pensava talvez como o ministro da Prussia, Liebermann, que muito se aprende no trato com os livros encadernados em casacas e calças.

Liebermann não completou parecer. Não só se aprende em livros encadernados em casacas e calças. Também instruem livros encadernados em saias rendadas e vestidos caros, livros de encadernação ou reencadernação à custa ou para ruina de possuidor unico ou de varios donos conforme os casos.



Nossa Terra

RESSACA

Os homens que moram a beiramar e todos aqueles que sabem encontrar na natureza a origem mesma da beleza, não se cansam de admirar a interminável luta em que se degladiam o mar de ondas enormes e o litoral que lhe barra o caminho. Por vezes é fácil ao mar a conquista da vitória. As ondas crescem em furia dantesca e se abatem como um cataclisma. Mas vezes há em que a vitória lhe foge. E sua furia põe uma estranha vegetação de espumas na aspereza do granito.

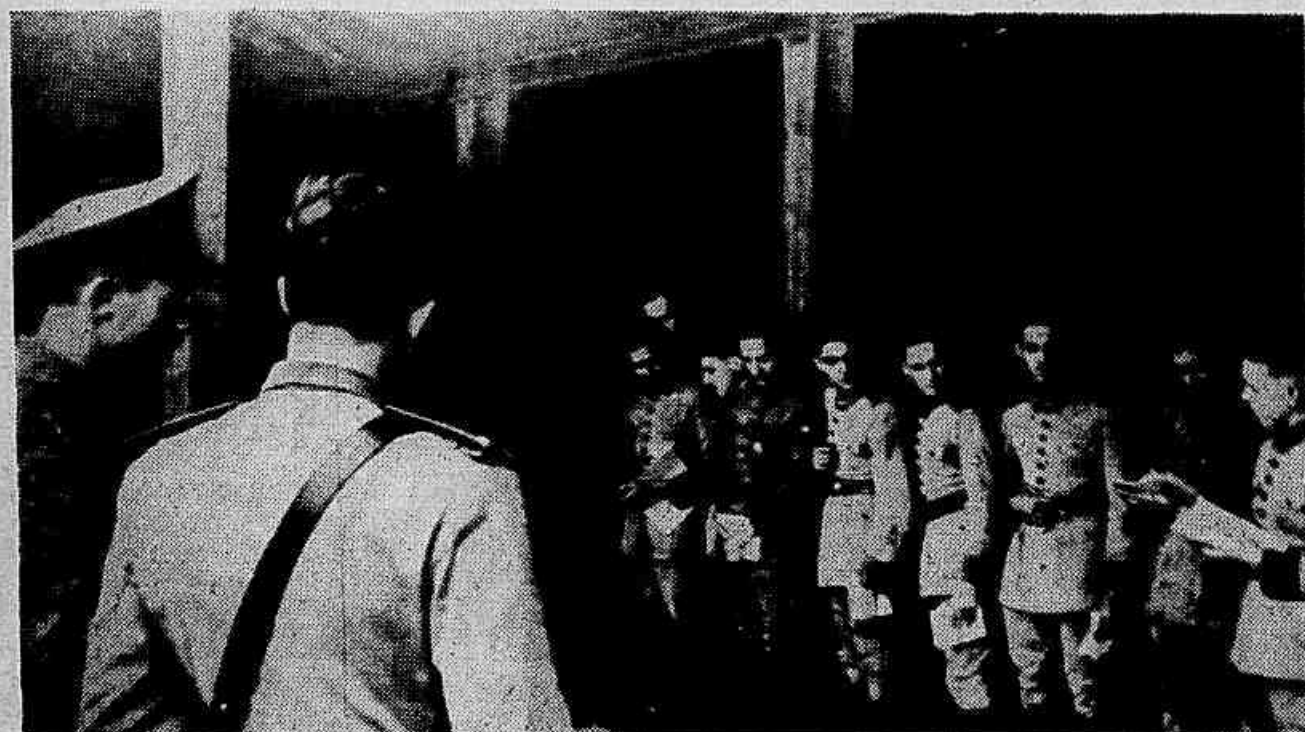
Quando o vento vem encrespar a superfície do oceano, as águas se eriçam e se a teiam com raiva e verdadeiras montanhas correm bramindo para a costa ao encontro da qual se arrebatam num rumor surdo.

A fotografia tomada no litoral da cidade de Santos, no Estado de São Paulo, nos foi gentilmente cedida pelo sr. Ismael Alberto de Souza.

OS LABORATÓRIOS "RAUL LEITE" E O ESFORÇO DE GUERRA



AO ALTO: OS OFICIAIS VISITANTES RECEBEM EXPLICAÇÕES DETALHADAS DOS TÉCNICOS DOS LABORATÓRIOS RAUL LEITE. EM BAIXO: UMA GRANDE INDÚSTRIA FARMACÊUTICA MODERNA DEVE FABRICAR TAMBÉM A EMBALAGEM DE SEUS PRÓPRIOS PRODUTOS, A BEM DE UMA ACEPCIA TOT. L. VEMOS AQUI AS MÁQUINAS DAS QUAIS SAEM OS VIDROS DOS REMÉDIO "RAUL LEITE".



ALUNOS DO CURSO DE MANIPULAÇÃO DE FARMÁCIA DA ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO RECEBEM EXPLICAÇÕES SOBRE A FABRICAÇÃO DE EMBALAGEM DOS PRODUTOS RAUL LEITE.

Os Laboratórios Raul Leite receberam, no dia 1 do corrente, a visita dos Capitães médicos que fazem o Curso de Aperfeiçoamento do Exército Nacional e dos segundos tenentes médicos estagiários, do Curso de Formação de Oficiais da Escola de Saúde do Exército, que compareceram àquele grande estabelecimento sob o comando do Cel. médico Alfredo de Oliveira Viana, Diretor do citado Curso.

Os oficiais médicos foram acompanhados pela turma que está fazendo o Curso de Manipulação de Farmácia da Escola de Saúde do Exército, comandada pelo 1.º tenente farmacêutico Geraldo Magalhães Bijos.

Os visitantes foram recebidos pelo Dr. Mario de Oliveira Brandão, Diretor Superintendente, Professor Clementino Fraga, Consultor Científico, Dr. Celso Melo, Diretor Industrial, Dr. Mario Gonçalves, Chefe de Propaganda e Vendas, tendo percorrido todos os laboratórios de fabricação e departamentos de indústrias anexas, recebendo pormenorizadas explicações dos Diretores dos Departamentos Técnicos, Professores Militino Rosa, Mario Magalhães e Arnaldo Rocha.

Mereceram particular atenção os Departamentos de Verificação e Pesquisa da Consultoria Científica, dirigidos pelos Professores Oswaldo Costa, Roquete Pinto e Moniz de Aragão, onde os visitantes tiveram ocasião de apreciar o profícuo e intenso trabalho experimental realizado pelos Laboratórios Raul Leite no sentido de buscar novos elementos para a fabricação de medicamentos modernos, requeridos pelo progresso da terapêutica.

Os oficiais médicos do Exército Nacional puderam então verificar o muito que têm feito aqueles grandes laboratórios nos terrenos da bioterapia e da quimioterapia, presenciando fases interessantes de notáveis pesquisas científicas efetuadas presentemente pelos departamentos especializados daquela indústria farmacêutica. Entre esses trabalhos de pesquisas merecem ser destacadas as experiências feitas com a Penicilina, produto de elaboração de um cogumelo, o *Penicillium Notatum*, cuja ação antimicrobiana foi descoberta recentemente por Fleming. Muito mais tolerada que as "sulfas", a Penicilina tende a suplantá-las no tratamento das moléstias infecciosas, tendo sido por isto objeto de inúmeras experiências nos Laboratórios Raul Leite, que já a preparam hoje, em volumes reduzidos, para experimentação clínica.

Outro produto dos laboratórios Raul Leite, cuja fabricação



UM FLAGRANTE FEITO NAS OFICINAS GRÁFICAS ONDE SÃO EXECUTADAS AS ROTULAGENS DE TODOS OS PRODUTOS FARMACÊUTICOS DOS GRANDES LABORATÓRIOS

GRUPO FEITO DURANTE
A VISITA DOS OFICIAIS
DO CORPO DE SAUDE
DO EXERCITO BRASILEI-
RO AOS LABORATORIOS
RAUL LEITE.



mereceu a atenção especial dos visitantes foi o "Milarsen", sucedaneo do 914, de comprovado valor no tratamento anti-luetico, que tem sido empregado ultimamente em larga escala nos Estados Unidos para a cura de casos primarios.

Os oficiais medicos e farmaceuticos observaram ainda as experiencias feitas com o "soro bovino hidrolisado", produto que vem revolucionar a tecnica das transfusões sanguineas, por isto que por sua natureza pode ser aplicado com facilidade sem necessidade de grande aparelhamento especial, substituindo assim, na medicina de guerra, os bancos de sangue, de tão difficil manutenção.

Os Laboratorios Raul Leite estão também empenhados em outras experiencias fisiologicas de grande valor, destacando-se entre elas os resultados obtidos com a testosterona, produto do qual o Prof. Roquete Pinto, do Departamento de Fisiologia, acaba de obter a synthese e que, em breve, se encontrará no mercado à disposição dos que dele necessitem.

Foram visitados também pelos oficiais os grandes laboratorios de fabricação de soros, onde estão instalados os completos aparelhos necessarios à elaboração de soros isentos de pirogenio.

A fabricação de soros desta natureza é aliás uma das glorias dos laboratorios Raul

Leite, posto que o pirogenio, resistente á filtragem, á destilação e á esterilisação por aquecimento, só pode ser completamente banido da agua, por processos especiais como os empregados por aquela industria farmaceutica. Os soros isentos de pirogenio tornam-se muito mais assimilaveis pelo organismo humano e podem ser injetados em doses muitas vezes maiores.

Os visitantes foram unanimes em afirmar a otima impressão que lhes causara o intenso labor científico dos Laboratorios Raul Leite, em prol da industria médica, uma das colunas mestras do esforço de guerra do Brasil.

Os oficiais da Escola de Saude do nosso Exercito tiveram assim ocasião de apreciar pessoalmente o trabalho infatigavel dessa grande instituição quimico-farmaceutica nacional, corroborando no esforço de produção em que se empenha todo o País, no sentido de facultar às Nações Unidas todos os elementos indispensaveis aos exercitos em campanha e às populações produtoras que labutam no "front" interno, afim de levar a bom termo a luta em que nos empenhamos.

Ao término da visita foi servida aos presentes uma taça de "champagne", tendo então falado, em nome dos Laboratorios Raul Leite, o Professor Roquete Pinto e agradecido em nome dos visitantes o capitão-médico Dr. Francisco Leitão.



A' esquerda : — OS
VISITANTES APRECIAM
UMA DAS FASES DA EM-
BALAGEM MECANICA DOS
AFAMADOS PRODUTOS.

EM CIMA: A PREPARAÇÃO DE COMPRIMIDOS E' OBSERVADA
ATENTAMENTE PELOS ALUNOS DO CURSO DE MANIPULAÇÃO
DE FARMACIA DA ESCOLA DE SAUDE DO EXERCITO. EM
BAIXO: OS VISITANTES OBSERVAM A DOSAGEM DOS
COMPRIMIDOS MEDICAMENTOSOS.



A PENAS com dez anos de uma existência de trabalhos fecundos, a Sociedade de Assistência Fiscal ao Comércio e à Indústria é uma afirmação do patriotismo do homem do Brasil, evidenciando desenvolvimento do comércio e da indústria de S. Paulo, que encontra, na entidade aniversariante, a assistência em todos os setores de organização do Estado.

Apoiada pela orientação de Ubirajara Rodrigues, que é um enamorado das tarefas construtivas, a Sociedade de Assistência Fiscal ao Comércio e à Indústria trabalha com alma de quem vibra pela grandeza da pátria.

Entre os festejos comemorativos de seu 10.º aniversário de fundação, destaca-se o jantar realizado no *roof* da GAZETA, compareceram personalidades da mais alta expressão na sociedade de S. Paulo, entre as quais o reporter observou as seguintes figuras: Sr. Ubirajara Rodrigues, diretor daquela entidade e exma. família; sra. Emir Pi-



8 10º aniversário da Sociedade de Assistência Fiscal ao Comércio e à Indústria



UM ACONTECIMENTO DE ALTA SIGNIFICAÇÃO NA CAPITAL PAULISTA

nheiro Simões, secretária da Sociedade de Assistência Fiscal ao Comércio e à Indústria; dr. Sebastião Cavalcanti de Albuquerque, delegado Fiscal do Tesouro Nacional de São Paulo e família; dr. Aderbal Fontes Cardoso, diretor da Recebedoria Federal em São Paulo; dr. Edgard Faria, delegado Regional do Imposto de Renda em São Paulo; dr. Nero Macedo Junior, procurador-fiscal do Ministério da Fazenda; dr. Barros Monteiro, delegado de Polícia em São Paulo; dr. Oscar Guerra Fontes, figura destacada na imprensa carioca; dr. Roberto Opice, representante da 1.ª Diretoria da Receita; dr. Cleto Martuscelli, dr. Maciel de Sousa, dr. Cavalcanti Melo, dr. José Maria Parente, dr. João Aires de Queiroz e família; dr. Julio de Almeida, do Ministério da Agricultura; dr. Candido Evangelista, dr. Rubens Maia, dr. José Gregorio de Miranda, fiscal do Imposto de Consumo; dr. Carlos Baima, fiscal do Imposto de Consumo; dr. Lucí da Costa Lima, sr. Arí Linhares e família; sr. Miguel Tavares de Lima, fiscal do Imposto de Consumo; srs. Waldemar Portela, José Soares, Benedito Alves da Silva, Lima Franco, Renée Padilha, Antonio Barros e senhora; Darcí Fonseca, Gilberto Whitacker, Plínio Pereira Leite, representante do Banco Brasileiro do Comércio S/A; sra. Irene da Silveira, sr. Benjamin Salem e senhora; representantes da imprensa e demais pessoas gradas. Usou da palavra, em nome do dr. Ubirajara Rodrigues, diretor da Sociedade de Assistência Fiscal ao Comércio e à Indústria, o exmo. sr. dr. Rubens Maia.

Ao *champagne* falou também o jornalista Oscar Guerra Fontes, figura destacada na imprensa carioca.

O CAPOEIRA

Conto de PAULO COELHO NETO

a JOÃO LUSO

N A sua mocidade tumultuosa, quando o Rio era o paraíso dos capoeiras, Sebastião não rejeitava desafio de nenhum valente que lhe tomasse a passagem, disposto, a engrossar a fama. Nunca trazia armas, nem sequer o complemento de todo comprador de barulho, na época: a navalha. De estatura normal, magro mas musculoso, olhar vivo e penetrante, tez bronzeada e cabelos negros, encaracolados, ele tinha a aparência de homem humilde e pacato. Quando caminhava, as suas passadas eram naturais, não gingava nem jogava com o busto. Parado, entretanto, assumia a postura de quem se coloca em guarda: apoiava o pé do corpo sobre a perna esquerda, ligeiramente inclinado para trás, as mãos na cintura e a perna direita atirada para a frente, em abandono, na atitude própria para desferir uma rasteira ou escorar, com a sola do sapato no estomago do atacante imaginário, um golpe de surpresa. Não eram poucos os que lhe haviam experimentado as "baianas", os "rabos de arraia", os tremendos "coices" que vibrava com o salto do calçado, após girar rapidamente sobre a perna esquerda, nos joelhos ou em parte sensível do adversário. Preferia sempre impôr a fuga ao rival, sem o ferir seriamente, mas se a luta se tornava dura ele fazia dormir o arruaceiro com tenível "coçada" no queixo, na boca, no nariz ou na região epigástrica. Feito o serviço, Sebastião apanhava o feltro, limpava-o na manga do casaco, acendia um cigarro e, indiferente ao grupo que o observava à distancia, num respeito supersticioso, ponderava: — Você estava mesmo com fome de bordoadas, seu banana. Agora dorme pra curar a indigestão. Procura um da tua marca pra contar farófa, porque comigo você não tira farinha. Cantou de galo, assim que me viu, mas quando abrir os olhos vai cacarejar, vão ver só... Bem, minha gente, já vou indo. Muito boas tardes

E seguia o seu caminho, displicente, como se acabasse de praticar a ação mais inocente de sua vida. Em casa era um modelo de filho. Vivia para a sua velha mãe a quem entregava quase todo o seu ordenado. Exímio carpinteiro, Sebastião grangeava a estima não só de seus patrões como dos companheiros. Apenas uma vez ele se empenhou em luta corporal na oficina, mas fê-lo em defesa de um camarada barbaramente agredido a barra de ferro por outro empregado. Sebastião acudiu e enfrentou o perverso, derrubando-o e arrebatando-lhe a arma. Revoltado com a violência da pancada que atingira a vítima, o capoeira ergueu o selvagem desordeiro, abalou-o e aplicou-lhe tão rude cabeçada na boca, que lhe partiu vários dentes. O sentimento de solidariedade, demonstrado por Sebastião, e a coragem que exibira, fizeram-no mais querido que temido pelos companheiros. E nunca mais, na oficina, ele teve necessidade de ostentar sua arte: tornou-se um herói quase divinizado. A mãe era o seu ídolo. A boa velha, com a suavidade das mães amorosas, foi domando o filho, ora com exemplos que lhe citava, ora com pedidos e suplicas enternecedoras, até que um novo episódio acabou de amansar Sebastião. Morava em frente à sua casinha uma família portuguesa. O unico rebento, um latão robusto e desempenado, era dado a violeiro e namorador de mocinhas pobres. Diziam-no perito no jogo do pau, e o conceito encontrava alguma justificativa no porrete com que, às vezes, ele saía à rua. Sebastião, a quem os vizinhos se queixavam das serenatas importunas do rapaz, encheu-se de antipatia por ele. E certa vez, vendo-o dirigir graças a uma linda menina, chamou-lhe a atenção. O outro, que estava à janela, encrespou-se e pulou para a liça, empunhando o cacete. Sebastião não se fez de rogado e tomou o pião na unha. Seguro de que teria de defrontar-se com um adversário temível, mas desconhecendo-lhe a técnica, o português arrojou-se às cegas procurando aniquilar o capoeira. Dois golpes foram evitados por Sebastião, cuja incrível agilidade desmontou o rival que, como recurso extremo, se fechou no "sarilho". O porrete girava nos seus dedos com tão grande rapidez que apenas se lhe ouvia o zumbido ameaçador. Parecia impossível desarmar-se o moço luso; mas Sebastião, como o felino que espreita a sua presa, ora agachado rente ao solo, ora em saltos bruscos e nervosos, forçou-o a recuar apertando-o contra o muro da casa em que morava e, quando o sentiu sem espaço para movimentar-se livremente, simulou uma entrada a descoberto: o acuado abriu o "sarilho" para descarregar a paulada. Era o que Sebastião queria. Rápido, como o relâmpago, abaiçou-se e desferiu a rasteira: seu pé direito alcançou, com precisão matemática, o pé esquerdo do contendor. O golpe foi perfeito, resultando em desastrosa queda para o jogador de pau. Com a cabeça fendida e sangrando abundantemente, o rapaz desfaleceu. Aos gritos de populares correu toda a vizinhança às janelas. A mãe do ferido, que lavava roupa no fundo do quintal, foi chamada. Ao ver o filho, caído numa poça de sangue, prorrompeu em brados de dor e desespero. Alguém lhe disse quem fora o causador e ela, desafiando o capoeira respeitado pelos mais valentes de sua classe, com a coragem que as mães revelam quando defendem os filhos, bradava de punhos cerrados

— Assassino! tu tens mãe, desgraçado, ela ha de pagar por essa maldade. Acudam! Prendam o bandido que matou o meu rico filho.

Mas o rapaz curou-se da contusão e, também, de seus arroubos galantes. Sebastião, no entanto, ficara impressionado com o incidente. Aquela maldição lançada sobre sua mãe acabrunhara-o profundamente. Tornou-se taciturno e durante semanas quase não o viram. Deixou de frequentar os lugares em que habitualmente ia palestrar, à noite, e irritava-se se lhe gabavam a mais recente das façanhas. Resolveram mudar-se para outro bairro. Meses depois, já mais ou menos esquecido da briga, Sebastião perdia a mãe. A velhinha, pouco antes de entregar a alma a Deus, pedira-lhe que nunca mais se envolvesse em desordens, a não ser em defesa da própria vida. Morreria dizendo-lhe:

— Não se esqueça, meu filho, de que os outros também teem mãe.

Sebastião guardou luto rigoroso durante um ano. Depois, sentindo-se isolado, começou a sair, a barbear-se com frequência e a vestir-se melhor. O coração levava-o, insensivelmente, para Botafogo onde vira passar a sua mocidade. Uma antiga simpatia renascera-lhe mais forte. Casou-se e os filhos vieram completar-lhe a felicidade. E o antigo capoeira transformou-se em circunspeto e exemplar chefe de família.

Um dia — Sebastião já entrara na casa dos cinquenta anos — a cidade alvorou-se subitamente com uma série de correrias e tumultos de populares e estudantes. O Largo da Carioca era a zona principal das escaramuças. De vez em quando uma pedra, atirada contra os cavalariãos, partia as vidraças de algum estabelecimento co-

Continúa na página 42

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS

em português

DOS EE.UU. PARA O BRASIL

Transmitido simultaneamente das seguintes estações:

WRCA - 15.15 Mgs. (faixa de 19 ms.) das 18:00 às 20:45
 » - 9.67 » (faixa de 31 ») das 21:00 às 24:30 ★
 WGEA - 11.85 » (faixa de 25 ») das 18:00 às 21:45
 » - 7.00 » (faixa de 41 ») das 21:30 às 24:30 ★
 WCBX - 9.49 » (faixa de 31 ») das 18:00 às 24:30

★

Hora do Rio Domingo

18:00 Sinfonia da NBC
 19:00 O Mundo Hoje
 19:10 Resumo dos Programas
 19:15 Melodias da Broadway
 19:30 A Vida em Hollywood
 19:45 Seleções de Operetas
 20:00 Rádio Jornal
 20:15 Salão de Concerto
 20:45 Música Semi-Clássica
 21:00 Resenha dos Programas
 21:02 Notícias
 21:15 Música da América
 21:45 Bandas Militares
 22:00 Notícias
 22:15 Olga Coelho e Trio Charro Gil
 22:30 Reinaldo Henrique e a Orquestra Panamericana
 23:00 Notícias
 23:15 Orquestra Filarmônica de Nova York
 00:00 Resumo das Notícias
 00:15 Devaneio Musical
 00:30 Encerramento

Hora do Rio Segunda

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
 18:15 Magia Tropical
 18:30 A Semana em Revista
 18:45 Spotlight Bands
 19:00 Notícias
 19:15 Alô Amigos
 19:45 Música de Dança
 20:00 Rádio Jornal
 20:15 Sammy Kaye e sua Orquestra
 20:45 Música Semi-Clássica
 21:00 Resenha dos Programas
 21:02 Notícias
 21:15 Orquestra de Walter Gross
 21:30 Orq. de André Kostelanetz
 21:45 Notícias
 22:00 Notícias
 22:15 Eva Garza e Trio Charro Gil
 22:30 Música de Manhattan
 23:00 Notícias
 23:15 Trio Charro Gil
 23:30 Convite à Música
 00:00 Resumo das Notícias
 00:15 Devaneio Musical
 00:30 Encerramento

★

TRANSMISSÕES EM "ONDAS DIRIGIDAS" PARA O BRASIL.

Hora do Rio Terça

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
 18:15 Canções das Nações Unidas
 18:45 Resenha Literária
 19:00 Notícias
 19:15 Chopiniana
 19:30 Conheça Nova York
 20:00 Rádio Jornal
 20:15 Orquestra de Vincent Lopez
 20:45 Orquestra de Freddie Martin
 21:00 Resenha dos Programas
 21:02 Notícias
 21:15 Orquestra de Raymond Scott
 21:30 Notícias Desportivas
 21:45 Música por Tucci
 22:00 Notícias
 22:05 Chamando Pan America
 22:30 Eva Garza e Orquestra Panamericana
 23:00 Notícias
 23:15 Trio Charro Gil
 23:30 Devaneio Musicais
 00:00 Resumo das Notícias
 00:15 Orquestra Panamericana
 00:30 Encerramento

Hora do Rio Quarta

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
 18:15 Valsas Famosas
 18:45 Serejada Tropical
 19:00 Notícias
 19:15 Seleções de Operas
 19:45 Dinah Shore - canções
 20:00 Rádio Jornal
 20:15 Contrastes Musicais
 20:30 Aviação Americana
 20:45 Música Semi-Clássica
 21:00 Resenha dos Programas
 21:02 Notícias
 21:15 Quarteto Golden Gate
 21:30 Notícias de Hollywood
 21:45 Concertos de Jazz
 22:00 Notícias
 22:15 Eileen Farrell e a Orq. da CBS
 22:30 Reinaldo Henrique e a Orquestra Panamericana
 23:00 Notícias
 23:15 Eva Garza e Orquestra Panamericana
 23:30 Música de Manhattan
 00:00 Resumo das Notícias
 00:15 Orq. de Walter Gross
 00:30 Encerramento

Hora do Rio Quinta

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
 18:15 Chopiniana
 18:30 All-Time Hit Parade
 19:00 Notícias
 19:15 Chá Dançante NBC
 20:00 Rádio Jornal
 20:15 Orquestra de Vincent Lopez
 20:45 Orquestra de Freddie Martin
 21:00 Resenha dos Programas
 21:02 Notícias
 21:15 Orquestra de Raymond Scott
 21:30 Notícias Culturais por Gaspar Coelho
 21:45 A América do Norte Canta
 22:00 Notícias
 22:15 Olga Coelho
 22:30 Eva Garza, Trio Charro Gil e a Orquestra Panamericana
 23:00 Notícias
 23:15 Trio Charro Gil
 23:30 Banda dos Fuzileiros N. A.
 00:00 Resumo das Notícias
 00:15 Devaneio Musical
 00:30 Encerramento

Hora do Rio Sexta

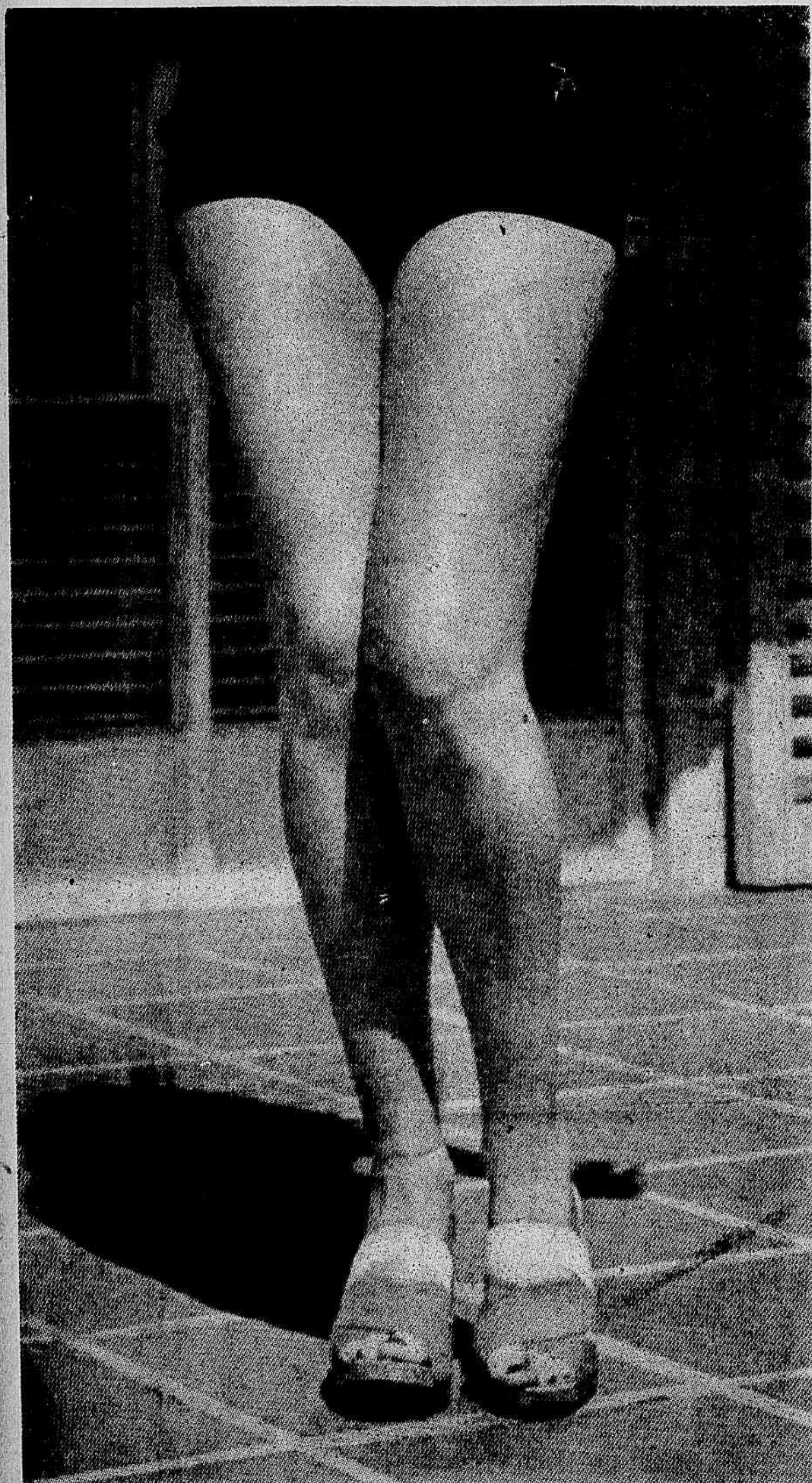
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
 18:15 Momento Musical
 18:45 Revista Cultural
 19:00 Notícias
 19:15 Música do Novo Mundo
 19:45 Música de Dança
 20:00 Rádio Jornal
 20:15 A Página Feminina
 20:45 Música Semi-Clássica
 21:00 Resenha dos Programas
 21:02 Notícias
 21:15 Orquestra de Paul Barron
 21:30 Cartas em Revistas
 21:45 Alma de Minha Pátria
 22:00 Notícias
 22:05 Pelos Sendeiros da Música
 22:30 Comentário
 22:35 R. Henriquez e Orq. Panamer.
 23:00 Notícias
 23:15 Trio Charro Gil
 23:30 Orq. de Concertos CBS e Solistas
 00:00 Resumo das Notícias
 00:15 Orquestra de Walter Gross
 00:30 Encerramento

Hora do Rio Sábado

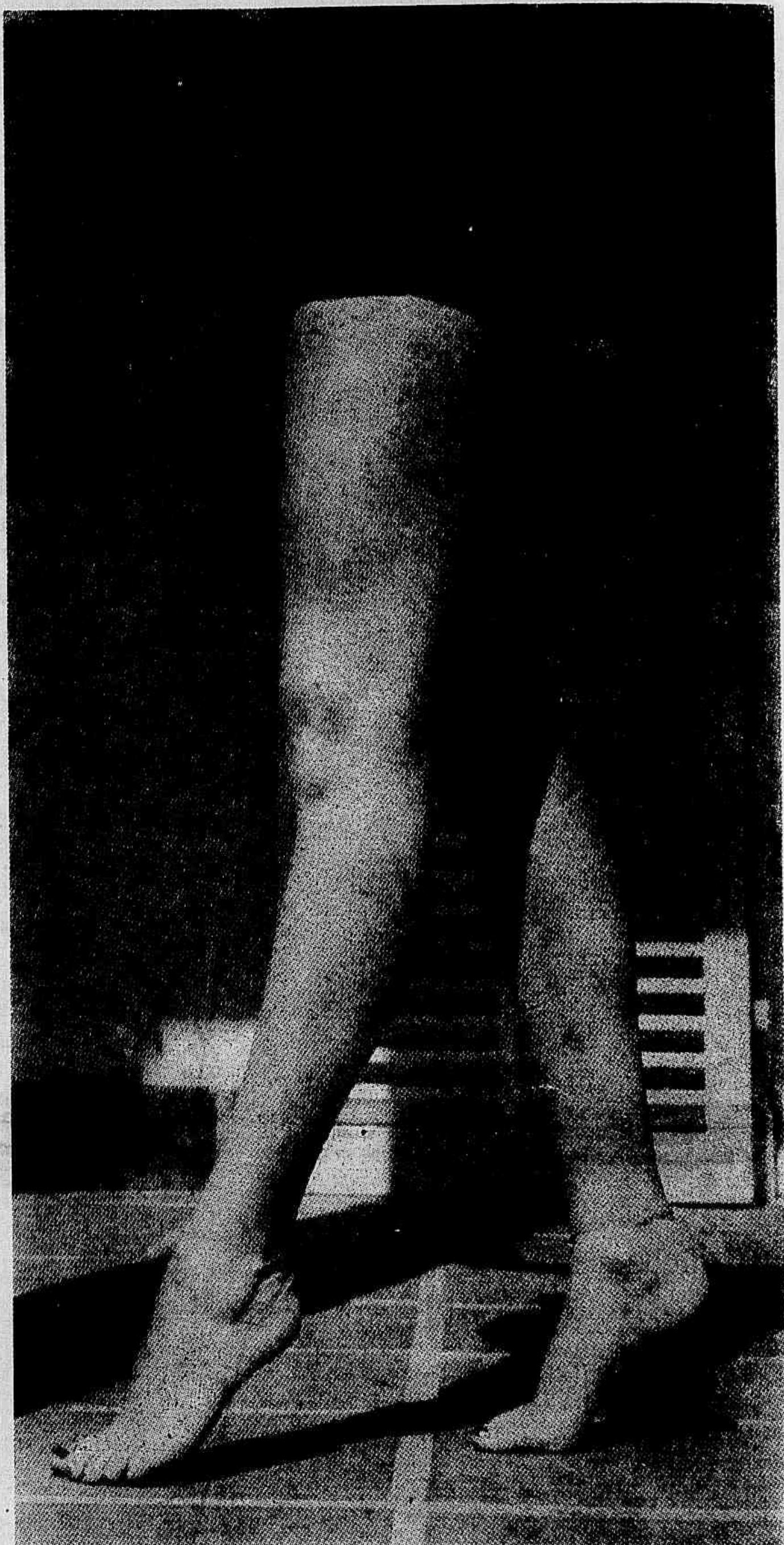
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
 18:15 Ora. de Alfred Wallenstein
 18:45 Bolet. Latino-Americano
 19:00 Notícias
 19:15 Club do Swing
 19:30 Fantasia Musical
 20:00 Rádio Jornal
 20:15 Caravana Tropical
 20:45 Orquestra de Freddie Martin
 21:00 Resenha dos Programas
 21:02 Notícias
 21:15 Orquestra de Raymond Scott
 21:30 Notícias de Hollywood
 21:45 Banda Militar
 22:00 Notícias e Comentários
 22:15 A Hit Parade
 22:45 R. Henriquez e Orquestra Panamericana
 23:00 Notícias
 23:15 Orquestras de Variedades
 23:30 Música de Hoje e Ontem
 00:00 Resumo das Notícias
 00:15 Orquestra de Harry James
 00:30 Encerramento

IA-Y7

As pernas mais famosas de Hollywood



Aqui estão as pernas mais famosas de Hollywood. Quando se dobram, elas patenteiam graciosas concavidades.



De lado parecem fortes, mas a dança impediu que elas fossem miraculosas.

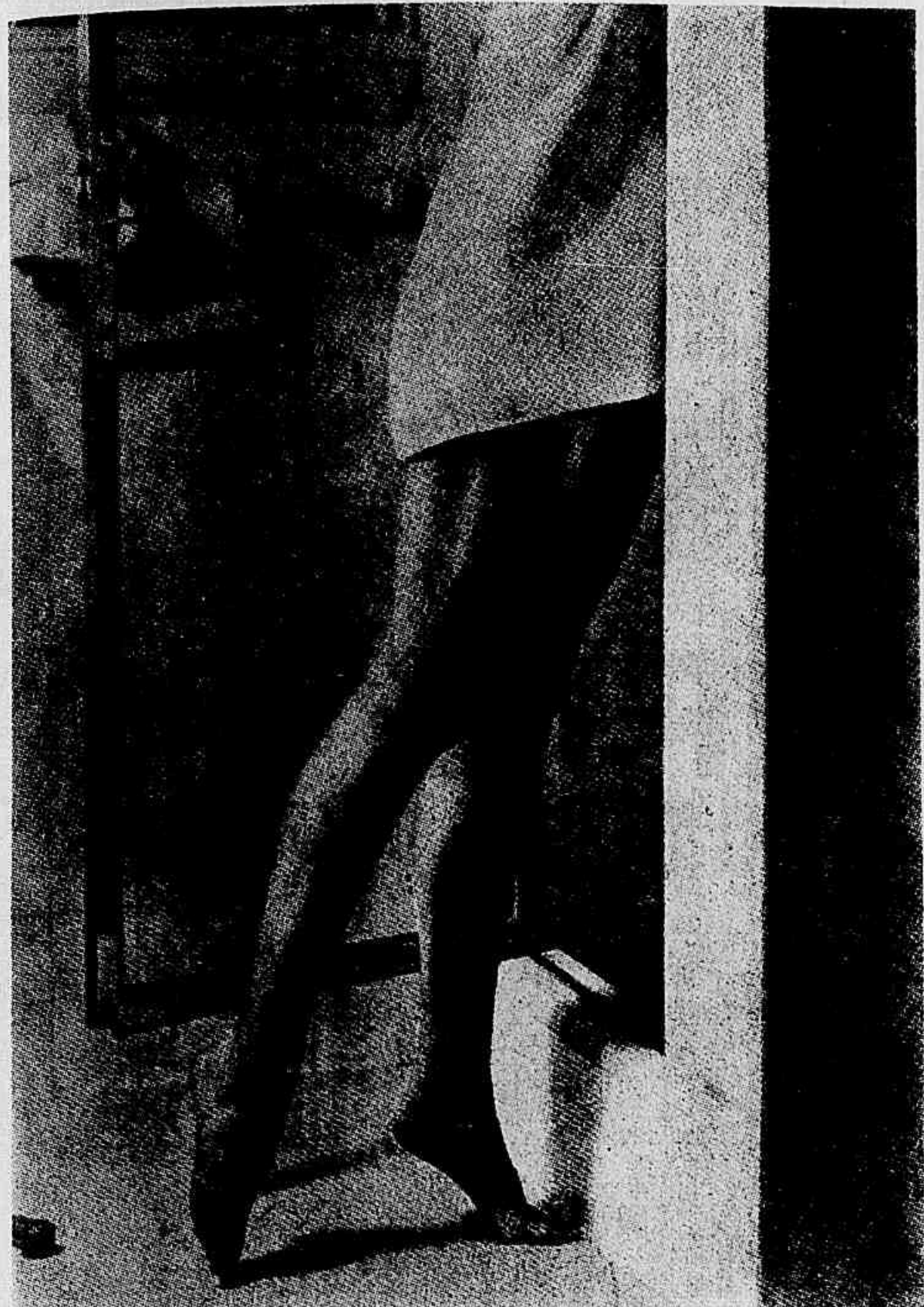
Nenhum par de pernas foi tão famoso em Hollywood como as pernas de Betty Grable. Outras artistas de belas pernas já foram longe, porém nenhuma como Betty fez com as suas um comércio tão especial. As fotografias que estampamos confirmam nossa afirmação. Hollywood criou muitas singularidades e, sentimentalmente, preserva as mais famosas delas no Teatro Chinês de Graumann. As pernas de Betty alcançaram essa honra em Fevereiro último.

Entre esses marcos da história de Hollywood estão a boca de Joe E. Brown, os olhos de Eddie Cantor, o nariz de Bob Hope e o perfil do falecido John Barrymore. Nenhum deles é vulgar, todos representam desvios do tipo normal. As pernas de Betty, entretanto, não alcançaram a fama por serem anormais. São as Pernas Tipo da Ame-

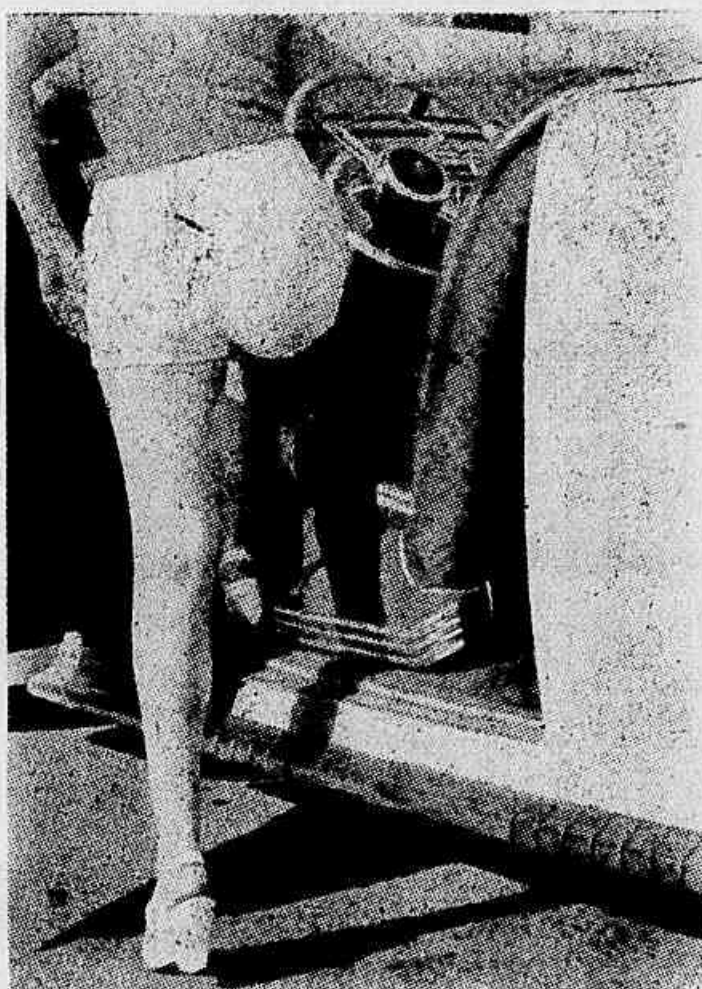
ricana Média — erectas, perfeitamente modeladas e além disso inteiramente representativas de milhões de outras.

Embora as pernas de Betty tenham sido pilares de sua carreira, muitas vezes dificultaram sua ascensão. Quando chegou a Hollywood, a perfeição delas era tão aparente que ela foi empregada apenas em setores de publicidade ou em produções que precisavam do auxílio de pernas. Mas, após seu sucesso na revista musical da Broadway *Du Barry era uma Dama*, Hollywood resolveu efetuar um ajustamento mais perfeito entre as pernas de Betty e os seus outros talentos.

Betty alegra-se com a fama de suas pernas, mas é modesta. Costuma dizer: "Elas me servem a empurrar o acelerador. Atualmente, Betty filma *Coney Island*, que apresenta dez aspectos diferentes de suas pernas.



Durante o dia, as pernas de Betty passeiam, sobem degraus, dançam e param, também como todas as pernas. Aqui vemos-as a caminho do banho matinal.



A caminho do studio pela manhã Betty sobe a seu automovel.



As pernas durante o trabalho. Vestem-se dessa maneira no ultimo filme de Betty, "Coney Island", onde aparecem com frequencia.



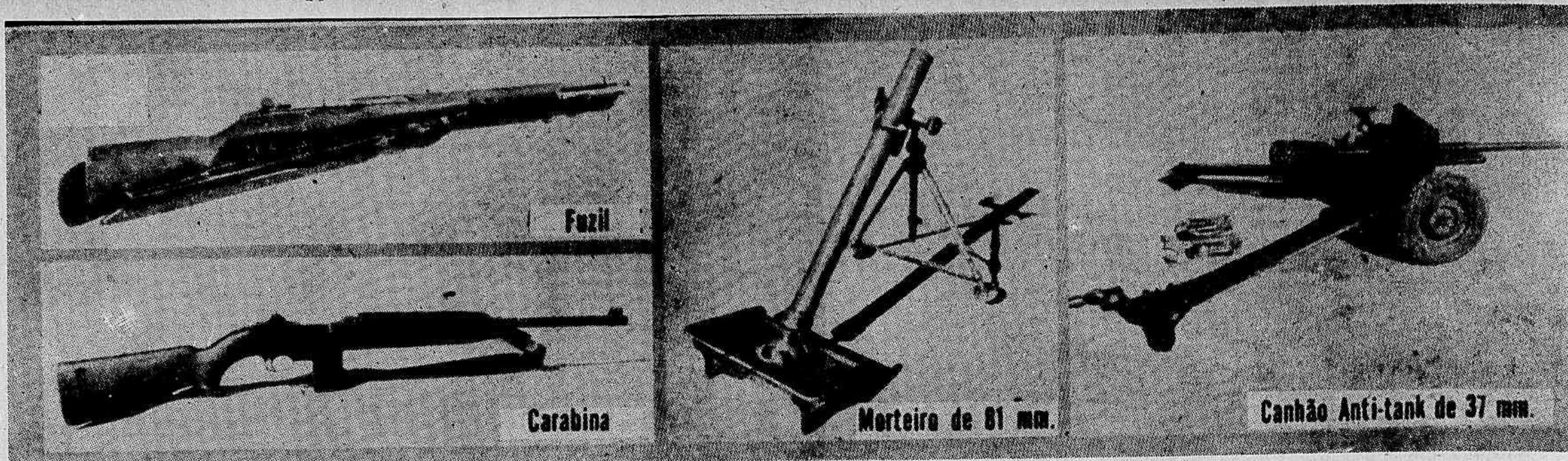
Num momento de repouso, Betty permite que suas pernas se arranjam como puderem. Ela fez seu primeiro filme em 1930. No entanto, conta apenas 26 anos de idade.



A dona das pernas, enfim, num retrato completo. O rosto de Betty aparece mais frequentemente na tela do que suas pernas, mas foram estas que a levaram ao cinema.



Betty exhibe um modelo de sua propria invenção ornado de insignias do Exercito e da Marinha. Betty é uma das favoritas dos convocados em toda parte.



O C. P. O. R. AMERICANO

A ESCOLA DE CANDIDATOS A OFICIAIS DE FORT BENNING

NUMA certa estação de estrada de ferro norte-americana, saltam dos trens várias vezes por semana, cerca de duzentos jovens que rumam para Fort Benning. Treze semanas depois, dois de cada grupo de três entre esses jovens, agora Segundos-Tenentes de Infantaria, correm para tomar trens repletos na mesma estação.

Entre essas datas esses jovens atravessam a maior, a mais eficiente e a mais dura instituição educacional do mundo. São estudantes no curso de candidatos a oficiais na Escola de Infantaria do Exército Americano. Foram cuidadosamente escolhidos nas fileiras do exército como aptos a conduzir soldados de infantaria ao combate. A infantaria ganhará esta guerra e o grito clássico do comandante da infantaria é "Si-gam-mel". Para desenvolver esta capacidade de comando é que se criou a Escola de Candidatos a Oficiais em Fort Benning.

Aqui, o ensino da arte da guerra é concentrado. Desde o momento de sua chegada, os candidatos a oficiais (O. C.) são postos sob uma disciplina educativa que aumenta semana a semana até que obtêm a divisa...ou pulam fora. A primeira atividade do curso consiste em reunir todos os alunos para uma palestra de orientação. Os duzentos jovens, já uniformizados, penetram numa das salas da Escola de Infantaria. O ar está cheio de inquietação. Dominando os murmúrios, ergue-se um oficial — um dos coroneis que comandam o departamento acadêmico da escola. "Senhores, começa, estais de parabéns por terdes sido escolhidos para este curso. Fostes escolhidos com possibilidades de oficiais. Começai, portanto, a pensar e a agir como oficiais".

Desde aí o processo de transformar esses recrutas que só pensam em si mesmos em oficiais que deverão treinar e levar seus pelotões ao combate continua a passo acelerado. O curso prático de treinamento começa com as armas da infantaria que cada



Ao alto, à esquerda: A turma que estuda o fuzil aprende a montá-lo. As turmas trabalham habitualmente em pequenos grupos como estes, auxiliados por sargentos instrutores. Um profundo conhecimento das armas é necessário a oficiais que irão instruir homens. À direita: Exercício com baioneta ajuda a criar um espírito agressivo. Um curso especial de comando é conduzido por oficiais de infantaria, que procuram salientar o valor dos chefes num momento de combate corpo a corpo.

O. C. deve conhecer profundamente para que possa instruir seus futuros comandados, passa em seguida a demonstração de conjunto nas quais os O. C. vêem o que é feito por peritos e conclue com intensivos exercícios de campo nos quais os O. C. põem seu conhecimento à prova dura da batalha simulada. Como se saem de tudo isto é coisa que não depende apenas de sua habilidade técnica e sim de seu senso de comando exibido e julgado quasi a cada minuto por seus instrutores e companheiros.

Que este sistema é o melhor do mundo, atestam-no pelos louvores que têm cumulado a Escola de Infantaria, paridos de notáveis educadores.

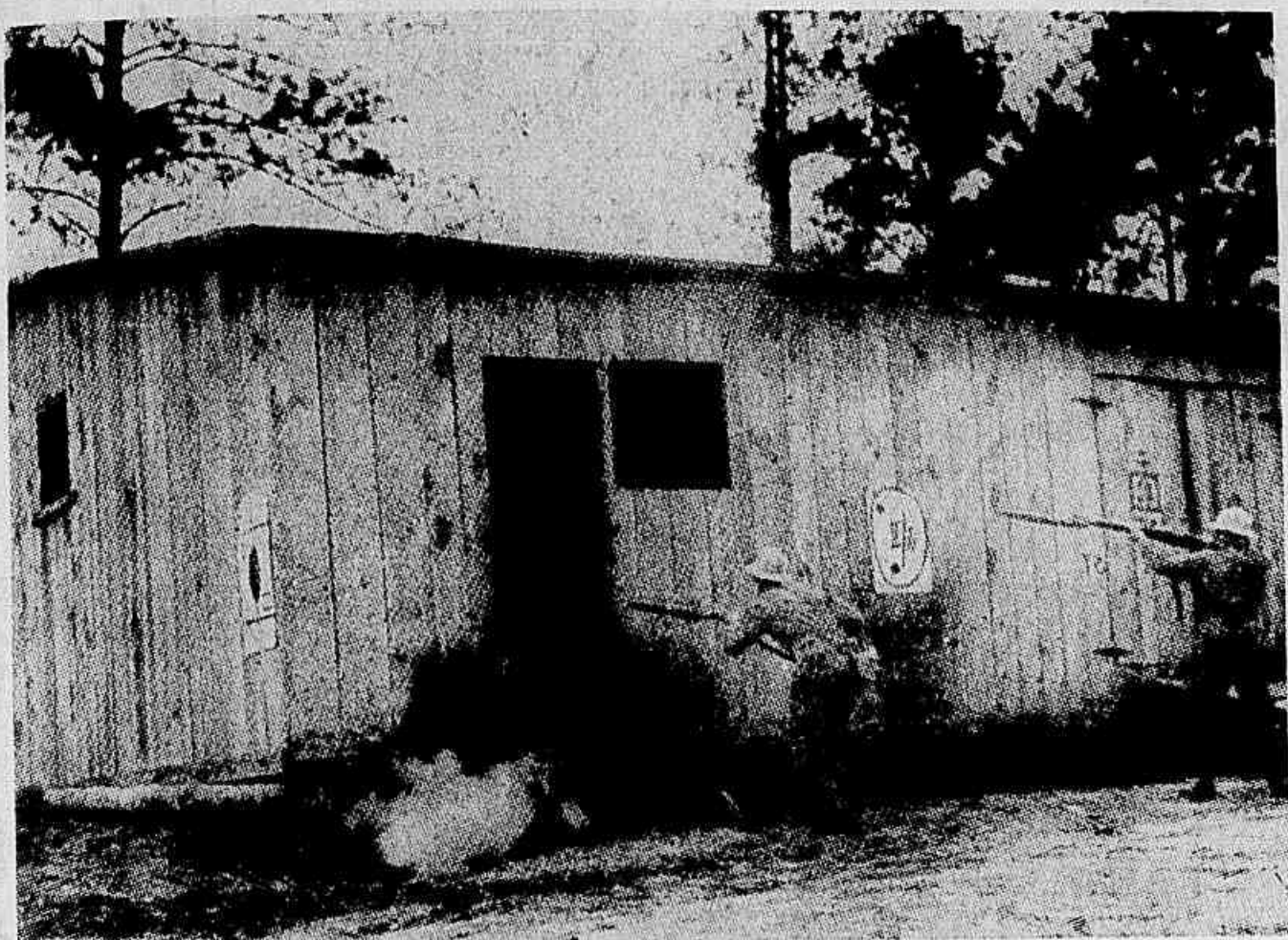
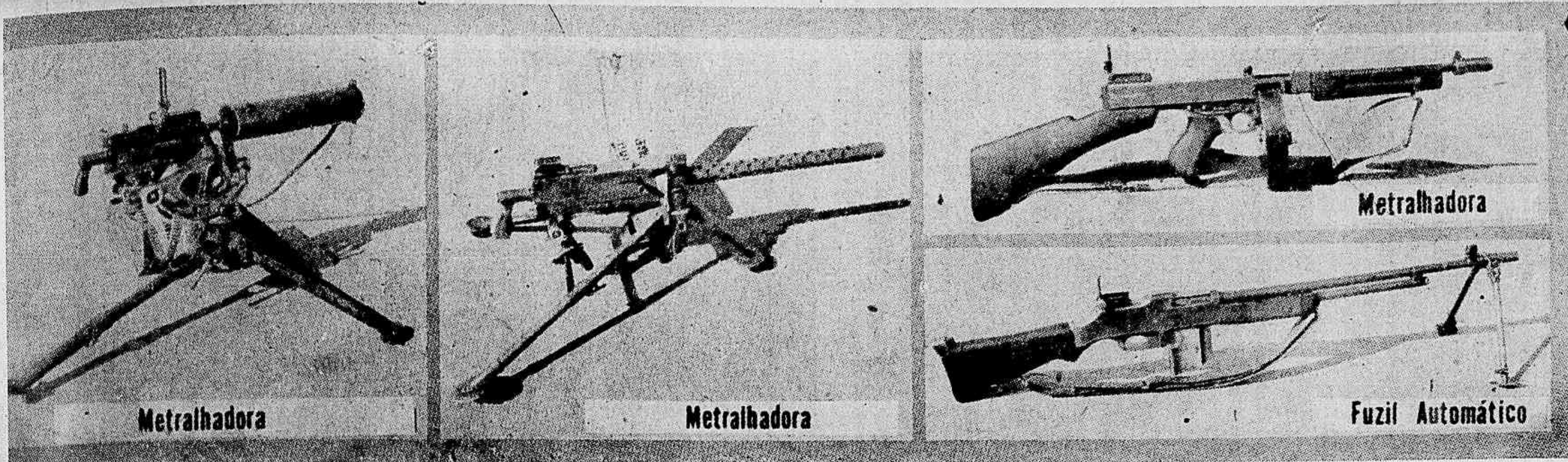
Armas

Os instrumentos de um infante são as armas básicas que sua companhia usa em combate e, como é compreensivo, uma boa porção do tempo de um candidato a oficial se passa a estudá-las. A maior parte dos alunos já tinham tido algum conhecimento destas armas. Mas, durante as primeiras seis semanas do curso da Escola de Infantaria, tornam a aprender o que já sabiam e descobrem fatos novos que nunca podiam imaginar existir a respeito de um fuzil ou de uma metralhadora. Agora um dos pontos mais importantes do curso lhes é apresentado. Aprendem repetidamente e com muitos exemplos que um bom oficial, seja qual for seu posto, deve também ser um bom instrutor. Deve conhecer perfeitamente suas armas para poder explicá-las a outros.

Os alunos passam horas seguidas reunindo, apontando e atirando com as armas que estampamos nesta página. Além destas são instruídos no uso da granada e da baioneta. Aprendem a separar armas pequenas no escuro e a armá-las outra vez. Passam ainda mais horas no campo, acostumando-se a sentir e a apreciar o fogo dos canhões que usarão no combate. Durante esta instrução, os alunos trabalham em grupos que revezam os papéis de instrutor e aluno de modo a dar a todos uma oportunidade de instruir e de aprender. Esta habilidade em ensinar é apreciada tanto quanto, e às vezes mais que a habilidade de aprender. Encaminhando-se para as armas mais pesadas, os alunos são obrigados a comandar escolas, tais como as que são responsáveis



Uma turma de candidatos a oficiais acompanha uma demonstração militar realizada em seu benefício dentro do recinto do Fort Benning.



Ataque simulado a uma aldeia. É um problema determinar como os futuros oficiais comandarão os futuros pelotões no ataque que varrerá as posições inimigas. Os alunos têm de enfrentar obstáculos tanto psicológicos como militares.

por um morteiro de 81 mm. no campo. Os oficiais instrutores anoram cuidadosamente a maneira pela qual desenvolvem seus homens, camuflam seus homens e rompem fogo. Seus erros são criticados e apontam-lhes a maneira de simplificar e melhorar sua técnica.

A esse tempo os homens da Escola de Candidatos a Oficiais já se afizeram a uma rotina de estudo, de leituras, de trabalhos de campos mais duros que os conhecidos por qualquer deles. Começam a compreender a combinação do conhecimento, julgamento, resistência e entusiasmo que faz um bom oficial. E compreendem também que estão sendo julgados como homens numa profissão que não admite fracasso.

Demonstrações

MOstrar como se faz é o slogan da escola

Nenhum produtor da Broadway tem melhor senso do teatral do que os instrutores da Escola de Candidatos a Oficiais. Espetáculos militares meticulosamente ensaiados, desempenhados por tropas regulares de infantaria adstritas à escola, são frequentemente colocados à frente do candidato para mostrar-lhes o que é a guerra e como soa à primeira vez que é vista. Estas impressionantes demonstrações são uma das mais



A tirando com canhões anti-tanks de 37 mm. os candidatos aprendem a espécie e a eficiência do fogo que eles esperam de suas tropas no combate. Os alunos acima usam o uniforme de campo com o capacete, embora as turmas superiores usem capacetes de metal.

importantes partes do currículo da escola, pois removem a ciência militar do domínio dos diagramas de parede e proporcionam a cada aluno a oportunidade para ver e ouvir por si mesmo porque um canhão está colocado numa dada posição e porque se faz fogo com o mesmo afim de obter certos resultados.

Os instrutores durante essas demonstrações têm os homens suspensos de sua boca. Além de prender sua atenção durante a ação descrevem deante deles, entremetiam-na com gracejos ilustrativos, tocam os últimos sucessos do jazz durante os descansos. Por isso mesmo que são conservados num permanente alerta, os alunos raramente esquecem o que viram ou ouviram durante estas 50 ou 60 demonstrações. Logo agradecem estas lições, pois o passo seguinte é ir para o campo e aplicar as lições que lhes foram demonstradas.

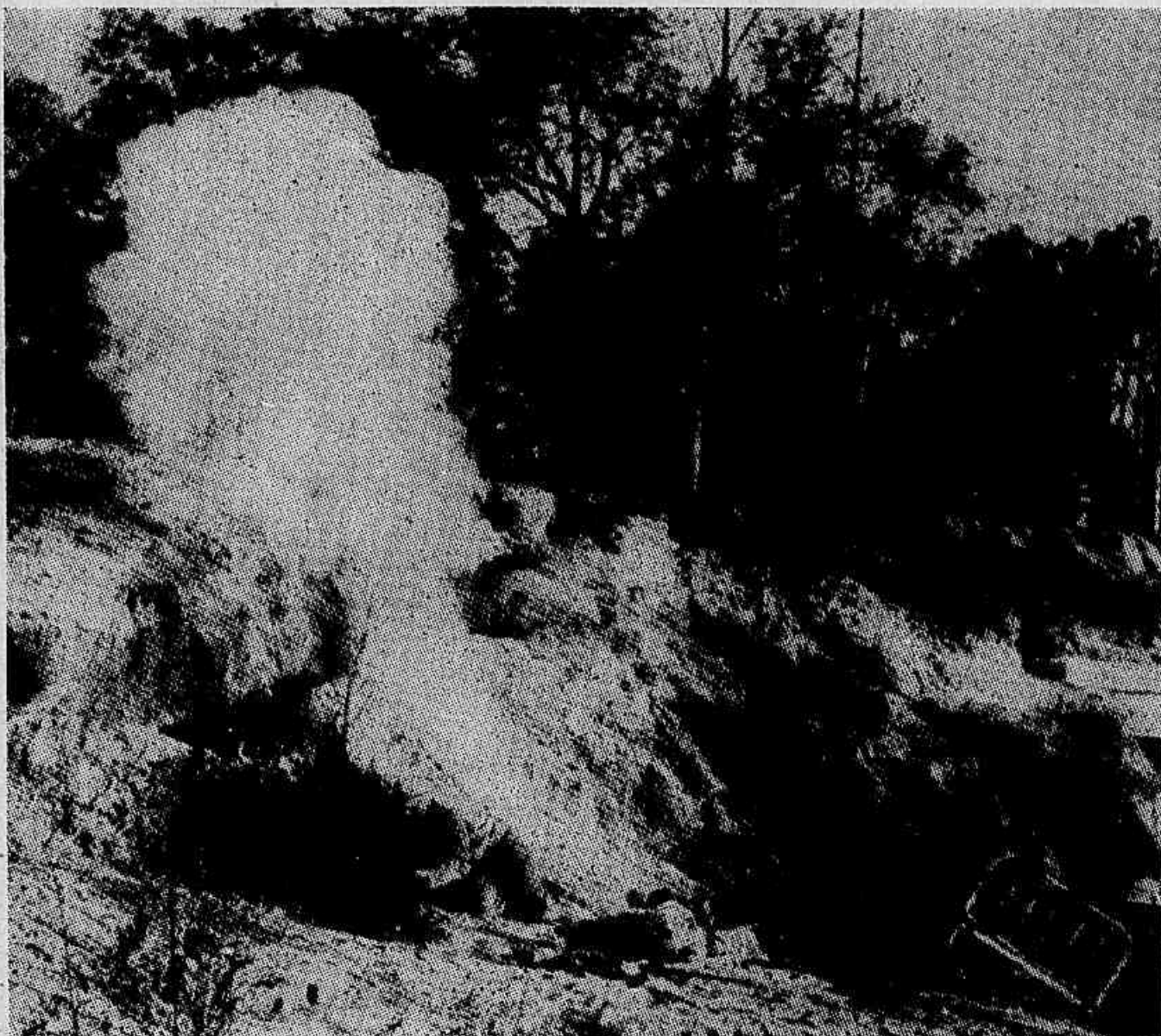
Promoção

Ao fim das 13 semanas na Escola de Candidatos a Oficiais, só restam os homens que provaram aos instrutores e, mais ainda, aos seus colegas que eles enfrentaram os altos padrões da oficialidade do exército norte-americano. O número dos graduados em cada turma varia, mas geralmente é pouco mais de dois terços dos que entraram. Os outros foram eliminados durante o curso principalmente devido a duas razões — falta de comando e base educativa insuficiente.

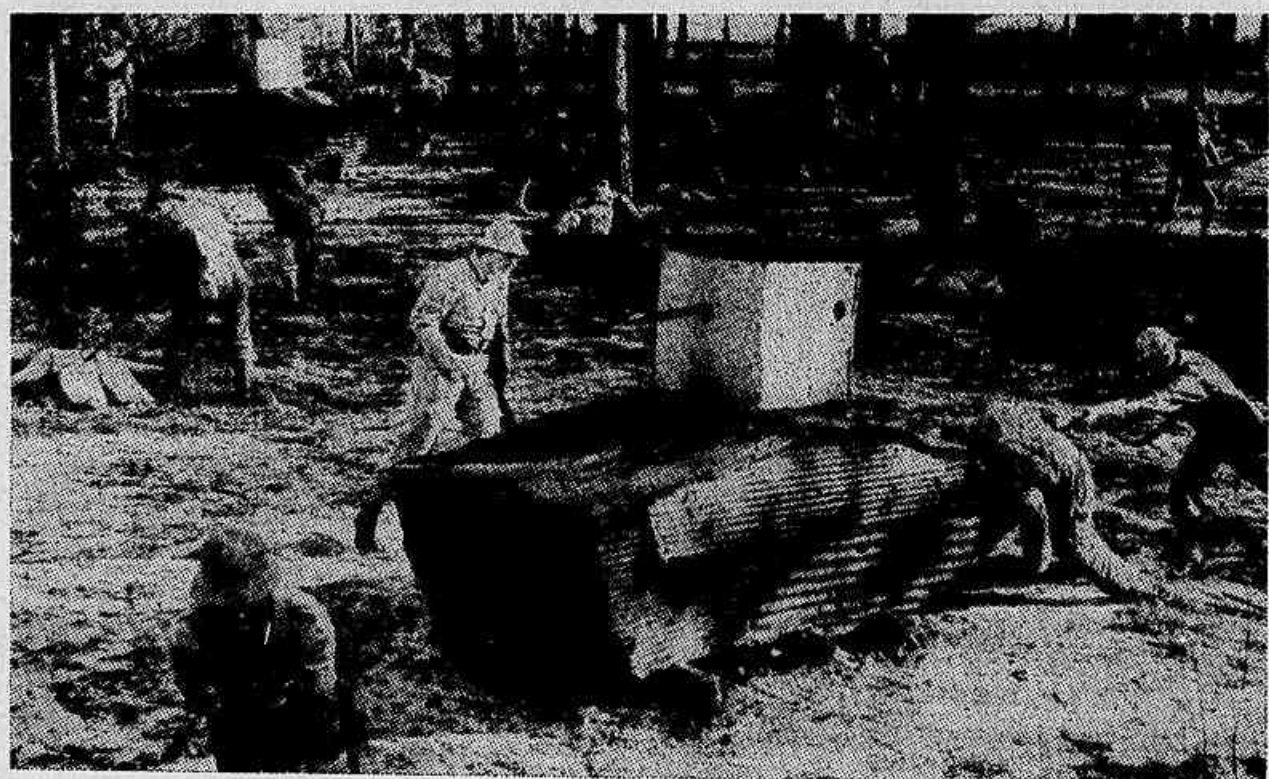
A Escola de Infantaria considera a ausência de características que inspirarão os homens mais séria que a falta de instrução formal em seus candidatos. Desde o momento em que entram na Escola, quando se faz uma referência de seus antecedentes civis e militares, envidam-se constantes esforços para descobrir e desenvolver as qualidades de comando. Nunca se permite aos alunos esquecer que são homens seleciona-



O tank avança sobre o candidato que está num abrigo profundo. Todos os candidatos passam por este teste num abrigo que eles próprios têm de cavar. Ensina-lhes a segurança de uma defesa anti-tank da infantaria e a importância de cavar um abrigo com perfeição num combate.



Uma armadilha explode quando os alunos durante o avanço encostam a mão no arame farpado. Eles são propositalmente dirigidos sobre essas armadilhas com o fim de demonstrar si continuam a pensar com nitidez e a dar ordens, e ao mesmo tempo a protegerem-se a si próprios sob o fogo, como faz o candidato que vemos acima, de barriga para baixo.



Destruindo um grupo de tanks japoneses. Têm de abrir caminho até eles atravessando milhas e milhas de uma região áspera. Os instrutores interessam-se em saber como os diferentes comandantes de pelotão chefiarão o ataque. Não há método fixo para isso.



O posto de comando japonês é atacado e os candidatos lançam mão da baioneta para romper o arame farpado. As instruções a seguir são capturar dados informativos e equipamento. O telefone de campo sempre toca nesse momento e os alunos frequentemente erram atendendo-o.

dos e que agora devem tanto dar ordens como cumprí-las. Uma companhia de alunos é organizada de tal maneira que cada membro recebe uma oportunidade de comandá-la, revezando-se como chefe de escola ou sargento de pelotão. Organizam-se problemas nos quais os homens têm de achar seu caminho para um determinado objetivo no escuro e voltar num tempo especificado. Bons chefes, mesmo quando o tempo é curto, saberão chegar a um dado objetivo. Aquêles que não o alcançam efetivamente, mas que retornam no tempo dado são criticados por não ter prosseguido.

Os tests mais difíceis são aqueles que aparecem no fim da quinta e oitava semanas, quando o candidato deve pessoalmente julgar os membros de sua turma e, a seguir, ser julgado por eles. Antes de fazê-lo os alunos são avisados de que seu julgamento ao selecionar os homens está sendo criticado e que receberão uma nota de acordo com o que julgam dos outros. E são impressionados com o fato de que um oficial deve saber escolher seus comandados. Após o primeiro julgamento, antes do segundo test, a maioria dos candidatos conservam cadernos com uma lista dos erros que viram cometer nas salas de aula, e no campo. Estes cadernos são semelhantes aos que os instrutores possuem para julgar os alunos. Inquéritos de mais de 200 turmas mostram que os julgamentos dos candidatos e dos oficiais em 83% dos casos estão de acordo e quase invariavelmente os mesmos homens são escolhidos para a vanguarda e a retaguarda da turma.

Após estes julgamentos, os primeiros exames realizam-se perante um grupo de indivíduos conhecido como a "Banca dos Trinta Dias". Todos os homens cujo trabalho foi mesquinho e cujos julgamentos em matéria de comando são baixos comparecem perante esta banca para determinar si deverão ou não continuar o curso. A banca gasta às vezes horas com um só candidato, dando-lhe problemas de comando e experimentando seus alicerces educativos num esforço para serem justos em seu julgamento.

A mortalidade é grande perante a banca, mas só voltam às fileiras os homens que nunca poderiam ocupar o primeiro lugar.

Os conhecimentos técnicos dos homens incomodam menos os julgadores do que as qualidades mais abstratas de comando. Geralmente um homem está ou não preparado para sua função, com alguns casos limítrofes que ou melhoram com ajuda ou se tornam suficientemente maus para justificar eliminação. Ao tempo em que os que passaram sobem ao estrado com suas tão ambicionadas patentes na mão começaram a compreender muitas coisas. Como um recente graduado dizia: "Aprendemos que, um bom comandante de pelotão deve ser um deus e um pai para os seus homens e tivemos nossa primeira compreensão do que é realmente a disciplina, mas também ficamos aliviados por terminar as 13 piores semanas de nossa vida."



O momento final do curso. O diploma e as congratulações do comandante, que são precedidos pelo juramento de fidelidade à pátria

JOCKEY CLUB MUNDANG



Uma das grandes atrações turísticas da "Cidade Maravilhosa" é, sem dúvida, o desenrolar emocionante de "um meeting" turfístico no Hipódromo da Gávea. Ilona Massey, a notável cantora que ora se encontra entre nós, não deixou de incluir no seu programa de diversões uma visita ao prado de corridas do Jockey Club. Nas fotos que aqui reproduzimos aparecem cinco instantâneos da assistência às carreiras de domingo último, vendo-se numa delas a grande estrela de "Balalaika".



A presente fotografia foi tirada na Prefeitura de Anápolis logo após o prefeito Camara Filho haver assinado o contrato com a companhia "Serviços de Engenharia" no ato representado pelo Eng.º João Alves Toledo, para organização do plano diretor, projetos e demais estudos da rede de esgotos sanitários, abastecimento d'água, e calçamento de Anápolis, que é hoje considerado o maior centro industrial do Estado de Goiás.



Um aspecto do casamento realizado no dia 18 de setembro último, no santuário do Carmo, á Rua Martiniano de Carvalho, em São Paulo, da senhorita Liura Lanzara, filha do industrial sr. Felício Lanzara e de d. Argentina Cassoli-Lanzara, com o sr. Francisco Giangrande, filho do sr. Orestes Giangrande, socio da firma J. Moreira & Cia., dali, e de d. Carmen Ipolito Giangrande. No civil foram padrinhos: — por parte da noiva, o sr. Adolfo Milani e sua senhora, d. Carolina Milani, e, por parte do noivo, o sr. Domingos Pagano e sua senhora, d. Maria Pagano. No religioso, por parte da noiva: — o sr. Joaquim Vasconcelos Pereira, desta capital, e sua senhora, d. Amelia V. Pereira, e, por parte do noivo, o sr. Horacio de Melo, e sua senhora, d. Clotilde de Melo.



O Príncipe Façal El-Saude, herdeiro da Arabia, visita Natal, capital do Rio Grande do Norte.

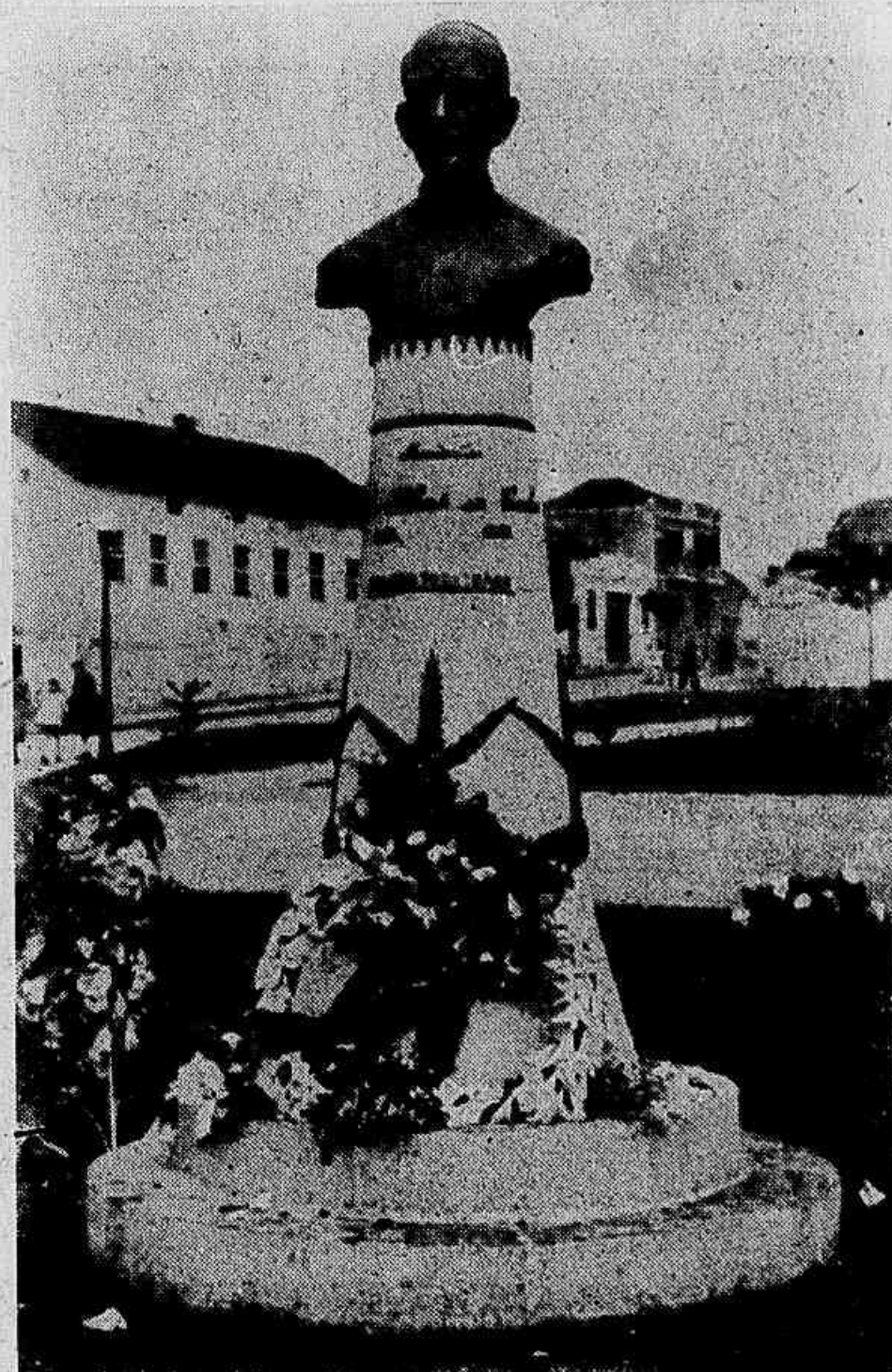
Aspecto apanhado na rua Dr. Barata quando Sua Alteza passava acompanhada da sua corte e de oficiais norte-americanos.

INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

RUGÓL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Dos Estados



Monumento a Monsenhor Celso Itiberê da Cunha cognominado o "Santo do Paraná", inaugurado em Setembro deste ano.

**Quando fôr
a São Paulo**
... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos
**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**
• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)
CASA ANGLO BRASILEIRA Succaterra da
MAPPIN STORES
PRAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO



CONTINUANDO, Eleanor Gunn afirma que "são sumamente interessantes os casacos expostos nas ultimas coleções. Em primeiro lugar parecem mais juvenis e luxuosos. A linha é de côrte solto sem ser exagerado; seu comprimento é de mais ou menos tres quartos e os ombros caem muito bem.

O casaco de duas vistas tem obtido um exito enorme; a variedade é grande, distinguindo-se especialmente o que se confecciona em negro e branco. Em alguns, os que possuem forros presos com broches ou botões em caso de chuva, podem ser colocados "impermeáveis."

Alem dos costumes primavera observamos que o calçado continua original e exêntrico. Assim uns carecem de biqueiras; outros, de calcanhares; em muitos, o salto aparece com modalidades fantásticas. Tiras e fivelas são comuns nos "tipo" sandalias onde combinações de gabardine e couro aumentam o efeito dos adornos. Os lagartos e os crocodilos serão, mais uma vez, sacrificados em massa para a fabricação de bolsas, sapatos e cintos.

Quanto á decantada escassez de couros, não afeta absolutamente aos fabrican-

tes de carteiras pois os mesmos, solucionando admiravelmente este problema, confeccionam bolsas em: seda, setins, etc., apresentando uma nova e notavel coleção "por spring" digna de um registo especial. Para noite, por exemplo, encontramos algumas, de rara beleza, feitas em malhas brilhantes e adornadas com reluzentes pedras brancas ou de cores diversas.

Relativamente aos chapéus sabemos que hoje não tratamos simplesmente de combiná-los apenas com o vestido ou os sapatos, mas devemos ter sempre, no primeiro, algo que nos lembre os ultimos.

Assim os chapéus de palhas transparentes combinam às maravilhas com vestidos ou jaquetas de tecidos vaporosos. Os executados em "piqué" branco casam-se harmoniosamente com blusas ou trajes esportivos em que sobressae a cor marinho.

Quanto aos vestidos enfeitados de pérolas ficam impecaveis quando combinados com boinas ou gorros de tipo "pagem", de castor ou de piqué, que ostentem motivos identicos aos formados pelos botões de pérolas.

No Teatro da Moda
Lucienne de Paris



— "Que manhã quente!", exclamam as estrelinhas de Hollywood. E contemplam, através da larga porta envidraçada do rancho ou da casa de campo, onde presentemente passam as férias, as árvores carregadinhas de flores ou o verde brilhante da relva. Contemplam tudo isso até que o sol — que estranho poder tem o sol — sugere: "Troquem os vestidos pelos "maillots" ou pelos "shorts", babies: Vocês estão ficando muito brancas!"

Esse é o motivo pelo qual Diana Lewis (Metro) mudou seu lindo "maillot" azul e calçou sua sandalia de corda; Joan Leslie (Metro) vestiu seu conjunto marinho com "pois" branco; aquela

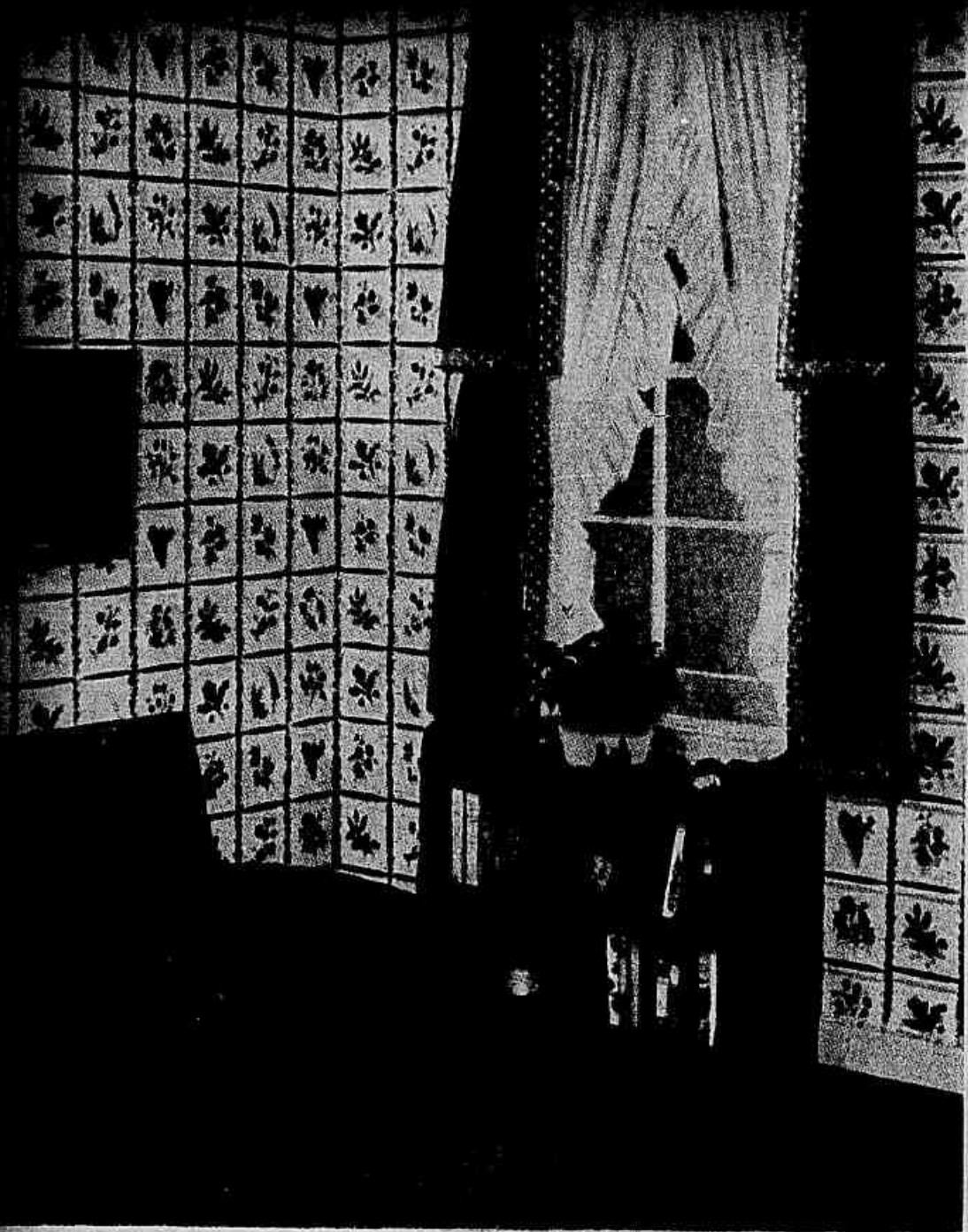
Manhã



lourinha da Universal foi colher flores com a blusinha vermelha e branca combinando com o "short" cor de cereja; Marjorie Lord (Universal), recordando seus avós pioneiros sentou-se na sua confortável cadeira estilo — caravana — para observar o trabalho de jardinagem e finalmente Jane Frazee (como é graciosa essa "novíssima" da Universal!) colocou sua roupinha ingenua de listras brancas e azues e caminhou para a entrada de uma velha mina para ver se encontrava — num milagre de sorte — alguns indícios do "vil metal".



Tropical



O Lar

Para renovar o interior da sua casa você pode, gastando um mínimo, conseguir um máximo de conforto e elegância.

Apresentamos algumas soluções alegres e coloridas para o aproveitamento dos cantos. Papel pintado ou pano com estamparia ligeira, forrando as paredes; uma cortina bem disposta, uma poltrona francesa ou um sofá indiano, mesinha, pequena estante ou um jarro com flores, eis o seu canto de sala maravilhosamente aproveitado.

E depois... deixe que os amigos comentem.



Decorações Primavera



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAL

O Costume dos Samnitas

Conto do escritor francês JACQUES BAINVILLE

Quando sucedeu a seu pai no trono da Índia, o príncipe Tanore resolveu reformar o reino.

Tinha estudado na Escola das Ciências Políticas, de França. Lera os autores franceses. Aprendera a admirar Montesquieu. O *Espírito das Leis* era o seu livro de cabeceira. E, dessa obra célebre, deveras o impressionava, entre outras coisas, o capítulo que recomendava um costume dos antigos Samnitas, introduzido por Platão nas suas leis. O príncipe Tanore sabia de cór esta passagem do grande legislador francês:

"BELO COSTUME DOS SAMNITAS — Os Samnitas mantinham um costume que, numa pequena República e especialmente na situação em que a sua se encontrava devia dar admiráveis resultados. Em certa data reuniam-se todos os mancebos para ser julgados pelos seus merecimentos. O proclamado como melhor de todos tomava por esposa a moça que quizesse; o que tirava o segundo lugar escolhia depois daquele e assim por diante... Seria difícil imaginar para as boas qualidades e os nobres feitos dos homens recompensa mais bela, mais alta e ao mesmo tempo menos dispendiosa para o Estado. Além disso, que salutar influência não exerceria essa tradição no moral dos dois sexos!"

Eis porque o novo soberano resolveu que se abrisse em tal sentido um concurso na sua capital de Kimurloc. Nele entrariam os rapazes de mais notórias virtudes. Os julgadores seriam os anciãos. E, conforme o admirável costume dos Samnitas, os laureados, pela ordem em que fossem designados, escolheriam as companheiras da sua vida.

Debalde, no Conselho do Trono, em que eram preparadas as leis, o ministro Samar tentou formular certas objeções. O príncipe limitou-se a perguntar-lhe se ele estudara na Escola das Ciências Políticas; Samar não teve remédio senão responder que só frequentara a escola dos derviches; e, encerrada a discussão, foi aquele ministro o primeiro a pôr a sua assinatura por por baixo do decreto real.

Pouco tempo depois, abria-se o concurso. Vieram candidatos de todos os pontos da Índia. O príncipe Tanore presidia à cerimônia. E ao lado do trono sentava-se sua irmã Gandur, cuja beleza era tal que olhos de homem que a fitassem não mais se desviavam dela.

O primeiro vencedor designado chamava-se Baduc. Era um antigo combatente da guerra contra os Mongóis. Por suas mãos abatera cem inimigos e assim se cobrira de glória. De volta à sua aldeia, retomara o ofício de cesteiro e sustentava sua mãe parálitica e seu pai cego de ambos os olhos.

Imensa ovação assegurou ao manuseador de vergas que era o mais virtuoso e mais valoroso homem do reino. O príncipe Tanore fez-lhe pessoalmente entrega do diploma; e depois o ministro Samar lhe disse:

— Agora, tu que és o mais ditoso dos súbditos do nosso príncipe, poderás, conforme o costume dos Samnitas, tornado lei de Kimurloc, escolher para esposa, entre as mulheres solteiras de todo o país, aquela que mais te agradar.

Baduc, voltando um olho muito espantado (porque o outro, ele o perdera na guerra) para o rei e o seu ministro, perguntou ainda:

— Mas isso é sério?

Tanore e Samar, com graves sinais de cabeça, responderam-lhe que sim. E Baduc, que desde o princípio da cerimônia não deixara de contemplar, com o seu olho único, a princesa Gandur, estendeu a mão para ela e declarou:

— Escolho esta!

A tais palavras a bela Gandur perdeu os sentidos e as reais faces de Tanore se avermelharam de cólera. A primeira idéia do príncipe foi mandar que prendessem e suplicassem o atrevido. Mas o povo saudava Tanore, Gandur e Baduc em brados de imenso regosijo...

— Senhor... disse-lhe, baixinho, o ministro Samar — há maneira de tudo se arranjar. As leis fundamentais impedem o casamento de pessoas de sangue divino com indivíduos de raça impura... E podemos também fazer desaparecer o insolente Baduc antes da celebração do matrimônio...

Samar era fértil em recursos, além de judicioso e dedicado ao trono. Tinha, porém, um defeito: quando os acontecimentos, como neste caso, o favoreciam, gostava de lembrar e acentuar que era ele quem tinha razão. Por seu lado, Tanore não queria nunca dar o braço a torcer. Custava-lhe muito entregar sua irmã a um cesteiro; mais, porém, lhe custaria voltar com a palavra atrás e diante de toda a gente. Tomando, pois, a mão de Gandur, que fremia de vergonha e de horror, juntou-a com a de Baduc. E o entusiasmo popular redobrou, enchendo de lisonjeira doçura o coração do príncipe.

Prosseguiu o concurso e numerosos candidatos foram designados pela ordem decrescente do mérito. Antes, porém, de dizer o que a outros aconteceu, convém contar até ao fim a história de Baduc.

De volta a palácio, Gandur arrojou-se aos pés de seu irmão e, regando-os de lágrimas, suplicou-lhe que a não entregasse àquele ignobil plebeu, caído de mais a mais. Tanore soltou um grande suspiro, desviou dela os olhos

consternados; mas declarou não poder violar a lei que ele próprio fizera. E anunciaram-se as festas do casamento.

A princípio, a princesa Gandur abandonou-se àquele imenso desgosto. Olhava desesperadamente ao espelho o seu pescoço de cisne, os braços de neve, colo de alabastro, toda aquela beleza que ia ser confiada às mãos dum bruto. Amaldiçoava Platão, os Samnitas e o *Espírito das Leis*. Depois, refletiu melhor e tomou o seu partido.

Terminadas as cerimônias nupciais e vendo-se sozinho com a divina Gandur o cesteiro julgou-se o mais feliz dos homens. Logo, porém, notando a maneira como a esposa o olhava, ficou bastante embaraçado. Dizia consigo que mais à vontade se sentiria diante de cem cavaleiros mongóis...

— Que espera de mim? perguntou-lhe altivamente Gandur.

— Que seja minha mulher...

— E acha isso possível? voltou a princesa com ar de infinito desdém.

A tais palavras a timidez de Baduc converteu-se em indignação. Agarrou Gandur pelos pulsos, fitou nela o olho flamejante. Tão orgulhoso, porém, tão desprezivo se tornou o sorriso da noiva, que o pobre Baduc, vexadíssimo, largou a presa.

Naquela noite Gandur foi dormir em companhia de sua mãe de criação e Baduc, estendido num sofá, passou horas angustiosas, dizendo-se a si mesmo que fizera a maior das asneiras em casar com a irmã do rei.

De manhã cedo os eunucos, informados do que se passava, foram ter com Baduc e felicitaram-no por haver tido nos braços a mais bela das princesas e sei o mais afortunado dos mortais... Baduc não ousou dizer o contrário. Passou a segunda noite ainda mais lamentavelmente que a primeira, porque, tendo bebido à refeição da noite e para se dar coragem, um vinho delicioso, caiu no sono mais profundo. Gandur, que fôra dançar com o príncipe de Bengala, voltou tarde para os aposentos. Ao ver o estado de embriaguez em que o marido se encontrava, chamou a ama e os eunucos. E estes aplicaram ao dorminhoco um barrete com orelhas de burro, como é costume fazer-se em Kimurloc aos homens que se entregam à bebedice.

Ao acordar, Baduc teve vergonha de si mesmo. Sentiu-se desanimado. Passou o dia nas mais aflitas cogitações. Quando o sol desceu no horizonte não teve coragem de afrontar de novo o olhar desprezivo de Gandur. Pensou nos velhos pais, na aldeia onde vivia considerado e feliz... E, discretamente, escorregou pela muralha do terraço e fugiu na escuridão, sem olhar para trás.

O segundo candidato laureado era contabilista numa casa de câmbio. Fez jús ao prêmio por haver denunciado um especulador chinês que trapaceava com o dinheiro da Índia. Ora, contando as rúpias e os tael, Yokim pensava nos séres de essência superior que compõem versos; e nada lhe parecia tão nobre e invejável na terra. Assim, no momento de escolher entre as donzelas de Kimurloc, exclamou sem hesitar:

— Meu coração deseja a poetisa Leila!

Vistas de três quartos e favorecidas, as feições de Leila eram frequentemente estampadas nas gazetas que a cognominavam a Musa da Índia. E toda a gente, na sua família, escrevia.

Ao contrário de Gandur, Leila gostou de ter marido à maneira dos Samnitas; e o contabilista lhe pareceu um bonito rapaz. Quanto a ela, era magra, de tez amarela, nariz pontudo, cabelos negros e ásperos como clinas. Yokim sofreu certa decepção; não quiz, porém, confessar, nem a si mesmo, que fazia outra idéia da poetisa Leila...

Depois vieram-lhe dias de verdadeiro martírio. Foi-lhe proibido ler Valmiki e Rabindranath Tagore. Tinha que admirar incessante e incondicionalmente o gênio de Leila e seu ilustre pai. Vinte vezes entre o nascer e o pôr do sol lhe faziam sentir quão indigno ele era de ter por esposa uma poetisa ilustre, filha do mais insigne vate do século.

Yokim começou a achar aquilo um inferno. Para cúmulo dos seus dissabores matrimoniais, Leila era péssima dona de casa; não tomava conta de nada; a comida vinha horrenda para a mesa; andava tudo fora dos lugares; e, entendendo ela que o gênio tinha privilégios incontestáveis, sendo um deles a paixão, Yokim se tornou o marido mais ludibriado de toda a Índia.

Um dia, cansado de comer mal, admirar os poemas de Leila, ter por sogro o mais ilustre cado do século e sofrer a chacota dos jornais, resolveu pôr termo à existência, atirando-se a um poço. E, para que ninguém o ignorasse, deixou ficar à beira as sandálias embrulhadas num pergamino em que se lia este conselho supremo:

"Não casem com poetisas!"

O terceiro laureado era um pobre pescador que salvara numerosas vidas, disputando-as ao mar. Ao dizerem-lhe que designasse a noiva do seu agrado, emudeceu, porque jamais lhe passara pela cabeça a idéia de semelhante escolha. Diante, porém, das insistências para se pronunciar, exclamou:

— Quero a filha de Zacari!

Zacari, financeiro famoso, possuidor de gigantesca fortuna, não tinha filha. E eis o juri, alguns momentos, perplexo. Depois, foi resolvido que, à falta de filha, seria a sobrinha única de Zacari atribuída ao pescador.

Rebeca, revoltada à idéia dum marido maltrapilho, descalço e cheirando a peixe, teve de ceder, por fim, aos conselhos e injunções do tio, o qual receava que por tal rebeldia os Poderes Públicos se vingassem, agravando-lhe os impostos e outras maneiras lhe atacando os haveres. Transigiu, portanto, a moça; mas jurou que o pescador pagaria caro a sua audácia.

Da primeira vez que viu Sakatlava, mostrou-lhe as unhas primorosamente tratadas, brilhantes como onix e exigiu que ele mandasse também polir as suas e procedesse a outros apuros na própria pessoa, afim de se tornar digno de entrar no tálamo nupcial. O rapaz quiz protestar:

— Não vejo a necessidade de tanta história... Sou um herói e o terceiro laureado do concurso...

— E assim eu me envaideço de ser sua esposa! respondeu Rebeca. — Mas agora que vai ser rico tem que se adaptar ao seu novo estado e fazer como as pessoas de grande fortuna.

Então, profissionais de cada especialidade tomaram conta de Sakatlava. Aplicaram-se banhos, massagens, vaporizações. Fizeram-no passar por todos os tormentos dos institutos de beleza. Depois, e ainda por exigência da noiva, teve ele que aprender a dansa e os esportes. Teve que ir à caça, montar a cavalo, guiar automóvel, praticar jogos de cartas de que não entendia nada, ouvir óperas inteiras... Impôs-lhe então Rebeca a última prova:

— Não bastam as distrações e os prazeres... disse ela, gravemente. — Os homens de fortuna precisam de se familiarizar com o manejo das finanças e dos negócios em geral, sem o que, em pouco tempo, ficarão na miséria.

Assim o pescador teve que se iniciar nos mistérios do dinheiro; alinhar cifras sobre cifras; decifrar balanços; frequentar a Bolsa; conhecer as oscilações do trigo em Calcutá e da seda em Hong-Kong... Ao cabo algumas semanas, sentia-se perdido da cabeça e dos nervos. Não podia mais.

Lembrou-se então de quanto era mais feliz, livre e descalço, quando, com umas simples calças de lona ordinária, se aquecia ao sol nas lages do porto ou, depois de ter vendido o produto da pesca, jogava os dados com os outros homens do mar. Enjoou os encargos e responsabilidades da riqueza e desejou voltar a ser um pobre pescador...

Era esse momento que Rebeca previra e aguardava. Deu-lhe algumas rúpias que o encheram de alegria e pelas quais Sakatlava a declarou quite, deixando-a com os seus castelos, os seus carros, a sua criadagem — pois tão difícil

Continua na pag. 45



Êste é que é Remédio!

Realmente, RHODINE - a boa enfermeira - é um ótimo remédio contra gripe e resfriados. Percebendo os primeiros sintomas, não deixe o mal progredir. Tome logo RHODINE. RHODINE é garantida pelos grandes laboratórios da Rhodia, cujos produtos desfrutam de elevado conceito na classe médica, devido ao alto padrão científico de suas fabricações.



O "R" da Rhodia é a MARCA-SÍMBOLO dos PRODUTOS de VALOR

MODO DE USAR RHODINE

Contra o resfriado comum, basta tomar 1 ou 2 comprimidos a qualquer hora do dia. Mas, se o resfriado já se transformou em gripe, tome, ao deitar, 1 ou 2 comprimidos com um chá-de-canela bem quente.



RHODINE
CAFEINADA

A boa enfermeira

PANAM



Kay Francis (Universal)

O ouro voltou à baila...como joia. E joia pesada, massiça como as escravas, e as argolas que fizeram o encantamento das senhoras de engenho e das pioneiras da Nova-Inglaterra. O brilhante, este nunca saiu de moda, mas agora (cousas da guerra) aliou-se ao rubi, à safira, aos topázios e às ametistas para os prodígios da ouriversaria hodierna.

Essas duas glamourosas que, por sinal, estão muito bem penteadas, nos mostram o apogeu do ouro e das argolas assim como uma das felizes concepções de um joalheiro moderno.

Pergunte a opinião de seu marido. E daí, quem sabe?



Marjorie Lord (Universal)





Copyright 1922 by E. R. Squibb & Sons

Todos os direitos reservados

⊙ Ingrediente de Valor Inestimável

NA cidade de Bagdá vivia Hakeem, o Sábio, a quem muita gente ia pedir conselhos, que ele dava generosamente a todos, nada pedindo em retribuição.

Um dia, chegou-se a ele um moço, que pouco havia recebido em troca do muito que gastara. Perguntou o jovem: "Dize-me, ó Sábio, que devo fazer para receber o máximo em troca do meu dinheiro?"

Respondeu Hakeem: "Uma coisa que

se compra ou se vende não tem nenhum valor, a menos que contenha o que não pode ser comprado nem vendido. Procure o Ingrediente de Valor Inestimável".

"Mas o que é este Ingrediente de Valor Inestimável?" indagou o moço. Então, o Sábio lhe disse: "Meu filho, o Ingrediente de Valor Inestimável de todo produto existente no mercado é a Honra e a Integridade de quem o fabrica. Antes de comprar, repare no nome do fabricante."

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

Há mais de oitenta e cinco anos que a Casa Squibb vem trabalhando intimamente com a classe médica na fabricação de produtos medicinais, com o objetivo de aliviar a dor, evitar e eliminar infecções e impedir a morte prematura. Em milhões de lares, o Selo da Casa Squibb é hoje o sinal de segurança e verdadeiro mérito.

Noticiário Elegante



Aspecto da assistência que compareceu ao unico concerto no Rio, do notavel baritono Leonard Warren, oferecido pela Diretoria do Botafogo de Futebol e Regatas em homenagem á Colonia Americana. O concerto alcançou o esperado sucesso, tendo sido o baritono americano vivamente aplaudido pelos presentes a essa festa de arte.



S. Excia. o Embaixador Caffery tendo ao lado o baritono Leonard Warren e o Presidente do Botafogo de Futebol e Regatas, sr. Eduardo Trindade.

ANIVERSARIOS

DIA 9: — Senhora Carola Rodembourg de Medeiros Neto. Senhores: dr. Mario de Pimentel Brandão, dr. Daniel de Carvalho, major Everardo de Barros Vasconcelos e capitão José Tomaz Gomes.

DIA 10: Senhoras: Lotinha Jouvín Pessoa de Queiroz e Maria Galhane. Senhorita Silvia Buzzone. Senhores: embaixador Raul Regis de Oliveira, Almir de Gouveia Gadelha e Paulo Weber Rodrigues Alves.

DIA 11: — Senhoras: Thereza Sampaio da Silveira e Maria Isabel Cordeiro Filgueiras. Senhores: dr. Adolfo Bergamini e dr. Antonio Murtinho Nobre.

DIA 12: — Senhora Ilza Miranda Correia Pizarro. Senhores: dr. Anibal Porto, professor Americo Valerio e Ilberto Leal.

DIA 13: — Senhores: Eduardo Vitorino, dr. Levindo Eduardo Coelho e capitão de corveta Luiz Felipe Pinto da Luz.

DIA 14: — Senhoras: Cléa Leal da Costa e Odaléa Beauclair Maia Forte. Senhorita Nair de Almeida. Senhores: professor Alcebiades Delamare, jornalista Eurico de Matos, dr. Jaime Pógi e dr. Candido de Oliveira Filho.

DIA 15: — Senhoras: Lourdes Andrade de Castro Nunes e Leonor de Campos Barbosa. Senhores: dr. José de Castro Nunes, ministro do Tribunal de Contas, e Henrique Gigante, nosso colega de imprensa.

Desfile de Modelos



"Cherchez la femme", dizem os franceses, e encontrareis a chave de todos os mistérios. Procurai-a nos poemas e nos quadros mais belos; procurai-a nas mais célebres sinfonias. Por certo a encontrareis. Vitoria Colona e Mona Lisa, Julieta Guiciardi e George Sand, Beatriz e Catarina de Ataíde atravessarão os séculos como fontes eternas da inspiração de Miguel Angelo e de Da Vinci, de Beethoven e de Chopin, de Dante e de Camões.

"Cherchez la femme", afirmam os franceses. A mulher é demasiado sutil e inventa mil artifícios. Conhece principalmente todos os segredos da beleza e todos os meandros da elegância. Com um botão faz um conjunto. Com uma flor, uma "toilette". E quanta coisa nasce de uma linda "toilette"!!

Que o digam esses modelos observados na tarde de ontem, à hora do chá na Brasileira.

S. R.

UENCARELLI
UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

MOBILIÁRIOS PARA ESCRITÓRIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", em seus grandes mostruários anexos às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para residências e escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamentos, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

CREME DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mma. Campos
BRANQUELA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE



BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CRISEIS
ESPEC. GUILHERME KLOTZ

SÃO PAULO - 1471 Av. Ruy Luís Antonio
, TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Paga o valor do tratamento:

NOME: _____
ENDEREÇO: _____

Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com perfeita comodidade

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postica se desprenda ou caia da boca. FIXODENT conserva as dentaduras posticas mais firmes e torna-as mais cómodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido).

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganhacomo a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante". Experimente-o.

PRISÃO DO VENTRE?



Pilulas

ALOICAS

REGULAM O INTESTINO
SEM TENSÃO

Numeros atrasados desta Revista no Maranhão

Pedir a RAMOS D'ALMEIDA & CIA.
Praça João Lisboa, 114 - S. Luis

Vamos



"Um véu sutil da mesma cor que o feltro ou a palha aumenta o encanto de muitos modelos, principalmente agora que os chapéus necessitam acompanhar o colorido dos conjuntos primaveris.

Assim o ornamento branco, em geral flores, na palha brilhante de cor negra, está em pleno uso. Morelle Hosbelle e Dolores Moran ("Warner") atestam-no de forma encantadora.

Quanto a Bárbara Stanwick ("Universal") é muito friorenta e aproveita-se disso para lançar mais um modelo de passeio.

Ela sabe que o seu conjunto é sensacional e é porisso que insiste:

"Vamos sair?"

hair?



FOSFATOS E SAUDE

Todo mundo sabe que o corpo humano elimina diariamente quantidade apreciável de fosfato. E' pois evidente que se precisa recuperar e assimilar certa quantidade deles para conservar o bom funcionamento do organismo.

A deficiência ou perda de fosfato, qualquer que seja a causa, conduz mais ou menos rapidamente a uma situação mórbida. Na vida de hoje ela provém em geral do excesso de trabalho, de preocupações, contrariedades. Para restituir ao organismo o excesso de fosfatos perdidos temos entre nós o excelente preparado NUTRO-PHOSPHAN, que é uma concentração dos fosfatos indispensáveis ao organismo, aliados a tónicos, em veículo xaroposo e agradável. Aprovado pela Saude Pública n.º 1468 em 1923, o TONICO NUTRO-PHOSPHAN faz reaparecer a TRANQUILIDADE dos NERVOS e o bem estar do corpo. Centenas de pessoas empregam diariamente o NUTRO-PHOSPHAN com satisfação e proveito. Façam como eles, comprando hoje em sua Farmácia um vidro de

NUTRO-PHOSPHAN

E' um produto dos Laboratórios "VERIS". Senado. 15 — Rio.

AGUA DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISEPSIA - ULCERAS

Popais

BANKETS



CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACAO

SPR. POL. A CEN. SANIT. N. 60-7-6



Um Sábado no Campo

De manhã, jardinagem e uma volta pela granja à procura de frutos saborosos.
De tarde, depois da sesta, uma boa leitura, uma palestra agradável e música.
À noite, um vestido de tulle negro sobre uma sombra rosa. E depois do jantar, a penumbra e o romance.

◆
Esse ótimo programa para fim de semana é religiosamente cumprido por Shirley Patterson e Ann Miller, ambas esplendidas aquisições, da Columbia.



Da meia noite ao amanhecer

(Continuação da página 8)

— Olhe, Maumeena. Em meu país, o homem sempre dá um anel à sua pequena. Gosta deste? Bonito, não é? Tome. É seu.

Enfiou-o no anular da mão esquerda. Quando ela olhou, ele viu que pela primeira vez a deixara impressionada. Bem contente com esse progresso, Carfax retirou-se para seus aposentos.

Na prisão, esta noite, Cameron tomou uma resolução. A carteira de que se achava de posse denunciava que alguém da tripulação do navio era culpado da morte de Latham. Podia ser um dos sete negros, ou o imediato, ou mesmo o próprio Carfax. Se fosse Carfax, então Cameron iria arruinar-se, mostrando a carteira. Mas, se fosse um dos outros, era de crer que Carfax se colocasse do lado da justiça.

Raciocinando assim, Cameron ficava estirado no seu leito de conchas de terrível mau cheiro e deixava o pensamento correr. Se Carfax fosse culpado, onde teria guardado o dinheiro? Provavelmente no bolso durante o dia e debaixo do travesseiro, à noite. Porque não esgueirar-se e tatear o travesseiro, enquanto Carfax estivesse dormindo?

Assim, naquela noite escura, Jim Cameron empurrou o alçapão da escotilha e emergiu cautelosamente no tombadilho. Três badaladas anunciaram que era uma e meia. Carfax ou estaria dormindo ou de guarda. Esqueirando-se por diante dos camarotes, Cameron percebeu a figura magra de Ingram, de quarto. Portanto Carfax deveria estar no beliche.

Cameron deslisou como uma sombra para a cabine do comandante. Por causa da noite quente, achou a porta aberta. Entrou sem ruído e pôde ouvir a respiração duma pessoa adormecida no beliche.

Tateando furtivamente no beliche, a mão de Cameron tocou no travesseiro. Tocou também alguma coisa mais macia do que o travesseiro, a cabeça duma mulher adormecida.

Como a descoberta assustasse e surpreendesse Jim, sua mão tateante acordou no mesmo momento Maumeena. Ela se sentou com um grito abafado. Então percebeu o delgado vulto de Cameron emoldurado contra a luz das estrelas da porta:

— Jim!

Ele caiu de joelhos a seu lado, junto ao beliche. — Por que é que você está aqui? Quando ela lhe contou, Jim entregou-se a uma fúria alucinada. Dispôs-se a ir procurar imediatamente Carfax.

— Por favor, não diga nada, Jim — suplicou ela. — Vá-se embora depressa. Se ele o descobrir aqui, ele mata você.

Jim viu a cintilação dum anel no dedo da jovem.

— Eu tenho que conservar isto — explicou ela num cochicho, para provar que ele matou Latham.

Jim olhou espantado. — Você quer dizer que este anel pertenceu outrora a Latham? Ela fez que sim. — Uma vez Latham me ofereceu, quando pediu que eu casasse com ele.

Entre a carteira e o anel não havia mais lugar para dúvida quanto à culpabilidade de Carfax.

— Escute — cochichou Jim. — Quando eu sair deste navio, você sai também.

— Toda a vida pretendi fazer isto, Jim — disse ela.

Ele quiz apertá-la estreitamente nos braços, porém ela lhe tolheu o impulso. Havia muito o que planejar. Ele começou um cochicho interminável: — Você finja que não sabe de nada. Depois, quando atingirmos o ilhote de coral...

O ilhote foi avistado oito dias depois da saída de Namoa, sob nuvens cinzentas, com a chuva lavando o convés do **Skipalong**. Recifes de coral, perigosamente submersos, surgiam por todos os lados. Mas, bem à prôa, uma neça de terra circular subia timidamente da linha do horizonte.

Um ilhote solitário e esquecido, remotamente alheio a todas as rotas. Uma linha de palmeiras subia, como bandeiras em festa. Quando a escuna se aproximou, a terra surgiu como um crescente, com as pontas quasi se tocando, e fechando-se numa laguna quasi circular.

As provisões prometidas para Cameron estavam prontas. Maumeena havia induzido Carfax a ser mais generoso do que ele pretendia. Havia um machado, uma pá, faca, cordas, anzóis, potes, panelas, um rolo de cobertores envolvido por um encerado.

A escuna ancorou cerca de um quarto de milha distante de terra.

Fique na sua cabine, Maumeena — ordenou Carfax. — De sua vigia você pode ver-nos desembarcar Cameron, como prometi.

Ela sorriu-lhe agradecida. E Carfax, iludido pela cordialidade da moça, mandou descer o bote carregado. Depois Cameron foi chamado de seu calabouço. Quando o fugitivo surgiu, maltrapilho e desgredado, Carfax sorriu-lhe com ar tolerante. Ele estava tão radiante com a atitude de Maumeena nos últimos tempos que meteu a mais no bote duas calças de mescla.

— Pode ser que demore um pouco até descobrirem você por aqui — fez numa careta. A língua dava-lhe nos dentes, e o próprio Cameron sabia que podia **nunca** mais ser descoberto, num lugar daqueles.

Carfax e Cameron desceram para o bote. Com dois dos negros remando, entraram rapidamente pela rebentação.

Quando a quilha do bote rangeu, Cameron tomou o rolo de cobertores e pulou para a praia. Os negros desembarcaram as outras provisões, enquanto Carfax permanecia na embarcação.

O último pacote foi posto em terra. Então, enquanto Carfax procurava manter o charuto aceso na chuva, Cameron sacou uma carabina de dentro do rolo de cobertores. — Mãos ao alto, vocês três! — berrou ele.

Carfax deixou cair o charuto. Se tivesse uma arma na cinta, não teria tido coragem de usá-la, com a carabina alvejando-o na cabeça. Os dois nativos reviravam os olhos e um deles balbuciou — Por favor, não atire, homem branco.

Todos três levantaram as mãos bem alto.

No mesmo instante, Maumeena saltou da amurada ao mar e veiu nadando entre a resaca.

— Sãa daqui, Carfax, e fique longe — disse Cameron. — Se eu ainda o vir de novo ao alcance da carabina, meto-lhe a carga toda.

Carfax olhou por cima do ombro e viu a rapariga nadando para a praia.

— Então é ssim! — escarneceu amargamente. — Você não vai levar vantagem, porque vou denunciar onde você está ao primeiro consul.

— Você não fará isso, Carfax.

— Que é que me impede?

— O fato de você ter assassinado Latham — e eu posso prová-lo — anunciou Cameron. — Com uma carteira e um anel.

Como Carfax ficasse boquiaberto para ele, Maumeena chegou, emergindo d'água.

— Se a carteira e o anel não são bastantes para condená-lo, disse Cameron, há uma prova adicional numa gruta do rochedo onde eu estava escondido na ilha de Namoa. Agora trate de voltar para seu navio, antes que eu comece a atirar.

Os nativos já haviam saltado dentro do bote. Empurraram-no freneticamente. Jim manteve a arma apontada até ver Carfax subir de novo ao convés do navio.

A chuva caía ainda em batidas.

— Eu preferia que você estivesse com a sua gente, Maumeena — disse Jim.

— Eu prefiro estar aqui com você, Jim — respondeu ela.

Ele sorriu-lhe. Ela era como uma esbelta driade jogada nos seus braços pelo mar.

Nenhum RELOGIO lhe dará tanta SATISFAÇÃO

como o

CYMA

SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.



O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNEA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPANHA PARAMÉ & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.

Quero bom trato!

TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

— Por que você lhe falou numa coisa que ficou na gruta, Jim? — perguntou ela. Cameron riu. — Para ele ficar tonto e voltar para ver o que é e não vir mais atrapalhar-nos. Outra coisa: pode ser que ele escorregue tentando galgar o rochedo. A escuna, viram, já estava navegando no alto mar.

No tombadilho, ao cair da noite, Joel Carfax andava sem sossego. Aquela prova na gruta do rochedo! Que seria que Cameron queria dizer? Seria descoberta? Serviria para acusá-lo?

Quando mais pensava nisso, mais Carfax suava e se afligia. A única coisa segura a fazer, decidiu, era achar a prova e destruí-la. Chamou Ingrams à ponte. — Mude o rumo para Namoa.

O imediato mostrou surpresa. Mas sabia que não adiantava protestar, quando Carfax dava uma ordem.

Com um vento regular, a escuna prosseguiu viagem para Namoa.

Era aventurar-se aparecer ali, admitia Carfax. A prova da gruta podia ter sido já descoberta. Mas, se o complicasse, de qualquer modo o achariam. Seu navio era muito bem conhecido por aquelas ilhas. A coisa mais garantida era voltar atrás, ousadamente. Se perguntassem por Maumeena, juraria que não sabia nada sobre ela.

Para seu grande alívio, quando chegou a Namoa, nenhuma pergunta embaraçadora foi feita sobre Maumeena. Tanto as autoridades francesas como os nativos estavam certos de saber por que ela desaparecera. Sua convicção era que a rapariga, que se sabia enamorada do fugitivo, havia simplesmente ido para sua companhia. Depois do que os dois podiam ter-se metido à noite num pequeno bote, para morrer ou para esconder-se de novo nalguma cortina de coral do mar.

Carfax demonstrou apenas um ligeiro interesse.

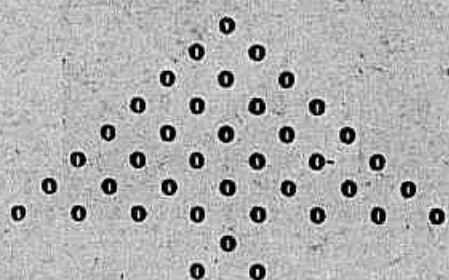
Na sua primeira hora de desembarque, facilmente localizou a gruta, aberta a meia altura do rochedo da praia, que servia de refúgio a Cameron. Quando escureceu, subiu por uma vereda até um platô da floresta e de lá aproximou-se do cimo do rochedo. Espinhos arranhavam-no. Porém chegou ao topo do rochedo, no lugar requerido.

Agrarrando-se firmemente às trepadeiras desceu pela escarpa. De silêncio em silêncio, foi escorregando. Tinha o treino dum marinheiro e o pé não lhe escorregava.

Chegando à gruta, meteu-se nela e iluminou o interior com a lâmpada de bolso. A princípio viu apenas uma candeia a um lado e um cesto de frutas do outro. Carfax examinou cada polegada das paredes de coral. Nada fora escrito nem estava arranhado nelas. Evidentemente era a primeira pessoa a entrar ali desde que Cameron saíra.

Depois, quando Carfax estava prestes a ir embora, viu alguma coisa no chão. Uma disposição especial dos caroços de manga e de mamão. O desenho fê-lo prestar uma atenção ansiosa. Ajoelhou-se para melhor exame.

Aqui estava um código qualquer. Um criptograma de pontos e espaços. A exatidão do desenho surpreendia Carfax, pois o arranjo que estava vendo era este:



Carfax ficou olhando assombrado. Por que fora que Cameron, depois de comer as frutas trazidas por Maumeena, dispusera as sementes daquele modo neste diagrama?

Era uma escrita de pontos e espaços? Ou era sua forma que tinha significação? Uma perfeita seta! Ou a ponta duma lança. Para onde estava apontando a seta? Para sua própria culpa? Precisa apontar somente para uma parede nua.

Mas, claramente a intenção de Cameron tinha sido deixar uma mensagem. Quem poderia traduzi-la?

A coisa confundia inteiramente Carfax. Naturalmente iria desmanchar o diagrama. Porém a chave do que descobrira permaneceria. As provas da culpa ainda existiam — e desde que Cameron as descobrira tão precisamente, alguém podia fazer o mesmo, a qualquer hora.

Desesperadamente, Carfax determinou-se a resolver o problema. Depois saberia o pior e que caminhos evitar. Cuidadosamente copiou a disposição das sementes num velho envelope. Depois derramou os caroços, espalhando-os bem pela gruta.

Retirando-se, desceu para a praia. Depois de voltar para a escuna, deixou-se inquieto no beliche.

A manhã veio e ele resistiu à tentação de descer e fazer indagações. Se não pudessem traduzir a mensagem para ele, seu inquérito seria inútil. E, se soubessem, sua própria culpa seria exposta.

Tirando o envelope, olhou impacientemente para o diagrama. O número das sementes tinha significado? Havia trinta e nove.

Finalmente chamou o imediato. — Isto quer dizer alguma coisa para você, Ingrams? Ingrams lançou um olhar aos pontos e aos espaços. — Uma carta de ilhas, talvez, alvitrou. — Aqueles ilhotes além do arquipélago Baixo estão mais ou menos reunidos assim.

— Não seja louco, Ingrams.

Ao crepúsculo a escuna esgueirou-se entre os recifes e rumou para Papeete. Todo o tempo, Carfax mirava irritadamente seu diagrama. Levava-lhe a imaginação a uma torrente de negras e enxameantes fantasmas.

Seu humor, quando desceu em Papeete, estava impossível. Bebendo a valer, num bar da praia, atracou o comandante dum petroleiro.

— Pode decifrar isto? — perguntou Carfax rapidamente.

— Parecem sinais de tatuagem — disse o homem estudando o diagrama. — Como as que os nativos usam nas ilhas Marquesas.

Mais tarde, Carfax procurou uma solução com o rádio-telegrafista dum transatlântico.

— Não é Morse — disse o homem do sem-fio.

Depois de entregar sua carga, Carfax levantou âncora para Rarotonga. No cáis de Rarotonga procurou de novo auxílio para decifrar o enigma. Nenhuma ajuda obteve, nem aqui nem nos demais portos de escala. Como a escuna continuasse em direção à Nova Zelândia, muitas vezes Ingrams surgia, para encontrar o comandante imerso no estudo do diagrama.

Muitas vezes Ingrams surgia, para encontrar o comandante imerso no estudo do diagrama. — Diabos o levem, Ingrams — explodiu Carfax um dia — eu queria saber o que ele queria dizer com isto.

— Ele, quem?

— Aquele sujeito, Cameron.

— Oh, foi ele que escreveu?

Carfax fez que sim, distraidamente.

Ingrams retirou-se com um brilho astucioso no olhar. Durante semanas andava imaginando porque era que o diagrama intrigava tanto Carfax. Agora uma resposta saltava para o imediato como um raio do céu. Quanto mais pensava, mais certo lhe parecia. Nenhuma outra coisa prenderia a atenção de Carfax com tão ávida persistência.

Mas Ingrams preferiu não revelar sua inspiração a Carfax. Ao contrário, começou a observar e aguardar.

Numa tarde sufocante, no próximo porto, Carfax estava de volta, ao longo do cáis, depois de passar uma hora numa cervejaria. Um pequeno cargueiro escuro estava atracado ao cáis. Seu nome, **Chester C. Dodge**, despertou em Carfax uma leve lembrança. Num momento soube o que era. Era o bote no qual Jim Cameron tinha sido marinheiro, e do qual desertara para uma praia de Namoa.

Era portanto possível que os antigos companheiros de Cameron pudessem decifrar o diagrama de Cameron. Devia tentar tudo e assim Carfax saltou do cáis para o navio vizinho.

Apresentou-se ao comandante, um holandês gorducho.

O comandante Schultz convidou Carfax para o salão. — Chegou justamente na hora do almoço — disse ele radiante.

A comida era horrível. Ingeri-la não melhorou o humor de Carfax. Do mesmo jeito, não gostou também dos modos dum camaroteiro chinês de cara bexigosa que o servia. Contudo, Carfax tirou do bolso o diagrama e o exibiu a Schultz.

— O homem que escreveu isto serviu uns tempos com o senhor, comandante. Um sujeito chamado Cameron. Pode saber o que é?

Schultz examinou-o intrigado. — Não tem pés nem cabeça — disse ele.

Na mesma hora, num ilhote remoto, Jim Cameron gritava alegremente — O almoço está servido, madame.

Maumeena emergiu duma cabana de madeira grosseiramente acabada, com um teto de folhas e o chão de areia branca e limpa.

— Sopa de tartaruga, côcos e peixe — anunciou Jim. — O mesmo menu de ontem, e amanhã teremos de novo. Mas, que tal? Já comi pior, especialmente quando trabalhava no **Chester C. Dodge**.

— Quantos amanhã vamos passar aqui, Jim?

A pergunta acalorou-o. — Quem sabe, Maumeena? Mas tenho um palpite que não há de ser para sempre. O bom Deus não há de querer.

— Estaremos em segurança, se formos embora, Jim?

— Pois não — respondeu ele confiadamente. — Só o fato de Carfax ter tido medo de revelar onde estamos ajudará a acusá-lo. Depois, temos também isto para mostrar contra ele. — Retirou do cinto uma carteira e de dentro da carteira um anel.

— Espero que tenha comido bem — estava dizendo neste momento o comandante Schultz a Carfax.

Carfax quis responder um desaforo mas ficou calado. Daí saiu a interrogar a tripulação, no convés. Perguntou por Cameron a diversos. Cameron tinha um código estranho. Algum deles poderia traduzi-lo?

Ninguém sabia, até que finalmente o camaroteiro chinês se adiantou para olhar o diagrama. "Cameron bom amigo meu", anunciou.

— E? Os chineses são um povo espiritual — considerou Carfax, e assim lhe permitiu que examinasse o enigma.

— Eu sei o que está aqui — disse o homem. — Por dez shillings eu digo o que significa.

Carfax olhou duramente para o sujeito côr de bronze, meio convencido de que era um farsante.

— Muito bem. Leia.

— O chinês estendeu uma mão ossuda. — Quer pagar primeiro?

Carfax deu os dez shillings. — Que é que quer dizer?

— Diz — cantarolou o oriental — que vai haver morte na sua honrada família... muito breve.

As veias do pescoço de Carfax incharam. — Vai haver é um queixo quebrado na sua família, agora mesmo! — estourou ele. A mão fechada despediu um golpe traiçoeiro.

Jogou o camaroteiro a três metros de distância, sobre a amurada, onde a cabeça

(Continua na página 42)

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



**DORES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL

**ENQUANTO VOCÊ DORME,
trabalham os
germes...**



Durante o sono, a fermentação de partículas alimentares que penetram nos interstícios dos dentes favorece a ação dos germes, produzindo o mau hálito. Evite este mal, fazendo bochechos com uma solução do Dentifrício Medicinal Odorans, diariamente. Odorans impede a fermentação e as infecções bucais, como piorréia, gengivites, etc.

ODORANS

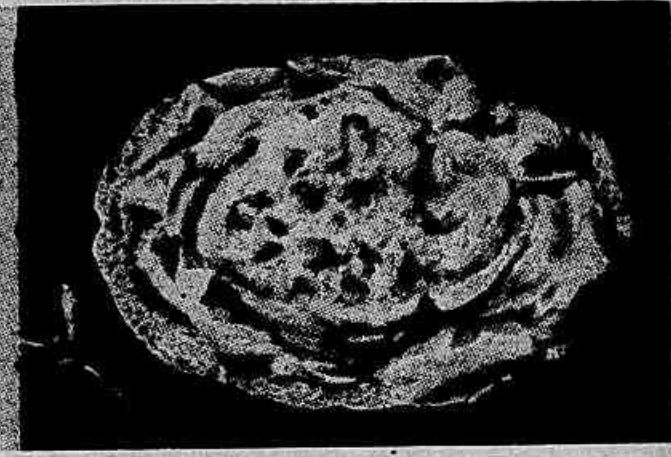
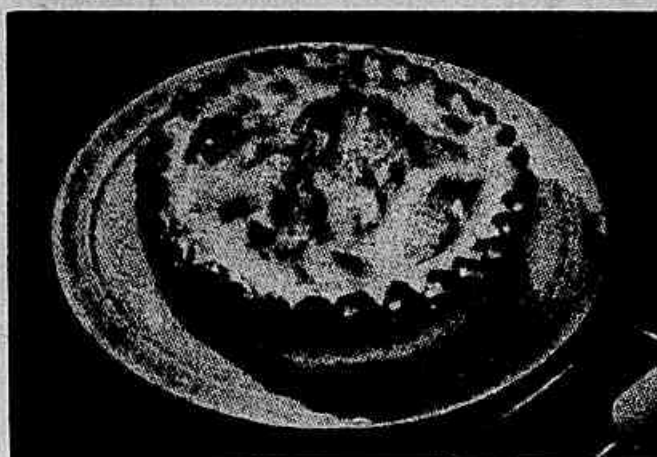
O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Quer lanchar comigo?

Mlle. Savarin

— QUER SALGADINHOS?

CABECINHAS DE OVOS — No fundo de forminhas untadas com manteiga colocam-se tiras de tomates e de trufas. Enchem-se as forminhas com ovos batidos e temperados. Cozinham-se em banho-maria. Tiram-se das forminhas e podem ser servidas frias ou quentes.



OVOS MEXIDOS COM ESPARGOS. — Colocam-se os ovos mexidos em um prato redondo, dando-se-lhe a forma de um anel. No centro colocam-se pedaços de espargos refogados em manteiga. Servem-se estes ovos com molho holandês.

— DOCES?

BUTTERSCOTCH. — Misturam-se 1 xícara de Karo, rótulo vermelho, e outra de Karo, rótulo azul, com 2 xícaras de açúcar, 2 colheres, das de sopa, de creme de leite ou leite gordo e 1/3 de colher, das de chá, de sal. Põe-se tudo a ferver, mexendo-se de vez em quando, até que um pouco de massa derramada em água fria se torne quebradiça. Retira-se do fogo, juntam-se 4 colheres, das de sopa, de manteiga e 1 colher, das de chá, de essência de baunilha. Derrama-se sobre pedra-mármore untada, com manteiga e corta-se em pedaços, enquanto estiver quente.

OVOS NEVADOS — Bata 6 claras em neve. Junte 6 colheres, das de sopa, de açúcar, como para merengada (suspiros). Ferva-se 1/2 litro de leite com 1 pitada de sal. Com uma colherinha, pingue o merengue no leite fervendo; à proporção que o mesmo vai cozinhando vire com uma espumadeira e retire do fogo para um coador. Depois de tudo preparado,coe o leite restante e engrosse com 3 gemas bem batidas, meia xícara de açúcar e 2 colheres, das de sopa, de



Maizena. Despeje esse creme sobre os ovos nevados. Sirva tudo bem gelado. Cuidado, quando engrossar o leite, para não talhar as gemas.

BOLO MAGESTIC — Batem-se 3 colheres, das de sopa, de manteiga, com 3/4 de xícara de açúcar; juntam-se 3 gemas, que devem estar muito bem batidas, e 1 colher, das de chá, de essência. Peneiram-se 1/2 xícara de Maizena, 1 xícara de farinha de trigo e 3 colheres, das de chá, de fermento em pó, e põem-se, alternadamente, com 1/2 xícara de leite, na primeira mistura. Assa-se em forma untada, forno brando.

Cobre-se com o seguinte glacé de limão: — Peneiram-se 250 grs. de açúcar em uma vasilha, misturando-se com 3 colheres, das de sopa, de sumo de limão, e fazendo-se um caldo grosso e liso.

— OU PREFERE GELADOS?

BAVAROISE DE MORANGOS — Lave muito bem um kilo de morangos; depois passe-o em peneira fina. Junte à massa 300 grs. de açúcar e deixe repousar durante uma hora. Derreta 40 grs. de gelatina num copo d'água ao fogo, mexendo, para que a gelatina derreta por igual; depois de bem desfeita e coada, junte-a à massa de morangos, misturando tudo muito bem. Acrescente depois 500 grs. de massa batida. Deite numa forma e leve para a geladeira.





Da meia noite ao amanhecer

Continuação da página 40

do homem bateu com um estalo terrível. Como ele ficasse desacordado, metade da tripulação rodeou Carfax indignada. Schultz apareceu e chamou um policial do cáis.

Carfax acordou na prisão na manhã seguinte, para ficar aterrado com a notícia de que o chinês tinha morrido.

A justiça inglesa andou depressa. No julgamento de Carfax não se fez nenhuma referência ao caso de Latham. Presumivelmente este não tinha nenhuma ligação com o outro. Este era muito simples. O acusado, tendo sido acolhido hospitaleiramente a bordo dum navio, havia tido um assomo de raiva e assassinado com um soco um membro da tripulação.

Não podia haver negativa. Carfax, prontamente julgado, foi sentenciado à morte. Quando chegou o dia da execução, Carfax estava ainda cheio de esperança de indulto. — O governador resolverá à meia noite — disseram-lhe. Mais tarde, trouxeram-lhe um cesto de frutas. A mulher do carcereiro, soube ele, tinha muita simpatia pelos condenados. Sempre lhes mandava alguma coisa para confortar-lhes as últimas horas...

Havia mangas, ameixas, cerejas. Carfax comeu-as andando na cela, dum lado para outro.

Sua janela gradeada abria para o porto. Olhando através das barras, via muitos navios ancorados. Porém seu navio, o **Skipalong**, não estava lá.

Bem longe, a nordeste, nos mares ardentes, um veleiro foi avistado por dois proscritos. Puseram-se a dançar alegremente, gritando quando o barco se aproximou mais. Mesmo quando viram que era o **Skipalong**, sua alegria não se abateu.

Centudo, Jim Cameron estava com a carabina pronta, quando um bote rumou para a praia. Para seu alívio, viu que Carfax não estava nele. Apenas Ingrams e dois dos **kanakas**.

— Abaixa a arma — gritou Ingrams. — Eu quero apenas uma informação. Saltou do bote com um pedaço de papel. Havia nele trinta e nove pontos na forma duma cabeça de flexa.

— Responda-me a isto — propôs o imediato — e eu o levarei daqui.

Jim não se traiu. Fez umas perguntas contidas. Lentamente compreendia que Ingrams estava certo de que o diagrama era o código para a descoberta dum tesouro enterrado.

— Não adianta enganar-me, meu caro — disse o imediato. — Eu sei que você escreveu isto. E conheço Carfax. Ele não estaria dando tratos à bola, se isto não fosse a chave dalgum tesouro.

Jim beliscou o braço de Maumeena, para ficar calada.

— Sim, fui eu que escrevi — admitiu ele. — E eu lhe direi exatamente o que significa, se você nos desembarcar na colônia mais próxima.

Ingrams hesitou. — Como vou saber se você então me contará?

— Você tem que confiar em meu juramento. E o de Maumeena também. Nós damos nossa palavra de honra.

O imediato não conseguiu melhores termos. Assim os levou para bordo da escuna. Uma hora depois, Jim e Maumeena estavam de pé no tombadilho, de mãos dadas, vendo as palmeiras do ilhote sumirem no mar.

Um guarda, à meia noite, entrou na cela de Carfax, com as últimas notícias. O indulto fora recusado; a execução se realizaria, como estava disposto, ao amanhecer.

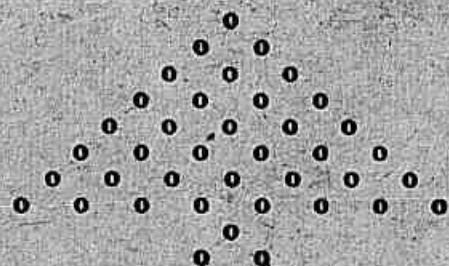
Carfax atirou-se desesperado na enxerga. Apenas cinco horas mais! A angústia desse prazo varava-lhe o cérebro, impiedosamente. A vida sempre lhe parecerá um bem precioso — e agora, dentro de cinco breves horas, estaria morto!

Dirigiu-se à janela do calabouço e sacudiu os varais, freneticamente. Luzes de bordo piscavam para ele, do porto. Logo mais ouviu uma sineta bem clara, do convés mais próximo. Meia hora depois de meia noite.

Ficou ali, esperando, com os sentidos aguçados, no pavor de ouvir o próximo bater de uma hora. Fora somente uma badalada que ouvira? Antes que a contagem do tempo o deixasse confuso, procurou tomar nota. Este careço de ameixa servia. Colocou um caroço isolado, no peitoril da janela. Um caroço para cada quarto de vigília no navio.

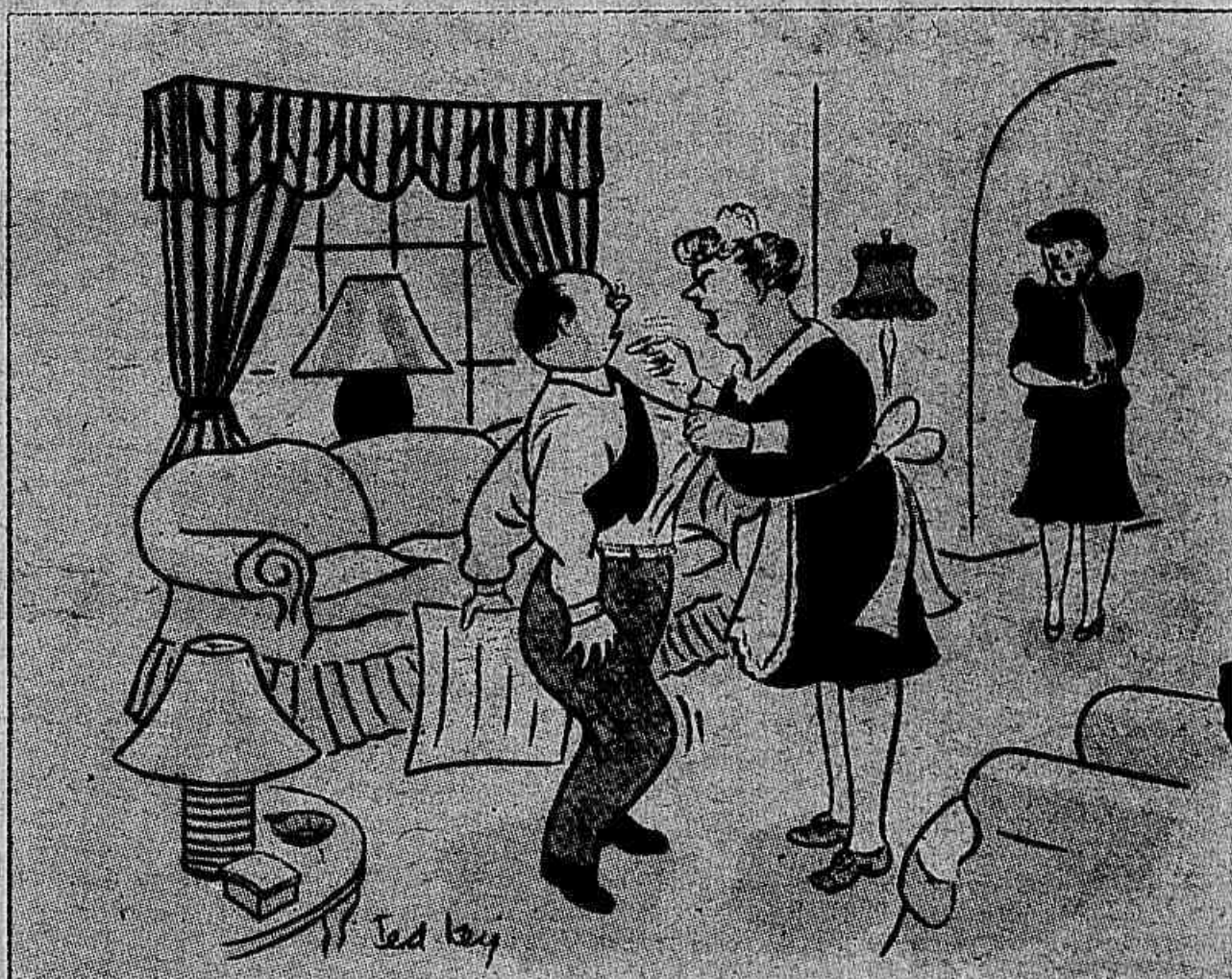
Duas pancadas soaram e Carfax marcou o tempo, colocando dois caroços lado a lado. Uma hora! Um terceiro veio, com três campainhadas e duas horas com quatro. Numa expectativa assim ansiosa, algum tempo antes, havia pensado Jim Cameron, metido numa gruta, esperando a aurora e uma promessa de vida.

Cinco badaladas no navio lá em baixo. Seis! Sete! Otto! Umal! Duas! Assim acabou sua vigília solitária. E Carfax olhou espantado para as marcas, que, por uma ironia de revelação, dispusera no peitoril.

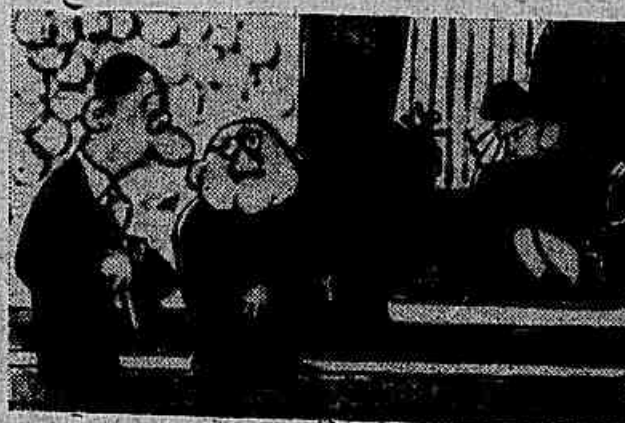


Estavam chegando, agora. O portão escancarou-se. Joel Carfax lançou um último olhar pela janela — para a aurora que subia como uma cortina de coral, na distante curva do mar.

OUTROS RIRAM



— Esta é a quinta camisa que o senhor veste esta semana. Quem é que o senhor pensa que lava roupa nesta casa?



— Estás sempre contrariando tua esposa. Por que?
— Porque a ofensiva é melhor que a defensiva.



— Acho que ficarias melhor com o cabelo no tom natural.
— Talvez. A questão é que já não me lembro de que cor ele era!

O CAPOEIRA

Continuação da página 19

mercial. O tropél dos animais, em disparada, logo dispersava os ousados que se aproximavam para observar os estragos. As ordens eram terminantes: ninguém podia transitar pelas calçadas.

Ignorando as medidas policiais postas em prática, Sebastião descera de um bon-dinho de Botafogo e tomara o passeio em direção ao Largo da Carioca. A meio caminho ouviu uma ordem enérgica, mas não a percebeu bem. E prosseguiu, calmo. O alféres, que lhe bradara para que abandonasse a calçada, esporeou o cavalo e investiu contra Sebastião. Rápido o capoeira esquivou-se, mas não pôde evitar a rude espad-eirada que o atingiu nas costas. A dor fê-lo soltar um rugido, e antes que o militar renovasse o golpe ele o lançava da montada ao solo. A espada caiu-lhe aos pés; o valente, enfurecido, empunhou-a e num gesto de represália ia varar o coração do alféres, que indefeso, deitado sobre as espáduas, o olhava atordoado. Mas, ao ver tanta mocidade e tanta robustez inteiramente à sua mercê, o capoeira amoleceu, lembrando-se do último pedido de sua mãe. Examinou num relance o moço alféres, cheio de vida e saúde, virou e revirou a espada, indeciso, e bruscamente arremessou-a para o lado. Tornou a olhar o militar que se levantava, confuso, e murmurou num misto de desprezo e piedade:

— Você tem máil...
E seguiu o seu destino. Quiseram detê-lo mas o alféres, admirado de sua bravura e generosidade, fez sinal para que o deixassem passar.
Foi essa a derradeira aventura do velho e destemido capoeira, que nunca usara armas.



Mrs. Luther Greene.



Lady Louis Mountbatten.



Mrs. Harrison Williams.

Salvador Dalí é um pintor que além de outras qualidades tem a de ser original. Sua primeira exibição de retratos nas Galerias Knoedler, em Nova York, determinou enorme controvérsia. Desde sua abertura não cessam as discussões em torno da combinação de superfícies lisas da técnica semelhante à da miniatura, do seu desenho impressionante e dos temas suprarrealistas. Nos retratos as pessoas que posaram foram realçadas por objetos os mais diversos, meticulosamente dispostos nas primeiras pinturas; no entanto, alguns dos materiais introduzidos naquelas permanecem nos retratos e a técnica foi conservada.

Cinco exemplos da nova arte de Dalí, na maioria retratos de pessoas proeminentes no mundo social e no mundo elegante, são aqui reproduzidos

UM RETRATISTA ORIGINAL



Mrs. Dorothy Spreckles.



Mrs. Charles Swift.

O COSTUME DOS SAMNITAS

(Continuação da pag. 31).

é acostumarem-se à opulência os que sempre viveram pobres, como habituarem-se à pobreza os que sempre foram ricos.

— Ai está o que sucedeu ao terceiro laureado do concurso instituído pelo príncipe Tanore. Quanto ao quarto, era um lavrador que dava o exemplo, bastante raro, da fidelidade à vida do campo, do apego aos antigos costumes e

do respeito pelos antepassados. Convidado Rahadit a escolher esposa entre as donzelas do reino, disse simplesmente:

— Não quero outra companheira senão Rahadita, de quem sou noivo desde a infância.

Rahadita era da mesma condição, como iguais eram as suas fortunas. Tinham sido criados e educados nos mesmos usos e segundo os mesmos princípios. E assim sem dúvida foram perfeitamente felizes e só a morte os separou.

Diante do relatório dos resultados do concurso e uma vez reunido o Conselho do Trono, o próprio Tanore decidiu que fosse abolido na Índia o costume dos Samnitas.

— Talvez então... insinuou maliciosamente o ministro Samar — fosse bom decretar que todos os súbditos de Vossa Luminosa Majestade seguissem o exemplo de Rahadit, desde a infância noivo da sua Rahadita.

— Não, não, deixemo-nos de novas leis! respondeu Tanore.

